



Anna Paula Bezerra da Silva

**“Acabava sendo sempre eu o punido, né. Por não querer
estar ali”: narrativas de micro violências institucionais para
com pessoas LGBTQIA+**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos
Estudos da Linguagem pelo Programa de
Pós-graduação em Estudos da Linguagem da
PUC-Rio.

Orientadora: Liana de Andrade Biar

Rio de Janeiro
Setembro 2022



Anna Paula Bezerra da Silva

“Acabava sendo sempre eu o punido, né. Por não querer estar ali”: narrativas de micro violências institucionais para com pessoas LGBTQIA+

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Liana de Andrade Biar

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Leandro da Silva Gomes Cristovao

CEFET/RJ

Etyelle Pinheiro de Araújo

PUC-Rio

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2022.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e das orientadoras.

Anna Paula Bezerra da Silva

Graduou-se em Letras - Português e Inglês (Licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2019. Durante a graduação, foi bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no Subprojeto Inglês no período de 2014 a 2016, e atuou como professora assistente de Inglês no Colégio Teresiano (CAP/PUC) durante 2018 e 2019. Atualmente, trabalha como professora de Inglês e Oralidade no Colégio Alfa Cem Bilíngue e dedica-se ao ensino de Língua Inglesa em aulas particulares online. Suas áreas de interesse compreendem Análise de Narrativa, Linguística Queer e Linguística Aplicada.

Ficha Catalográfica

Silva, Anna Paula Bezerra da

“Acabava sendo sempre eu o punido, né. Por não querer estar ali” : narrativas de micro violências institucionais para com pessoas LGBTQIA+ / Anna Paula Bezerra da Silva ; orientadora: Liana de Andrade Biar. – 2022.

118 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Análise de narrativa. 3. Linguística Aplicada Contemporânea. 4. Linguística Queer. 5. Teoria Queer. 6. Homofobia Recreativa I. Biar, Liana de Andrade. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Dedico este trabalho para todos aqueles que não puderam estar presente para a leitura do mesmo pois tiveram as suas vidas arrancadas, e para todos aqueles que continuam resistindo e persistindo todos os dias. Esta pesquisa é de vocês e para vocês!

Agradecimentos

À Deus, meus guias e todas as forças divinas que me abençoam e abrem meus caminhos todos os dias, permitindo com que eu possa realizar os meus sonhos. Amém! Axé!

Aos meus pais, mas em especial a minha mãe, pois sem a sua garra e força eu não estaria em pé e viva hoje. É você quem me levanta todos os dias, é por você que eu estou aqui hoje. Quando eu não tenho fé, é com a sua fé que eu continuo lutando. Obrigada por nunca desistir de mim.

Aos meus amigos que viram a minha luta diária e me ajudaram dando forças para continuar quando eu queria desistir: Thais Oliveira, Pedro Henrique Rodrigues, Emanuel Morais, Thaynara Teixeira, Arthur Barcellos e Ana Carolina Serpa. Sem vocês eu não existiria. Obrigada por todo o carinho e compreensão, e acima de tudo, por serem a minha âncora!

À Yasmin Barros e Alex Figueiredo. A ajuda e o apoio de vocês na construção dessa pesquisa foi essencial! Sem o apoio, as dicas e os puxões de orelha nada disso seria possível. Muito obrigada!

À minha gata Léia. Você é muito mais que um animal de estimação para mim. Você apareceu na minha vida quando eu pensava em desistir de tudo e com uma patinha me salvou. Minha companheira durante as noites e madrugadas de escrita, me dando carinho e amor. Obrigada!

Aos entrevistados e colaboradores dessa pesquisa. Muito obrigada por se disponibilizarem a participar e por dividir comigo suas histórias. Sei como é difícil revisitar momentos dolorosos e espero que esse trabalho possa trazer um pouco de reflexão, luz e esperança para um futuro melhor. Sem vocês não existiria uma pesquisa. Ela é de vocês também!

À minha orientadora, Profª Drª Liana de Andrade Biar, por todo o apoio, incentivo, contribuições e orientação. Obrigada por toda a confiança depositada em mim e no meu trabalho como pesquisadora.

Aos membros formadores da minha banca: Etyelle Pinheiro de Araújo e Leandro da Silva Gomes Cristovão. Muito obrigada pelo interesse e disponibilidade para a leitura da minha dissertação. Todas as contribuições foram muito importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

À todos os membros do grupo NAVIS. Muito obrigada por me permitirem fazer parte desse grupo tão incrível e cheio de pessoas maravilhosas, e obrigada pelo apoio e pelas valiosas dicas ao longo do Mestrado.

À todo o corpo docente e aos funcionários do departamento de Letras e do PPGEL da PUC-Rio, pela atenção, carinho e dedicação ao longo desse percurso. Principalmente em tempos de pandemia, vocês foram essenciais para que os alunos continuassem suas pesquisas.

À todos aqueles que acompanham e/ou acompanharam a minha trajetória acadêmica e profissional. Antigos e novos. Obrigada por todo o apoio e incentivo!

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de estudos e auxílios financeiros que possibilitaram a minha dedicação a essa pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Silva, Anna Paula Bezerra da; Biar, Liana de Andrade (orientadora). **“Acabava sendo sempre eu o punido, né. Por não querer estar ali”**: narrativas de micro violências institucionais para com pessoas LGBTQIA+. Rio de Janeiro, 2022. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Nesta dissertação, tenho por objetivo analisar, refletir e gerar entendimentos acerca das vivências de pessoas LGBTQIA+, sublinhando suas experiências em ambientes institucionais como: escola, família e igreja. A partir da Análise de Narrativas (Linde, 1993; Moita Lopes, 2001; Bastos, 2005; Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2006; Bastos; Biar, 2015; Biar; Orton; Bastos, 2021) irei direcionar o meu olhar para as possíveis situações de micro violências e estigmatização vividas por indivíduos por conta de suas orientações sexuais; observando, na construção narrativa, como isto afeta e/ou afetou suas trajetórias e identidades. Esta pesquisa está situada no campo da Linguística Aplicada Contemporânea (Moita Lopes *et al.*, 2006; 2013), com interfaces com a Linguística *Queer* (Borba, 2014; 2015; 2019), a qual entende que o uso da linguagem está relacionado às práticas sociais e a como construímos e entendemos quem somos e a nossa sexualidade. Além disso, também recorro à Teoria *Queer* (Butler, 2003 [1990], Foucault, 2020 [1976]; Sedgwick, 1985; 2007 [1990]; Milani; Woff, 2015; Miskolci, 2020; Louro, 2007; 2020). O paradigma qualitativo (Denzin; Lincoln, 2006) orienta a metodologia do estudo, o qual será desenvolvido a partir dos dados gerados em entrevistas conversacionais (Mishler, 1986) realizadas com pessoas da comunidade LGBTQIA+. Ao final desta pesquisa, algumas das possíveis reflexões geradas nos levam a entender como as práticas homofóbicas são normalizadas nos discursos como forma de “brincadeira” e regulamentação dos corpos, gerando desconforto e até mesmo um sentimento de solidão em especial por conta da falta de amparo em ambientes institucionais.

Palavras-Chave

Análise de narrativa; Linguística Aplicada Contemporânea; Linguística *Queer*; Teoria *Queer*; LGBTQIA+; discursos institucionais; homofobia recreativa; micro violências.

Abstract

Silva, Anna Paula Bezerra da; Biar, Liana de Andrade (adviser). ***“It ends up that I was always the one who got punished, right? Because I didn’t want to be there”*: narratives of institutional micro-violence to LGBTQIA+ people**. Rio de Janeiro, 2022. Master’s Dissertation - Letters Department, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

In this dissertation, I aim to analyze, reflect and generate understanding about the experiences of LGBTQIA+ people, emphasizing their experiences in institutional environments such as school, family, and church. Based on Narrative Analysis (Linde, 1993; Moita Lopes, 2001; Bastos, 2005; Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2006; Bastos; Biar, 2015; Biar; Orton; Bastos, 2021) I will direct my gaze to the possible situations of micro-violence and stigmatization experienced by individuals because of their sexual orientations; observing, in the narrative construction, how this affects and/or affected their trajectories and identities. This research is situated in the field of Contemporary Applied Linguistics (Moita Lopes et al., 2006; 2013), with interfaces with *Queer* Linguistics (Borba, 2014; 2015; 2019), which understands that the use of language is related to social practices and how we construct and understand who we are and our sexuality. In addition, I also draw on *Queer* Theory ((Butler, 2003 [1990], Foucault, 2020 [1976]; Sedgwick, 1985; 2007 [1990]; Milani; Woff, 2015; Miskolci, 2020; Louro, 2007; 2020; Miskolci, 2020;). The qualitative paradigm (Denzin; Lincoln, 2006) guides the study's methodology, which will be developed from the data generated in conversational interviews (Mishler, 1986) conducted with people from the LGBTQIA+ community. At the end of this research, some possible reflections lead us to understand how homophobic practices are normalized in discourses as a form of "jokes" and regulation of bodies, generating discomfort and even a feeling of loneliness, mainly because of the lack of support in institutional environments.

Keywords

Narrative analysis, Contemporary Applied Linguistic; *Queer* Linguistic; *Queer* Theory; LGBTQIA+; institutional discourses; recreative homophobia; micro violence.

Sumário

1 Por que ainda é preciso pesquisar as vivências de pessoas LGBTQIA+?	12
2 Caminhos da pesquisa	16
3 Processos metodológicos	23
3.1 Natureza da pesquisa: pesquisa qualitativa-interpretativa	23
3.2 Análise de narrativa	25
3.2.1 As contribuições labovianas	25
3.2.2 As viradas narrativas e o campo como entendemos hoje	26
3.3 Entrevista de pesquisa semiestruturada	27
3.3.1 Contexto de pesquisa e geração de dados	31
3.3.2 Eleição dos participantes	33
3.3.3 Transcrição dos dados	39
3.4 Procedimentos de análise	39
3.4.1 Seleção dos excertos	40
3.4.2 Categorias analíticas	41
4 Orientação teórica I: Linguística Aplicada	47
5 Orientações teóricas II: Linguística Queer, Teoria Queer e a Regulamentação dos corpos	51
5.1 <i>Queerizando</i> a pesquisa	51
5.2 Teoria Queer	53
5.3 Linguística Queer	54
5.4 Regulamentação dos Corpos	56
6 Homofobia recreativa	60
7 Análise dos dados	67

7.1 João: “Eu demonstrava muita coisa que não era pra demonstrar”	67
7.2 William: “acabava sempre eu sendo o punido, né. Por não querer estar ali”	80
8 Reflexões momentâneas	95
9 Referências Bibliográficas	99
10 Anexos	107

Convenções de transcrição

...	pausa não medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
<u>sublinhad</u> o	Ênfase
°palavra°	palavra em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
:ou::	alongamentos
[início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada, reconstrução de um diálogo
hh	aspiração ou riso
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação

Convenções de transcrição sugeridas por Bastos e Biar (2015) – convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989).

*“Um novo tempo há de vencer
Pra que a gente possa florescer
E, baby, amar, amar sem temer”
(Flutua - Johnny Hooker feat. Liniker)*

1

Por que ainda é preciso pesquisar as vivências de pessoas LGBTQIA+?

Infelizmente, ainda vivemos em um mundo que não é seguro para aqueles que vivem à margem da sociedade. Seja por ser mulher, pessoa preta, pertencente a comunidade LGBTQIA+¹, pobre, trabalhador ou qualquer outro grupo que não esteja dentro de um escopo que ofereça uma garantia de vida e/ou poder. Quando se vive à margem, se tem medo pela sua própria segurança e daqueles que amam. Viver é sempre um ato de resistência. E, mesmo que esteja presente no Art. 5º da Constituição Federal Brasileira que somos todos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, nos garantindo diversos direitos, dentre eles o direito à vida, à liberdade, igualdade e segurança, sabemos que na realidade estes direitos estão realmente reservados e garantidos a apenas uma parcela da sociedade.

Por mais que eu considere ser de suma importância abordar todos esses temas e refletir sobre as situações de violência e negação dos direitos básicos de todos aqueles que são considerados “minorias” na sociedade (apesar de sabermos que grande parte desses grupos não são minorias em relação a números populacionais), neste trabalho meu foco está direcionado à população LGBTQIA+. Ser gay, lésbica, bissexual, trans e/ou não binário ainda é um risco de vida. De acordo com o periódico *El País*, ao redor do mundo existem cerca de 72 países nos quais é crime ser da comunidade LGBTQIA+, sendo que em 13 deles uma pessoa pode ser condenada à pena de morte devido a sua orientação sexual. Embora vivamos em um país com uma maior liberdade sexual e de expressão, além de não ser crime experienciar a sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, o Brasil é um dos países que mais mata pessoas LGBTQIA+.

¹ A sigla LGBTQIA+ é uma das variantes da sigla LGBT e a mais usada ultimamente. Se refere a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuados, etc. O símbolo + indica a inclusão de outras orientações sexuais e identidades de gênero. Ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT>. Acesso em: 17 ago. 2021.

Somente no ano de 2021, nosso país registrou 300 ocorrências de mortes violentas de gays, lésbicas e/ou transexuais; um aumento de 8% em relação ao ano anterior, sendo 276 homicídios e 74 suicídios. De acordo com o Grupo Gay da Bahia², a cada 19 horas, uma pessoa LGBTQIA+ é morta no país. E, segundo a Rede Trans Brasil³, a cada 26 horas, aproximadamente, uma pessoa trans é assassinada. Cada ano que se passa, as condições físicas e psicológicas de se viver em um país com um conservadorismo grande em ascensão está se tornando cada vez mais insustentável.

Com o decorrer dos anos, e após muita luta, a população LGBTQIA+ teve importantes conquistas de direitos básicos, como o Decreto nº 8.727 de 2016, assinado pela ex-presidenta Dilma Rousseff, o qual dá o direito ao uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas transexuais e travestis. Também se destacam a criminalização da homofobia e transfobia em 2019 e o direito ao casamento e adoção para casais homoafetivos. Contudo, ainda há muita estrada para se caminhar. Pois, a população LGBTQIA+ ainda é muito afetada pela falta de políticas públicas eficientes e pela falta de amparo da justiça e da sociedade. Como podemos ver, por exemplo, durante a pandemia de COVID-19 cresceu consideravelmente o número da população de rua no Brasil, por conta da falta de empregos, sendo grande parte dela composta por pessoas negras e da comunidade LGBTQIA+. Segundo dados divulgados pela CNN Brasil, 6 em cada 10 pessoas da comunidade tiveram redução de renda ou perderam seus empregos.

Quando o assunto é educação, os números também são desoladores. Segundo o *Portal Aprendiz*, 82% das pessoas trans sofrem com a evasão escolar. E, mesmo que muitas universidades federais possuam um sistema de cotas para esta população, ainda há o problema com relação ao acesso dessas pessoas e depois com sua permanência nas instituições. Ainda de acordo com o *Portal do Aprendiz*,

² O Grupo Gay da Bahia (GGB) é uma organização não governamental (ONG) voltada para a defesa dos direitos dos homossexuais no Brasil. Fundada em 1980, é a mais antiga associação brasileira de defesa dos gays ainda em atividade. Perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/grupogaydabahia/?hl=en>. Ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Gay_da_Bahia. Acesso em: 20 fev. 2023.

³ A Rede Trans Brasil é uma organização não governamental (ONG) voltada para a luta pelos direitos humanos e a cidadania plena para travestis, pessoas trans e de gêneros diversos. Perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/redetransbrasil/?hl=en>.

em 2019, o atual presidente Jair Bolsonaro pediu o cancelamento de um vestibular da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofobia Afro-Brasileira) o qual ofertava 120 vagas para pessoas trans, travestis, intersexuais e não-binárias.

Com relação à escola, uma matéria no *site* da TV Brasil aponta que 75% dos jovens brasileiros já relataram ter sofrido algum tipo de bullying relacionado a sua expressão de gênero e/ou orientação sexual, 37% já sofreram violência física e 60% não se sentem seguros dentro do ambiente escolar. Por conta disso, muitos adolescentes acabam largando os estudos por não se sentirem bem-vindos nestes locais, os quais deveriam ser de acolhimento. Ademais, quando falamos sobre ambientes familiares, muitas pessoas LGBTQIA+ são silenciadas dentro de suas próprias residências, e, se não sofrem violência física, também acabam sendo expulsas de casa.

Por conta de tudo que foi apresentado, considero de suma importância direcionar nossos olhares para as vivências dessas pessoas e refletir como a nossa sociedade ainda se pauta em padrões brancos, ocidentais e cis-heteronormativos fazendo um nivelamento para decidir quais são aqueles considerados “normais” e aceitos e os que são subjugados e deixados à categoria de abjetos, indesejados. Além disso, considero fundamental refletirmos sobre as nossas práticas discursivas, pois muitas dessas atitudes homofóbicas e preconceituosas que ocorrem no dia a dia são feitas através de falas e discursos presentes na estrutura da nossa sociedade. São atitudes e posicionamentos que foram normalizados e perpetuados, seja pela mídia ou qualquer outra instituição de poder social.

E, é por conta disso, que farei uso da Linguística Aplicada Contemporânea (Moita Lopes *et al.*, 2006; 2013) e Análise de Narrativa (Linde, 1993; Moita Lopes, 2001; Bastos, 2005; Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2006; Bastos; Biar, 2015; Biar; Orton; Bastos, 2021), além de outras orientações teóricas, como ferramentas e guias para embarcar nessa jornada de entendimentos acerca das micro violências institucionais vividas por pessoas LGBTQIA+. Pois, faz parte da *agenda política* da Linguística Aplicada Contemporânea abordar temas que

sejam de relevância para a sociedade por entender que as nossas práticas discursivas envolvem escolhas que geram impactos diferentes no mundo social e nele podem interferir de diversas formas (Fabrício, 2006). Além disso, por estar olhando as vivências relatadas em narrativas produzidas em situação de entrevista semiestruturada (Mishler, 1986), parto do princípio que através do ato de narrar organizamos as nossas experiências de vida por meio da linguagem (Bastos, 2005), e por conta disso, estarei analisando as vivências de sujeitos diversos, o que acarreta levar em consideração as suas subjetividades.

Entretanto, é importante pontuar que, as vivências existentes dentro da vasta representatividade presente em cada sigla da comunidade são quase impossíveis de serem todas abordadas e representadas nesta curta pesquisa de mestrado. Por conta disso, irei me debruçar especificamente sobre a vivência de dois homens gays e suas possíveis situações de micro violências institucionais vividas. Claramente que essas micro situações sociais dentro de um macro não fala por toda uma comunidade, mas é possível, a partir delas, refletir sobre os discursos homofóbicos normalizados em nossa sociedade e como a ramificação deles vem a impactar não somente gays, como outras vivências dentro da sigla LGBTQIA+.

Por fim, após apontar a relevância desse estudo para, não somente a comunidade acadêmica, mas também a sociedade, encaminho-me para a apresentação dos objetivos e caminhos percorridos nesta pesquisa.

2

Caminhos da pesquisa

A inquietação que existe em mim e me fez mergulhar nos estudos sobre a comunidade LGBTQIA+ para gerar entendimentos sobre suas vivências e dores vem de longa data; antes mesmo até da ideia original desta dissertação, a qual nasceu durante um trabalho acadêmico no meio da graduação. Acredito que parte desta ânsia nasce de motivos pessoais, os quais ainda não posso mencioná-los neste trabalho (quem sabe futuramente), mas a maioria vem da época de escola, durante o Ensino Médio. Contudo, eu nunca havia pensado sobre as minhas motivações anteriormente, pelo menos não até o momento em que comecei o processo de escrita desta dissertação.

Durante o Ensino Médio, um dos meus grandes amigos me escolheu para sair do armário pela primeira vez. Nós tínhamos acabado de nos conhecer, mas ele acreditou que poderia confiar em mim naquele instante. E, a partir daquele momento, não somente a nossa amizade se firmou em um laço de amor tão grande que perdura até hoje, como me motivou a pesquisar e a defender as causas LGBTQIA+ com muito afinco. A partir disso, comecei a estudar mais a fundo sobre a comunidade, seu histórico de luta; sobre o que é homofobia e como a nossa sociedade perpetua e legitima atos homofóbicos, seja no dia a dia com falas preconceituosas e maldosas mascaradas como “piadas” e “brincadeiras” ou com o jargão de “é somente a minha opinião”, tanto em divisões machistas sobre aquilo que é considerado “apropriado” para meninas e para meninos, por fim, chegando a restrições de direitos básicos. Usando-se muitas vezes de discursos religiosos como artifício para julgar e condenar quem não seguir o padrão desejado de comportamento social. Quanto mais eu lia e conversava com outras pessoas da comunidade, mais me dava conta das micro e macro violências que eles viviam e vivem até hoje.

Com isso, o tempo foi passando e eu me engajando cada vez mais nas lutas pelas causas da comunidade LGBTQIA+. Enquanto isso, também ia passando pelos meus próprios processos e questionamentos internos. Durante o período da faculdade comecei a fazer parte do projeto PIBID (Programa Institucional de

Bolsa de Iniciação à Docência) entre 2014 e 2016. Durante esses dois anos de projeto, não somente me foi dada a oportunidade de ter as minhas primeiras experiências como professora de línguas, mas também me inseriu no mundo da pesquisa. A partir deste momento, comecei a ter mais questionamentos tanto para assuntos ligados a sala de aula, ensino e aos professores, quanto aumentou o meu interesse sobre temas relacionados a gênero e sexualidade.

Ao mesmo tempo, uma onda fascista e conservadora vinha ganhando forças no Brasil, a qual culminou na atual situação em que nos encontramos, em meio a uma onda de desemprego, fome, altos preços no mercado e muitas pessoas morrendo - seja pela falta de comida e moradia ou por não compactuar com as ideologias do atual governo. Por conta disso, uma das minorias afetadas foi a comunidade LGBTQIA+, tanto durante o período pré-eleitoral, quanto agora pela passagem deste (des)governo.⁴

Além do crescimento das mortes e perseguições para com a população LGBTQIA+, também ocorreram *fake news*⁵ sobre uma tentativa de implementação de uma “Ideologia de Gênero” nas escolas, fazendo com que o movimento *Escola Sem Partido*⁶, o qual tenta podar os professores e regular suas metodologias de ensino, criasse forças novamente com o intuito de “proteger” as nossas crianças de ideais que vão em movimento contrário aos princípios dos conservadores. Para mais, crescia-se um debate acerca da proibição de aulas sobre educação sexual dentro das escolas e em relação a não se abordar gênero e sexualidade com as crianças e os adolescentes. Acrescentado a isso, mentiras sobre a distribuição de materiais com conteúdo impróprio para crianças como forma de induzi-las a se “tornarem” gays, como parte de uma ditadura “gayzista” contra heterossexuais.

⁴ O termo *(des)governo* foi cunhado durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) no Brasil com intuito de sintetizar os inúmeros descasos, corrupção e desmonte da economia, educação, saúde, etc. Com isso, entendemos seu governo como inexistente, mal administrado, fascista, genocida e corrupto.

⁵ *Fake news* é um termo da Língua Inglesa que é usado para referir-se a falsas informações divulgadas, principalmente, em redes sociais.

⁶ É um movimento conservador de direita criado em 2004 por Miguel Nagib, procurador do Estado de São Paulo, e ganhou forças com a ascensão de Jair Bolsonaro. Este movimento acredita que as escolas precisam ser neutras e sem influências de nenhum posicionamento político. Ver: <http://www.escolasempartido.org>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

Todo esse “circo” armado pela direita conservadora brasileira no período pré-eleição em 2018 me incomodava bastante. E no ano de 2017, durante a disciplina de Escrita Acadêmica, me veio a ideia de perguntar aos alunos das escolas sobre toda essa discussão que estava sendo gerada. Pois, todo mundo opinava a respeito do tema: professores, educadores, políticos, especialistas, etc., mas ninguém perguntava aos alunos suas opiniões. Então, como ideia de trabalho final, decidi retornar para a escola na qual participei do projeto PIBID e preparei uma atividade de cunho pedagógico e exploratório com a finalidade de levantar reflexões em relação ao debate sobre gênero e sexualidade nas escolas. A partir dos entendimentos gerados com essa pesquisa, veio a ideia inicial do meu projeto de mestrado.

Inicialmente, meu foco estava todo direcionado a procurar possíveis narrativas de violências escolares sofridas por pessoas LGBTQIA+ com o intuito de criar intangibilidade e um debate sobre como possivelmente as escolas ainda perpetuam esses comportamentos dentro de suas instituições. Porém, por trabalhar com Análise de Narrativa (Linde, 1993; Moita Lopes, 2001; Bastos, 2005; Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2006; Bastos; Biar, 2015; Biar; Orton; Bastos, 2021) e entender que os dados gerados irão me guiar, e muitas vezes aquilo que me salta aos olhos poderá ir para uma direção diferente da qual eu tinha inicialmente, o foco da pesquisa foi se moldando para outro rumo.

Devido a isso, esta pesquisa tem por objetivo direcionar o olhar não somente para as situações de micro violências sofridas em ambiente escolar, mas também pelas mãos de outras instituições que nos cercam, como a igreja e a família. Colocar uma lente sobre a vivência de duas pessoas da comunidade LGBTQIA+ com o intuito de refletir, analisar e gerar entendimentos acerca dessas possíveis situações de micro violências, sobre como a regulamentação de seus corpos ocorre por meio de tais discursos, os quais promovem a marginalização desses corpos subjugados, e quais são os impactos disso. Pois, através do discurso, essas instituições têm o poder da manutenção de ideias normatizadoras que jogam à margem aqueles que não seguem o padrão cis-heteronormativo esperado. E, além disso, escolho fazer isso por meio da análise das nossas práticas discursivas, pois

as entendo como uma ponte para compreender as nossas práticas sociais e a realidade ao nosso redor.

Como justificado no primeiro capítulo desta dissertação, acredito ser de suma importância se debruçar sobre esses temas, visto que ainda vivemos em uma sociedade na qual ser homossexual, bissexual, lésbica e/ou transexual ainda é um risco de vida. Pois, essas pessoas ainda convivem com o medo de não serem aceitas, de serem julgadas e ridicularizadas, ou pior, morrerem só pelo desejo de defender sua orientação sexual e a forma como se identificam como pessoas - algo que deveria ser comum, banal - mas que ainda gera desconforto naqueles que querem manter uma ordem, um padrão e uma regulação daquilo que é aceito, “correto”.

Com o intuito de abordar os objetivos aludidos, estou dividindo esta dissertação em oito capítulos.

No primeiro capítulo, trago à baila os motivos pelos quais abordar este assunto ainda é muito relevante para a nossa sociedade. Principalmente na área de Estudos da Linguagem, na qual entendemos que a linguagem é uma ferramenta, um meio que usamos para nos construir, construir ao outro e coconstruir signos e significados em uma sociedade. Ela é uma prática social (Tilio; Mulico, 2016). Apesar de toda a luta e conquistas de direitos da comunidade LGBTQIA+ ainda se faz muito necessário debater, refletir e gerar entendimentos sobre como nós, como sociedade, ainda perpetuamos preconceitos, falas problemáticas sem ao menos perceber. Como isso afeta as pessoas ao nosso redor e quais são as atitudes possíveis que podemos fazer para ajudá-las nessa luta.

No presente capítulo, apresento minhas motivações pessoais para a pesquisa e escrita desta dissertação, além de pontuar os objetivos gerais e específicos deste trabalho acadêmico.

No capítulo 3, localizo e justifico o motivo pelo qual este trabalho se alinha ao paradigma qualitativo-interpretativo (Velho, 2013; Denzin; Lincoln, 2006),

disserto sobre a importância da Análise de Narrativa (Linde, 1993; Moita Lopes, 2001; Bastos, 2005; Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2006; Bastos; Biar, 2015; Biar; Orton; Bastos, 2021) como uma categoria analítica geral, justifico a escolha de fazer a geração de dados por meio de entrevistas semiestruturadas (Mishler, 1986), e além disso, contextualizo em relação ao processo de geração, transcrição e seleção dos dados. Concluo o capítulo expondo as categorias específicas de análise.

No capítulo 4, desenvolvo a primeira parte das orientações teóricas às quais me alinho nesta pesquisa. Nesta parte, abordo sobre a Linguística Aplicada Contemporânea (Celani, 1992; Moita Lopes *et al*, 2006, 2013; Rajagopalan, 2011; Tilio; Mulico, 2016) fazendo um breve panorama histórico e montando a sua evolução de uma mera aplicação da linguística para a LAC (Linguística Aplicada Contemporânea) que conhecemos hoje, quais motivos me levam a acreditar que uma pesquisa acerca de narrativas de situações de micro violências institucionais sofridas por duas pessoas da comunidade LGBTQIA+ se encaixam nesse campo de pesquisa.

No capítulo 5, abordo a segunda parte das orientações teóricas que guiam este trabalho nos tópicos de Teoria *Queer* (Sedgwick 1985; 2007 [1990]; Butler 2003 [1990]; Lewis, 2012; Louro, 2020 [2001]; Miskolci, 2020) e Linguística *Queer* (Borba, 2014; 2015; 2019) levando até a regulamentação dos corpos (Lívia & Hall, 2010 [1997]; Louro, 2020; Garcia, 2021) e como somos subjugados a esses sistemas de organização das normas sociais desde o momento em que nascemos. Além disso, menciono como esse mecanismo escolhe aqueles que são considerados abjetos e os que são colocados como “normais”. Porém, antes de adentrar estes tópicos, considero relevante passar por um breve histórico sobre o uso da palavra *Queer* e a sua importância para movimentos sociais e estudos acadêmicos.

No capítulo 6, desenvolvo sobre a questão da homofobia recreativa (Pompeu & Souza, 2019; Teischmann, 2021; Costa, 2022) e seus impactos sobre a comunidade LGBTQIA+. Começo o desenvolvimento do capítulo explicando a

origem da palavra homofobia (George Weinberg, 1972; Souza, Silva & Faro, 2015) e o que é considerado como atitudes homofóbicas e discriminatórias. Logo em seguida, debato sobre o papel do humor na preservação e perpetuação de preconceitos na nossa sociedade, e de quais formas esse tipo de humor presente não somente nos programas de TV mas em conversas do diaadia, ambientes corporativos, escolares e familiares reforçam ideias binárias, cis-heteronormativas de relacionamentos, ridicularizando aqueles que não seguem tais padrões.

No capítulo 7, apresento a análise dos dados gerados em situação de entrevistas semiestruturadas (Mishler, 1986). Neste capítulo, divido cada análise em subseções e dentro de cada uma delas analiso a construção discursivo-narrativa de cada participante, me embasando a partir dos capítulos teóricos 4, 5, e 6 e fazendo uso, também, das categorias analíticas específicas como: ponto de virada (Mishler, 2002), coconstrução narrativa (Moita Lopes, 2001), *small stories* (Georgakopoulou, 2006), avaliação (Linde, 1993; 1997), posicionamento (Bamberg, 1997) e o uso do trabalho *face* (Goffman, [1955] 1980; 1967).

Por fim, finalizo a dissertação com o capítulo de reflexões momentâneas, pois, como será mencionado no capítulo sobre a Linguística Aplicada Contemporânea (Celani, 1992; Moita Lopes *et al*, 2006, 2013; Rajagopalan, 2011; Tilio; Mulico, 2016), não procuro generalizações ou encontrar uma verdade absoluta. Este trabalho tem por objetivo gerar inteligibilidade acerca dos discursos que reproduzem situações de micro violências para com pessoas LGBTQIA+, quais são seus impactos, como os entrevistados constroem seus posicionamentos narrativos acerca disto e refletir como esses discursos foram normalizados e estão presente na raiz da nossa sociedade, funcionando, assim, como ferramentas de manutenção de uma sociedade cis-heteronormativa e branca.

Diante dos pontos expostos neste capítulo, irei, agora, me direcionar aos processos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa.

3

Processos metodológicos

Neste capítulo, apresentarei detalhadamente os motivos pelos quais esta pesquisa se alinha ao paradigma qualitativo-interpretativo, esmiuçando os processos para gerar e analisar os dados. Primeiramente, disserto sobre a metodologia qualitativa-interpretativa, justificando a razão pela qual esta pesquisa se situa nela. Em seguida, abordo a escolha da Análise de Narrativa como uma categoria de análise geral, na qual se deu o contexto das entrevistas, quem são os participantes, e por fim, como se deu o processo de análise das entrevistas, além da definição das categorias analíticas específicas.

3.1

Natureza da pesquisa: qualitativa-interpretativa

Primeiramente, gostaria de começar esta seção pontuando que a minha pesquisa se alinha ao paradigma qualitativo-interpretativo, o qual se caracteriza como “uma atividade situada que localiza o observador no mundo” (Denzin; Lincoln, 2006, p.17), e consiste em um conjunto de práticas e interpretações que levam este observador a dar visibilidade a este mundo no qual ele está inserido e às questões pertinentes a nossa sociedade (*Ibid.*, 2006). Ou seja, os pesquisadores alinhados a este modelo de fazer pesquisa estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender e/ou interpretar os fenômenos em relação aos significados que as pessoas a eles conferem. Ademais, este paradigma abandona a ideia de que o pesquisador precisa ter um posicionamento distante daquilo que está pesquisando, procurando trazer uma maior objetividade e neutralidade para o seu trabalho (Martins, 2021; Velho, 2013; Denzin; Lincoln, 2006).

O campo da pesquisa qualitativa é interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, os quais atravessam as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. E, por seguirmos esse paradigma, entendemos que uma das principais tarefas de um pesquisador é buscar entender os significados que são gerados pelas ações humanas e a forma como se faz uso da linguagem (um

posicionamento também sustentado pela Linguística Aplicada Contemporânea, sobre a qual dissertarei posteriormente). Contudo, não fazemos uso de um estudo que se debruce sobre a linguagem em si (seus aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais), mas sobre os problemas práticos nos quais a linguagem está inserida, dentro de um contexto de interação (Araújo, 2021).

Não obstante, durante muito tempo, a pesquisa qualitativa foi desconsiderada e altamente criticada justamente por ir contra a maré das pesquisas que buscam uma verdade absoluta e uma neutralidade do pesquisador. Mas, como pontua Velho (2013), o trabalho de investigação e reflexão sobre a sociedade e a cultura implicam a possibilidade de uma nova dimensão para as investigações científicas, trazendo à baila questionamentos do seu próprio ambiente. Logo, desenvolver uma pesquisa com um foco sobre as subjetividades e atos de micro violências geradas contra a comunidade LGBTQIA+ vem a ser de suma importância e dialoga diretamente com os pressupostos defendidos pelo paradigma qualitativo.

Em função desse aspecto, entendo que esta pesquisa se alinha a este paradigma por se debruchar sobre a interpretação das subjetividades de sujeitos, expostas durante a interação com os participantes das entrevistas. Além disso, ela joga luz sobre uma problemática muito importante para a nossa sociedade: a forma como as pessoas LGBTQIA+ ainda são tratadas e subjugadas, passando por situações de micro agressões as quais, em muitos casos, são ignoradas ou desconsideradas por já estarem normalizadas.

Desta maneira, por considerar que esta pesquisa observa subjetividades inseridas em realidades que são impossíveis de mensurar, ela não tem como intenção confirmar (ou não) alguma hipótese. Nosso objetivo é levantar reflexões e entendimentos sobre um debate relevante não somente para a comunidade LGBTQIA+ como também para a sociedade como um todo.

Na seção seguinte, dissertarei sobre os procedimentos de pesquisa. O primeiro tópico é a Análise de Narrativa, a justificando, ou seja, porque este modelo foi escolhido para a análise dos dados e qual a relevância para esta pesquisa.

3.2 Análise de Narrativas

É de suma importância pontuar que sigo os procedimentos típicos da área de Análise de Narrativa, mas antes de explicar quais são esses procedimentos, é preciso fazer um pequeno panorama histórico desse campo de pesquisa. Apesar do marco inicial dos estudos ter ocorrido nos trabalhos sociolinguísticos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), com o decorrer do tempo, outras teorias narrativas foram surgindo com o intuito de revisar, criticar, enriquecer e ampliar essa área, fazendo as chamadas “viradas narrativas”, as quais serão abordadas em detalhe, a seguir.

3.2.1 As contribuições labovianas

Como mencionado anteriormente, Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972) foram os pioneiros nos estudos narrativos. Esses autores entendem a narrativa por uma perspectiva mais sistemática, como uma estrutura. Segundo este modelo canônico, a narrativa é um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações no passado com uma sequência de eventos específicos e não habituais. Ainda de acordo com essa perspectiva, as narrativas precisam ser contáveis e não eventos ordinários.

Além disso, Labov (1972) estabelece uma estrutura de análise dessas narrativas. De acordo com o autor, as narrativas normalmente apresentam as seguintes características: **sumário/resumo**; enunciados que resumem a história contada, como um prefácio do que estará por vir. Geralmente ocorrem no início, porém podem aparecer ao decorrer da narrativa, mas não é obrigatório. Em seguida, temos a **orientação**; ela indica o tempo, lugar, pessoas e situação de fala.

É o guia da narrativa. Não necessariamente virá depois do **sumário/resumo**, pode aparecer também no desenvolvimento da história.

O único elemento obrigatório seria a **ação complicadora**, pois ela é a história em si. Segundo o autor, ela é constituída de orações narrativas ordenadas temporalmente, normalmente com a presença de verbos no passado. Para mais, Labov (1972) também define o termo **narrativa mínima**, que seria pelo menos duas orações narrativas ligadas por "conjuntura temporal".

Seguindo estas definições, o autor também caracteriza a **resolução** da narrativa como a conclusão da **ação complicadora**. Ainda temos a **coda**, a qual marca o fim da narrativa trazendo a pessoa para o presente, quando a história está sendo contada. E por fim, mas não menos importante, as narrativas apresentam uma característica *avaliativa*. Nessa **avaliação**, apresenta-se uma carga mais dramática ou um clima mais emocional na narração. Essas avaliações podem ocorrer tanto de forma **externa** (com comentários fora da história), como de forma **encaixada**, no desenvolvimento da narrativa. Essa carga emocional apresentada pelas avaliações, auxilia o interlocutor a perceber o **ponto** da narrativa, a razão dela estar sendo contada.

Apesar do marco inicial proposto por Labov (1972) ter mudado a forma como olhamos para as histórias narradas, é uma perspectiva de análise muito estruturalista e representacionista, muito fechada dentro de um sistema de análise. Como já mencionado, posteriormente, demais trabalhos surgiram para dar conta de outras questões discursivas. Muitos destes trabalhos, partindo das análises labovianas, acabavam por criticar, enriquecer, revisar e trazer novos olhares para este novo campo, vindo a conceber a área como a conhecemos hoje. A seguir, será abordado de forma mais aprofundada as viradas narrativas.

3.2.2

As viradas narrativas e o campo como entendemos hoje

Quando abordamos viradas narrativas estamos falando sobre mudanças de perspectivas analíticas sobre o ato de narrar e os discursos. Entendemos a primeira, a de Labov, como sendo mais voltada para o texto, estrutural. Porém, a

segunda é marcada pela noção do discurso construído, ou seja, considera o contexto como parte importante da análise (Bruner, [1990] 1997; Linde, 1993; Mishler, 2002; Moita Lopes, 2001; Bastos, 2005), transformando a forma como entendemos a relação linguagem e mundo; direcionando o nosso olhar para forma como narramos e a organização das experiências na narrativa. Por fim, na terceira virada, a interação e as identidades passam a ser objetos de investigação (Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2006). Com isso, se faz uma interdisciplinaridade com estudos sociolinguísticos e das ciências sociais e humanas (Georgakopoulou, 2006, p.148) fazendo com que muitas pesquisas deste campo acabem conversando diretamente com áreas como a Linguística Aplicada Contemporânea (Moita Lopes *et al.*, 2006).

Performances narrativas, tanto de quem narra como de quem ouve, e a forma como os discursos são, não somente construídos, mas também coconstruídos são conceitos reforçados e objetos de análise nessa perspectiva teórico-metodológica. Ademais, as grandes narrativas não são mais o grande foco, o olhar da investigação agora é direcionado para todos aqueles dados antes negligenciados dentro da estrutura canônica de Labov (1972) e considerados não importantes para as análises narrativas, os quais Georgakopoulou (2006) chama de *small stories*.

É notório como cada uma dessas viradas narrativas geraram rupturas dentro do campo da Análise de Narrativas, as quais perpetuam até hoje, dando um senso de continuidade para esta área. Claramente, muitos trabalhos ainda se alimentam da fonte laboviana; contudo, incorporam a modernidade e a pós-modernidade ao cânone, seja usando as *small stories* de Georgakopoulou, as histórias de vida de Linde, narrativas de identidade, entre outras discussões pertinentes à área (Biar, 2012; Cristóvão, 2016; Araujo, 2021; Martins, 2021; Figueiredo, 2022).

Com isso, apesar desta fazer uso de poucos conceitos canônicos laboviano em suas análises, é importante pontuar que, consideramos a Análise de Narrativa (Linde, 1993; Moita Lopes, 2001; Bastos, 2005; Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2006; Bastos, Biar, 2015; Biar; Orton; Bastos, 2021) com uma lente discursiva e interacional. E analisar as nossas práticas discursivas por essa lente nos dá a possibilidade de direcionar os olhares para os significados que norteiam as nossas práticas sociais as quais estão envolvidas nas múltiplas formas

de construção da realidade, sendo de si e/ou de outros (Fabrício; Bastos, 2009), pois, o ato de narrar os eventos nos permite ordenar as experiências pessoais, sociais e a percepção da realidade, além das múltiplas personalidades que ali habitam. Segundo Moita Lopes (2001):

"Por meio da investigação das narrativas se pode compreender como as instituições se reproduzem ou se transformam e certos modos de viver a vida social são apresentados como legítimos ou não."
(Moita Lopes, 2001, p.63)

Dito isso, compreendemos as narrativas como construções situadas de vivências pessoais, através das quais organizamos experiências de vida por meio de linguagem - verbal ou não verbal - e em função de uma ordem social (Bastos, 2005). Ademais, por meio delas podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social (Bastos; Biar, 2015) justamente por nos possibilitar dar um “zoom” na forma como usamos a linguagem (Biar; Orton; Bastos, 2021), interagindo e interpretando o mundo. Para além disso, nesta pesquisa trabalho em contato direto com histórias de vida de pessoas LGBTQIA+, e, como afirma Linde (1993), contar as suas experiências de vida através de narrativas faz com que estas pessoas também reafirmem as suas próprias identidades, e até continuem a coconstruir com a experiência e relatos de outros.

3.3 Entrevista de pesquisa semiestruturadas

Os dados desta pesquisa foram gerados a partir de entrevistas semiestruturadas (Mishler, 1986) por entender ser um dos métodos mais úteis para analisar as relações macro/microsociais, pois é durante essas interações sociais que podemos ver e analisar a forma como produzimos e coconstruímos os sentidos. Mishler (1986) entende a entrevista de pesquisa como sendo um encontro social, justamente por ser uma situação real de interação do cotidiano, assim como tantas outras. Logo, ele defende que ela seja analisada como qualquer outra interação social. Outro motivo para o uso das entrevistas de pesquisa como procedimento metodológico e não outro método, é por concebermos que este modelo seja uma das ferramentas mais adequadas para promover maior reflexão e interpretação dos dados gerados.

Neste contexto, não irei entender a entrevista como apenas um jogo de perguntas e respostas ou com um fundo jornalístico investigativo atrás de uma verdade absoluta ou a comprovação dos fatos. Neste trabalho, as entrevistas de pesquisa são entendidas como um método de geração de dados que proporciona a produção de narrativas por meio das quais os falantes coconstroem significados sobre o mundo social (Campos, 2013). A partir do ato de narrar, as subjetividades, os contextos e questões sociais, as identidades e crenças emergem, como veremos em relação aos relatos de micro violências analisadas nas narrativas desta pesquisa. Dentro da pós-modernidade (Bastos; Santos, 2013), compreendemos a entrevista de pesquisa como um modelo de investigação dos processos de produção de sentido e os efeitos que geram sobre a realidade social a partir do ponto de vista de quem a constrói (Figueiredo, 2022).

Ademais, o ato de (re)construir e coconstruir significados não acontece somente durante a entrevista, mas também pelo processo de escolha do tópico, seleção das perguntas e interpretação dos dados gerados (Rollemberg, 2013). E, por compreender que esta pesquisa se enquadra dentro da perspectiva qualitativa-interpretativa (Denzin; Lincoln, 2006), a qual repousa o seu olhar sobre questões sociais, subjetivas e do cotidiano, as entrevistas de pesquisa irão complementar este paradigma, pois durante as nossas práticas cotidianas e sociais fazemos constantemente este movimento de coconstrução e (re)construção dos significados conforme interagimos com as pessoas em sociedade. Dito isto, a situação de entrevista de pesquisa vem como uma oportunidade de facilitar a reflexão e a discussão sobre essas práticas, sobre quem somos e o que fazemos (Rollemberg, 2013). Durante a interação, os participantes estão constantemente fazendo o movimento de estabelecer e restabelecer processos discursivos de pertencimento a diversas categorias identitárias (*Ibid.*, 2013).

Tais entrevistas conversacionais semiestruturadas (Mishler, 1986) são compostas por perguntas mais amplas e outras mais específicas, porém sempre deixando um espaço livre para novos percursos a depender do desenvolvimento de cada conversa. Reforçamos que as perguntas serviram apenas para compor um simples roteiro de interação, não havendo, em momento algum, a pretensão de que fossem um questionário ou para que os participantes as respondessem

literalmente, visto que, como mencionado nesta subseção, trabalhamos com a perspectiva de que os significados que surgiram durante as entrevistas foram coconstruídos entre esta pesquisadora e os entrevistados durante a interação. Por fim, nosso objetivo é fomentar a produção de narrativas (*Ibid.*, 1986) pelos participantes dessas entrevistas, relatando suas vivências como pessoas da comunidade LGBTQIA+ e as possíveis micro violências sofridas.

As perguntas-guias elaboradas foram 10, conforme a seguir:

- Como foi para você se entender como pessoa LGBTQIA+ na adolescência?
- Me conte um pouco sobre a sua experiência escolar...
- Você lembra de algum momento que tenha te marcado?
- Como foi esse momento?
- Você acha que se os professores soubessem lidar melhor com as questões de gênero e sexualidade poderiam ter ajudado na sua vivência no ambiente escolar? Teria sido mais tranquilo?
- Já sentiu vontade de desistir de estudar? Por que?
- Se sentia sozinho (a) e/ou desamparado (a)?
- Em que momento você se sentiu assim?
- Já sofreu alguma violência verbal ou física? Como isso aconteceu?
- Teve algum suporte de professores/corpo docente durante o ocorrido?

É importante ressaltar que, inicialmente, tais perguntas visavam entender a experiência escolar de pessoas LGBTQIA+ e suas vivências, de possíveis violências verbais e/ou não-verbais durante este período, mas ressaltamos, que são apenas perguntas-guias com o intuito de orientar, tendo ocorrido outras perguntas durante a interação, de acordo com rumo da entrevista. Posteriormente, ao analisar os dados gerados e a forma de interação pesquisador-entrevistado nas entrevistas, esta pesquisa tomou outro caminho.

Este movimento ocorreu durante o processo de transcrição e interpretação dos dados. No começo, o foco de pesquisa era direcionado apenas ao ambiente escolar, porém, como mencionado anteriormente e será reforçado nas subseções

seguintes, conforme entramos em contato com os dados, transcrevendo e interpretando, a pesquisa tomou um rumo diferente.

Em relação às categorias analíticas específicas, estas foram escolhidas durante o processo de transcrição dos dados, pois nessa perspectiva entende-se que a escolha sobre como os dados serão analisados é orientada pela interação do pesquisador com os áudios das entrevistas durante a sua transcrição. Uma vez que compreendemos que essa etapa - de contato com os dados - já é uma etapa interpretativa (Mishler, 1986), são eles que determinam o que será analisado e a partir de qual categoria analítica.

A seguir será detalhado como ocorreu este processo de geração e transcrição dos dados, quem são os colaboradores/participantes da pesquisa, como foi feita a escolha dos excertos analisados e quais são categorias analíticas escolhidas.

3.3.1 Contexto da pesquisa e geração de dados

Para a geração de dados desta pesquisa, inicialmente a ideia era efetuar as entrevistas pessoalmente, como normalmente são feitas antes do advento da pandemia de Covid 19. Porém, durante um ano e meio do curso de Mestrado passamos em quarentena e não tivemos a oportunidade de encontrar pessoalmente os entrevistados. Contudo, preciso gerar os dados de alguma forma, e então, optei por realizar essas entrevistas virtualmente através de plataformas digitais como *Zoom Meetings®*, *Google Hangouts®* e *Microsoft Teams®*, as quais contam com opções de áudio e vídeo para a realização dos encontros. Durante as entrevistas, os participantes optaram por manter suas câmeras desligadas. Apenas três entrevistados ligaram suas câmeras. Porém, reitero aqui que durante as conversas só foram utilizadas as gravações em áudio, evitando que tenham registros da imagem dos participantes.

A escolha dos entrevistados foi se dando de forma orgânica. Primeiramente, perguntei a alguns amigos próximos se eles gostariam de colaborar com a minha pesquisa, e eles aceitaram prontamente. A partir disso, comecei a pedir para que

eles perguntassem, entre seus ciclos de amigos, se alguém gostaria de colaborar também. Além disso, alguns colegas de Mestrado também sugeriram seus respectivos amigos para as entrevistas, fazendo com que o grupo de participantes chegasse ao total de oito pessoas da comunidade LGBTQIA+, sendo sete homens e apenas uma mulher, na faixa etária de 23 a 30 anos⁷, os quais já haviam passado pelo período de escolarização básica (como mencionado anteriormente, no começo esse era o meu único foco). As entrevistas foram feitas de forma individual. Nenhum participante teve contato com o outro.

É importante ressaltar que, esta pesquisa está dentro de uma perspectiva qualitativa-interpretativa (Denzin; Lincoln; 2006), a qual não procura por respostas certas ou erradas e entende as subjetividades dos sujeitos como parte integrante da do trabalho. Por conta disso, ter amigos próximos e colegas como colaboradores da pesquisa não afeta a objetividade da mesma, inclusive esses dados são considerados durante a análise, pois fazem parte da interação pesquisador-entrevistado. Alguns podem chegar a argumentar que o contexto de entrevista de pesquisa pode ser uma forma de controlar o resultado dos dados gerados, fazendo com que a naturalidade das situações não ocorra, tornando a limitada. Porém, como argumenta Biar (2012, p.81), essa suposta limitação é que “complexificará as bases da participação no encontro e permitirá trazer à luz as marcas do encontro misto, com suas estranhezas e necessidades de tato”. Considerando isso, entrevistar pessoas próximas ou conhecidas configura as relações durante a entrevista mais complexas se tornando dados importantes acerca da interação e produção de significados.

Ainda acerca deste assunto, Labov (1962) comenta sobre o “paradoxo do observador” no qual “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas” sem interferências externas. Porém, como seres sociais e parte da pesquisa, é quase impossível nos retirarmos da análise. Na perspectiva deste trabalho, a interação é um meio fundamental para entendermos como os significados são criados e interpretados. Durante a interação e por meio da linguagem, não somente nos comunicamos, mas construímos o ambiente social em que vivemos, os

⁷ Estou considerando a idade dos participantes no ano em que as entrevistas foram realizadas, entre 2020-2021

significados ao nosso redor e identidades emergem. Ou seja, tudo o que seria considerado descartável em outros paradigmas/metodologias de pesquisa, aqui é considerado parte integrante da análise, até porque mesmo quando formamos máscaras sociais para nos proteger e fiscalizar a forma como vamos falar e nos portar, elas também são consideradas material de análise.

Após a realização dessas entrevistas conversacionais, foram feitas as etapas de escuta, transcrição e análise dos trechos selecionados que melhor exemplificam as questões levantadas na pesquisa. Nas subseções seguintes, será detalhado quem são esses entrevistados, como foram feitas as etapas de transcrição, análise, interpretação e escolha dos trechos selecionados, pontuando quais motivos nos levaram a selecionar alguns trechos e outros não.

3.3.2 Eleição dos participantes

Nesta subseção, será apresentado cada um dos participantes das entrevistas, pontuando seus marcadores sociais, mas sempre resguardando suas identidades. Reitero que os nomes colocados aqui são fictícios com o intuito de preservar a identidade de cada participante. Além disso, será dissertado sobre as respectivas entrevistas, contextualizando-as em relação ao tempo de duração e como ocorreu a interação pesquisador-entrevistador.

Levando em consideração que esta pesquisa está lidando diretamente com as vivências e experiências pessoais de seres humanos; interagindo com suas respectivas subjetividades, crenças, valores e emoções, se fez necessário conduzi-la de uma forma com que esses aspectos, os quais consistem na vida social, fossem preservados com muito cuidado e respeito. Sendo assim, é importante ressaltar que todas as medidas foram tomadas para evitar possíveis riscos e, principalmente, prezar pelo bem-estar de todos os integrantes durante o processo de desenvolvimento da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas entre 2020-2021, contando com a participação de oito pessoas (sete homens e uma mulher), todos brancos, cisgênero e dentro da faixa etária de 23 a 30 anos. Obviamente a intenção não era selecionar apenas

participantes dentro deste escopo, porém, com o curto espaço de tempo para a elaboração da pesquisa e a mudança de direcionamento da análise, acabei por deixar apenas participantes com estas características. Não foi uma escolha consciente, inicialmente, mas conforme os colaboradores foram aparecendo, fomos nos tornando conscientes disso. Entendemos que esta escolha pode acarretar em uma pesquisa mais enviesada e pretendo, futuramente, ampliá-la, abordando outros temas dentro da comunidade LGBTQIA+. Além disso, por ser uma comunidade ampla, complexa e fluida, entendo que nem todas as questões serão possíveis de serem abordadas nesta pesquisa, mas assumo que seja de suma importância pontuar suas complexidades e variações. Entendo, assim, que pessoas trans e pessoas negras, por exemplo, teriam outras vivências que infelizmente não serão possíveis serem abordadas neste trabalho.

Inicialmente, estava procurando focar pessoas que cursaram o ensino básico em instituições públicas e suas possíveis implicações, porém, conforme fui precisando de mais colaboradores para pesquisa e percebendo que o rumo da análise poderia ser outro, comecei a aceitar pessoas que estudaram tanto em escolas públicas como privadas. Entretanto, o local da instituição, sendo pública ou privada, acabou por perder a sua relevância para a pesquisa. Além disso, por conta do auxílio das plataformas *online* para a realização das entrevistas, o leque de possibilidades para participantes fora do Rio de Janeiro se deu, como veremos nas apresentações a seguir.

Primeiramente, será contextualizada a entrevista com João. Como mencionado anteriormente, João se enquadra nesse padrão de homem branco, cisgênero de 28 anos (estou considerando a idade dos participantes no ano em que as entrevistas foram realizadas), que se identifica como homossexual. Eu e o João somos amigos de longa data e por já conhecê-lo há bastante tempo, pensei que nossa conversa sobre a experiência dele como um adolescente gay em uma escola pública pudesse ser mais tranquila. Porém, apesar de termos uma afinidade grande e ocorrer uma construção mútua durante a nossa conversa, João apresenta uma grande dificuldade para detalhar seus relatos.

João, assim como os outros participantes, não apresenta uma narrativa estruturada no modelo canônico laboviano, mas pequenos relatos narrados que

vão construindo uma narrativa maior sobre a sua juventude como uma pessoa LGBTQIA+. João constrói o seu processo na adolescência como sendo muito solitário e com falta de acolhimento, seja da escola ou em casa. Ademais, a entrevista se desenvolve com ambos coconstruindo inteligibilidade acerca do assunto e se completando no decorrer das narrativas. Sua entrevista teve uma duração de 19 minutos e 27 segundos.

Prosseguindo, temos Diogo. Mais um colaborador da pesquisa que tem uma relação de amizade muito grande comigo e essa ligação é perceptível durante a entrevista. Diogo é um homem branco, cisgênero de 27 anos e bissexual. Esta foi uma das entrevistas mais longas desta pesquisa, 1 hora e 03 minutos no total. Diogo também frequentou a escola pública a vida inteira, porém, não sofreu situações de violência em relação a sua sexualidade, pois só foi se entender como um homem bissexual no final da sua adolescência, começo da vida adulta. Por conta disso, seus relatos foram basicamente focados em como foi seu processo de autoconhecimento em relação a sua sexualidade e como ele entende ser importante conversar com os jovens em período escolar sobre gênero e sexualidade dentro das escolas.

Seguindo para o próximo participante, temos Marcos. A entrevista com Marcos também durou cerca de 1 hora; mais um dos encontros com maior tempo de duração. Marcos também é um participante que tem uma relação de amizade muito próxima comigo sendo umas das pessoas que me conhece há mais tempo dentro dessas entrevistas. Marcos é um homem gay, cisgênero de 27 anos. Durante toda a conversa falou bastante sobre a sua trajetória como um menino gay, afeminado e acerca da família dele não o proibir de fazer coisas consideradas de “menina”, como por exemplo, dançar as coreografias dos grupos femininos de sucesso da época, ver novelas, brincar de boneca com as suas amigas, fazer parte das apresentações de dança na escola, etc.

Além disso, Marcos conta como foi transicionar de uma escola pública para uma particular e religiosa, e mais tarde retornar para a escola pública novamente; além de comentar sobre a falta de representatividade que ele tinha dentro das escolas. Nossa entrevista se desenvolveu de maneira fluída e com grandes

períodos narrativos de Marcos. Pouco interferi nas suas falas ou fiz movimentos para complementá-las, como ocorreu em outras entrevistas.

Em relação ao William, este foi o meu primeiro colaborador desconhecido e de fora da cidade do Rio de Janeiro. Sua entrevista durou 17 minutos, e, por ser uma pessoa com muitos compromissos, demorou um pouco para podermos acertar nossas agendas e realizar a entrevista. William é do estado de Goiás e o conheci através de amigos, pela Internet. É um homem gay, branco, cisgênero de 27 anos. Sempre estudou em escola pública e vem de uma cidade pequena. Ele também não tem uma única narrativa no formato canônico laboviano, mas narra a sua juventude e processo de autoconhecimento com micro narrativas, nas quais podemos ver ele se construindo como um adolescente que aguentava todas as coisas que lhe eram faladas como forma de “brincadeiras” até se transformar em um homem que não aceita mais situações homofóbicas calado. Nossa interação durante a entrevista foi de constante coconstrução. Apesar de não o conhecer pessoalmente, ao longo do seu processo de narrar, fomos criando um ambiente de coletivização sobre todas aquelas experiências que ele havia passado. Seu ato de narrar é político, seu posicionamento no mundo se constrói de maneira política.

Prosseguindo com as entrevistas, temos o Miguel, um entrevistado que também conheci por meio de terceiros, através de uma colega do Mestrado, quando comecei a procurar por mais pessoas para participar da pesquisa. Na época do nosso encontro, Miguel, um homem gay, cisgênero e branco, tinha 20 anos e estava cursando uma graduação em uma universidade federal. A sua entrevista teve a duração de 20 minutos e 58 segundos. Miguel não é da cidade do Rio de Janeiro, ele veio para cá estudar, e a sua cidade natal é Belém, no estado do Pará. Diferente dos outros colaboradores, quando peço para Miguel se apresentar, ele não somente o faz como também não espera pelas demais perguntas da entrevista. A partir do ponto que começa a falar suas características mais básicas como nome, idade e curso que estuda, ele já faz o movimento de se contextualizar e contar as suas vivências antes que eu possa fazê-lo.

Miguel vai construindo seus relatos com pequenas narrativas, sem muitos detalhes, mesmo quando conta um episódio específico de *bullying* sofrido por ele, e como foi ser uma criança que ainda não entendia o que significava ser gay, mas

já era nomeado de todos os termos pejorativos possíveis por conta de seus trejeitos e modo de falar. E apesar de ter um bom relacionamento com a sua mãe atualmente, ele comenta que não se sentia confortável para falar sobre as situações que vivia na escola. Além disso, narra como foi seu processo de entendimento sobre seus desejos, e considera que começou essa etapa da sua vida muito tardia (em relação aos outros adolescentes) e que, por conta disso, ainda está em um processo de autoconhecimento sobre a sua sexualidade, apesar de estar mais confortável com isto agora. E novamente, ao longo de seus relatos, fiz pequenos movimentos os quais ajudam a coconstruir os significados gerados nessa entrevista.

Em relação ao participante Marcelo, temos mais um caso de um entrevistado conhecido. Apesar de não sermos muito próximos e não termos tanta intimidade quanto tive com participantes anteriores, estudamos juntos e tivemos um bom convívio. Marcelo, homem branco, cisgênero e gay, tem 30 anos e a sua entrevista teve uma duração de 49 minutos e 7 segundos. Estudou a vida inteira em escola pública, e em seus relatos, conta como foi para ele ser um menino gay que sempre ouviu a vida inteira que ser gay era algo ruim. E, assim como ocorreu em entrevistas anteriores, começo por contextualizar o entrevistado, localizando a sua orientação sexual antes dele fazer este movimento. Marcelo pontua que sentia repressão vindo de todos os lugares, pois precisava ter que esconder as coisas que gostava (como assistir Floribella, brincar de boneca e fazer as coreografias das danças famosas na época da sua infância) por sentir medo de ser julgado.

Além disso, ressalta em suas narrativas que sentia necessidade de fugir dos estereótipos que compunham o que “ser gay” para a sociedade, e tentava parecer o mais "normal" possível. Segundo ele, se destacar era sinônimo de virar alvo na escola, era razão para ser motivo de brincadeiras, piadas e comentários maldosos.

Chegando a penúltima entrevista, temos Tadeu. Proveniente da cidade de Campinas, São Paulo, Tadeu tem 26 anos e a sua entrevista teve 23 minutos de duração. Cheguei a ele por intermédio de um amigo o qual perguntou se o mesmo gostaria de colaborar com esta pesquisa. Tadeu é um homem gay, cisgênero, branco e estudou em escola pública a vida inteira. Assim como em todas as entrevistas aqui citadas, ele também não tem uma única narrativa no modelo

canônico laboviano, pelo contrário, tem micro narrativas que juntas formam o contexto de narrar a sua experiência na juventude sendo um garoto LGBTQIA+. E ao fazer isto, ele vai contando como teve experiências ruins por ser uma pessoa homossexual. Segundo seus relatos, era complicado ser um menino gay em um ambiente que não era muito acolhedor e comenta como existia muita opressão dos alunos e dos professores, mencionando o silenciamento dos professores também como uma forma de micro violência.

E, por estar cursando licenciatura, em diversos momentos, fazemos o movimento de criar um senso de coletividade ao compartilharmos nossos pensamentos sobre o magistério e qual seria o papel do professor quando presenciar esses tipos de violência.

Por fim, mas não menos importante, temos a narrativa da única mulher participante deste trabalho: Olivia. Bissexual, branca, cisgênero e com 22 anos, narra a sua experiência como pessoa LGBTQIA+ de uma perspectiva de menina que estudou em escola privada a vida inteira. A sua entrevista tem uma duração de 27 minutos e 01 segundo. Até o momento da nossa interação durante a entrevista, nunca tinha falado com Olívia, a conheci através de uma colega do Mestrado. Mesmo assim, este fato não impediu que a nossa troca fosse de coconstrução durante todo o seu relato, principalmente quando abordamos a hipersexualização da mulher.

A respeito das suas narrativas, elas giram em torno dos seus conflitos e dificuldades de interação social. Segundo ela, seu Ensino Médio foi extremamente traumático, principalmente por conta de duas meninas que praticavam *bullying* com ela. Além disso, há uma situação de abuso sofrido por ela, o qual não busquei mais detalhes. Por conta disso, Olívia relata situações nas quais foi manipulada, mas também veio a manipular pessoas, o que acarretou em uma transformação na forma como ela entende a amizade, tornando-se um grande jogo social para ser aceita, passando por testes e humilhações.

No que tange a sexualidade e orientação sexual, Olívia constrói narrativas que nos mostram as diferentes formas de micro violência dependendo do seu gênero biológico, como por exemplo, os meninos de sua escola sofriam mais com a

questão da sexualidade, pois aqueles que não performaram como o esperado eram perseguidos e nomeados; porém, com as meninas era diferente. Por volta do Ensino Médio, as meninas começam a perceber o quanto são muito sexualizadas, principalmente se forem lésbicas e bissexuais. Olívia vai montando as suas narrativas pontuando como foi para ela se entender como bissexual neste contexto de hipersexualização do seu corpo.

A seguir, na próxima subseção será pontuado o processo de transcrição dos dados e a importância dessa etapa para a análise dos dados gerados e para a escolha das categorias analíticas específicas.

3.3.3 Transcrição de dados

Como apontado anteriormente, o processo de transcrição dos dados já é considerado uma etapa analítica visto seu caráter interpretativo (Mishler, 1986). O contato com os dados durante as suas transcrições requer do pesquisador um mergulho nos significados gerados durante a interação, com os colaboradores na entrevista, pois o processo de ouvir, transcrever e interpretar faz com que seja considerada uma etapa plenamente analítica. E tudo em relação à entrevista foi considerado: a entonação e interação dos participantes, a forma como o entrevistado constrói a suas narrativas e seus posicionamentos perante a conversa; os questionamentos levantados, momentos de pausa e silêncio. Pois, apesar de ter uma ideia inicial para conduzir a pesquisa, os dados gerados é que deram direcionamento para aquilo que merecia atenção, que “saltou aos olhos” e, portanto, foi essencial.

Os excertos selecionados foram todos transcritos seguindo as convenções baseadas nos estudos da Análise da Conversa (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974) e incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989).

3.4 Procedimentos de análise

Como mencionado anteriormente, os dados desta pesquisa foram analisados a partir de uma lente discursiva proveniente da Análise de Narrativa, por

entendermos que as narrativas são ferramentas da linguagem as quais usamos para organizar as nossas ações no mundo e na vida social, além de, por meio delas, termos a possibilidade de gerar inteligibilidades acerca das nossas práticas discursivas, refletir sobre as nossas práticas sociais e coconstrução de realidade (Fabrício; Bastos, 2009). A narrativa é, então, uma forma de prática social sustentada não somente pelo discurso, mas também pelas relações sociais (*Ibid.*, 2009). Ao narrar, coconstruímos, reconstruímos e reavaliamos as práticas discursivas e sociais, além de gerar inteligibilidade acerca de temas relevantes para a sociedade, pois, através da linguagem nos posicionamos no mundo.

Na subseção seguinte, pontuo quais foram os excertos escolhidos para análise e por quais motivos eles representam melhor os objetivos gerais e específicos desta dissertação.

3.4.1 Seleção dos excertos

Com o intuito de analisar as narrativas de situações de micro violência sofridas por pessoas LGBTQIA+, escolhemos duas entrevistas dentre as oito realizadas. Apesar de todas as entrevistas apresentarem em algum grau aspectos de micro violências institucionais, essas duas têm mais características e pontos em congruência, além de que, por ser uma dissertação de Mestrado, não temos como analisar todas as narrativas e pontos levantados pelos participantes, sendo possível trabalhar com elas posteriormente. Neste momento, foi necessário focar nessa linha de pesquisa, devido à possível abrangência.

As duas entrevistas escolhidas para a análise foram as de João e William. Com relação à entrevista de João, irei analisá-la por completo, são poucos excertos que não foram selecionados pela dificuldade de deixar dados de lado e por acreditar que todos os microrrelatos são de suma importância para a pesquisa. Acredito que a análise ficaria incompleta sem todos tais excertos, principalmente por não ter uma narrativa única e nos moldes estruturais canônicos labovianos.

Em relação à entrevista de William, foram escolhidos 12 excertos da conversa. Em ambas as entrevistas, foi visto o contexto da conversa como um todo, nossa interação e como ocorreu a coconstrução dos significados, porém, apenas algumas partes foram efetivamente utilizadas dentro deste trabalho. Por questões de tempo e por considerar que elas podem representar pontos que chamaram atenção durante a análise da entrevista. Na tabela a seguir, exemplifico a duração de cada entrevista e o trecho dos excertos selecionados.

Participante	Tempo Total da Entrevista	Excerto que foi analisado
João	19 minutos e 27 segundos	19 minutos e 27 segundos
William	17 minutos	10 minutos e 13 segundos

Na última subseção deste trabalho será abordado um pouco sobre as categorias analíticas que guiaram a análise dos excertos escolhidos. Como mencionado anteriormente, a Análise de Narrativa tem o papel de categoria analítica geral, enquanto que as próximas categorias foram as específicas, escolhidas a partir do processo de escuta, transcrição e interpretação dos dados gerados em situação de entrevista semiestruturada.

3.4.2 Categorias analíticas

No que concerne às categorias analíticas específicas, centralizei a análise das duas entrevistas sobre questões de **avaliação** (Linde, 1993; 1997), **ponto de virada** (Mishler, 2002) e como o **posicionamento**⁸ (Bamberg, 1997) dos participantes se constrói perante as narrativas contadas. Seja de forma mais **agentiva e/ou passiva** ou em **coconstrução** com a pesquisadora, além do trabalho de *face* (Goffman, [1955] 1980; 1967) que ocorre em alguns momentos da narrativa. Aqui também foi trabalhado o conceito de *small stories* de

⁸ É importante pontuar que a teoria de posicionamento de Bamberg (1997; 2002) é dividida em 3 níveis: 1) o posicionamento dos personagens da narrativa em relação uns aos outros e a forma como se constroem; 2) o nível interacional, a forma como o narrador se posiciona em relação a audiência e, por fim, 3) a forma como o narrador se posiciona em relação a si. Porém, neste trabalho, será usado como categoria analítica apenas a parte introdutória desta teoria.

Georgakopoulou (2006) durante a análise, pois as narrativas apresentadas não possuem uma estrutura canônica dos acontecimentos e é possível notar uma grande narrativa principal, a qual é construída por pequenas narrativas ao longo dos relatos, as quais foram importantes para podermos, a partir do micro, entender o macro nas situações sociais.

Primeiramente, quando falamos de avaliação dentro da Análise de Narrativa, podemos seguir algumas linhas de pensamentos diferentes em relação a este tema. Labov (1972), por exemplo, como mencionado no começo deste capítulo, dentro da sua estrutura canônica, compreende a avaliação como sendo uma forma do interlocutor entender o ponto da narrativa, o motivo pelo qual ela está sendo contada, dando uma razão para a sua reportabilidade, podendo ocorrer de forma encaixada ou externa. Contudo, Linde ampliou a visão da avaliação laboviana. Segundo a autora, a avaliação é construída por meio do discurso quando uma pessoa evidencia um “significado social ou o valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento” (Linde, 1997, p. 152). Quando fazemos o movimento de investigar esses pontos avaliativos nas narrativas, é possível reconhecer a ordem social que os falantes/participantes desenvolvem durante a interação.

Nesta perspectiva, a avaliação é encarada como parte integrante da dimensão moral da linguagem, podendo ser analisada de duas formas: a) fazendo uma “referência a reportabilidade” e b) uma “referência às normas sociais”. A primeira, diz respeito ao contraste entre os eventos que são possíveis de serem relatados e aqueles que vão na contramão da expectativa de previsibilidade, se tornando inesperados. É importante pontuar que para uma narrativa ser reportável, ela precisa ser contável e mostrar um evento fora do comum e imprevisível. Esta característica é mencionada anteriormente por Linde (1993) quando ela fala acerca das histórias de vida.

Já a segunda forma de encarar a avaliação em narrativas remete às normas sociais, as quais ganham forma discursivamente mediante a julgamentos normativos, tais como comentários moralistas, pontuando como o mundo é, como deveria ser, quais são os comportamentos apropriados a se seguir e quais são as

peças que participam de determinadas interações ou como elas deveriam ser. Segundo a autora, essa espécie de avaliação forma o núcleo/centro da narrativa, uma vez que “a narrativa oral é muito mais sobre chegar a um consenso sobre o significado moral de uma série de ações do que sobre o simples reportar dessas ações” (Linde, 1993, p. 153). Este formato de avaliação moral é um dos métodos mais importantes para a compreensão de como os falantes constroem as suas narrativas e o que está sendo negociado quando se dispõem a contar partes das suas histórias. Por conta disso, este trabalho irá analisar os pontos avaliativos das narrativas selecionadas a partir da perspectiva de Linde (1993; 1997).

Contudo, quando falamos em coconstrução de significados e o possível posicionamento passivo e/ou agentivo dos entrevistados, entendemos que a partir da interação com outro e por intermédio da linguagem é possível construir e coconstruir sentidos. Enquanto revivemos experiências passadas e as recortamos, é possível reavaliar e ter um novo olhar sobre o evento narrado. Pois, como visto nas subseções anteriores, o discurso é entendido como uma construção social, uma forma de ação no mundo, logo as pessoas se constroem socialmente, construindo o outro e as realidades sociais ao seu redor através da linguagem e das performances narrativas. Estudar o discurso por esta perspectiva implica em examinar os efeitos sociais gerados nas práticas discursivas em que agimos. E envolve compreender como nos construímos e construímos as identidades sociais dos nossos colaboradores (Moita Lopes, 2001). A situação social e interação desenvolvida na entrevista de João e William é bem diferente (eu sou amiga do João há muitos anos e o William é desconhecido); logo, esses dados influenciam de forma direta como os significados foram construídos.

Por conta disso, quando me refiro à forma como os participantes se posicionam em suas narrativas, seja de forma passiva/ou agentiva (se posicionando mais em seus eventos narrados ou sendo o personagem que está sempre à mercê daquilo que ocorre com ele), também levo em consideração o conceito de “posicionamento” de Bamberg (1997). O autor compreende essa ideia a partir de Davies e Harré (1990 apud Bamberg, 1997) que entendem posicionamento como uma prática discursiva “em que os participantes se situam

em conversas de forma observável e intersubjetiva criando linhas de histórias coerentes produzidas em conjunto" (*Ibid.*, p.48). Ou seja, esse termo é concebido como um meio pelo qual as pessoas se posicionam em relação umas às outras dentro de uma interação, no que se refere às regras sociais pré-estabelecidas. Sendo assim, além de analisar como cada entrevistado constrói seus posicionamentos dentro de suas narrativas, também foi possível analisar a forma como a interação e os posicionamentos entre pesquisador-participante se desenvolveram.

Com relação ao ponto de virada, é preciso entender a forma como Mishler (2002) conceitua a narrativa e o porquê esse conceito foi importante nas análises desta pesquisa. Em seu trabalho, este autor faz uma diferenciação entre o tempo cronológico e o tempo narrativo, um estruturado pela sequencialidade de fatos e o outro que segue a ordem que é narrado. Para Mishler (2002), o enredo de uma narrativa tem a capacidade de construir unidades significativas a partir de eventos diversos, organizados de uma maneira que possamos entender como a história termina, ou seja, não precisa ser necessariamente de uma forma linear e contínua, mas hierarquizando as informações de forma que construa um “sentido de final”. Uma história é uma retrospectiva, subjetiva e avaliativa, em que, ao contarmos de forma não linear, estamos direcionando-a “por um olhar retrovisor desde o presente (...), isto é, pela situação em que os contadores se encontram depois que algo lhes aconteceu no passado” (*Ibid.*, 2002).

Desse modo, o conceito de ponto de virada proposto por Mishler (2002) elucida bem esse posicionamento sobre as narrativas, pois permite que os narradores possam realinhar o sentido final suas histórias e reinterpretar as experiências vividas, visto que, segundo o mesmo “o passado não está gravado em pedra, e o significado dos eventos e experiências está constantemente sendo reenquadrado dentro dos contextos de nossas vidas correntes e em curso” (*Ibid.*, 2002, p. 105). O ponto de virada pode dar outro rumo, um novo final para a história que está sendo contada. Levando em conta tais aspectos, foram analisados os possíveis pontos de virada presentes nas narrativas escolhidas e como eles influenciam ou não a construção narrativa dos participantes e suas experiências.

Já em relação às *small stories* de Georgakopoulou (2006), elas foram utilizadas como categoria analítica por conta da presença de narrativas fora do padrão canônico laboviano, já apresentado anteriormente neste trabalho. Nas entrevistas realizadas, os participantes contam sobre suas experiências como um adolescente LGBTQIA+, e ao longo de seus relatos, apresentam pequenos momentos narrativos que sustentam a narrativa maior, a qual está sendo contada. Com isso, este modelo narrativo sugerido por Georgakopoulou (2006) acaba por abranger narrativas de eventos no presente ou projeções futuras, além de situações hipotéticas, não somente os eventos relatados em longos períodos narrativos no tempo passado, conforme pontuado no modelo de Labov (1972).

A última categoria analítica utilizada foi o conceito de trabalho de *face* desenvolvido por Goffman ([1955] 1980), pois foi possível ver essa ação de proteção do *self* ocorrendo dentro dos relatos dos colaboradores desta pesquisa, visto que este movimento de proteção de *face* ocorre em ambos os casos mesmo que em contextos diferentes e por motivações diferentes. O autor define *face* como sendo uma imagem social construída durante os eventos interacionais podendo o indivíduo se apropriar de diferentes facetas, dependendo do contexto e em um único contato específico. Ele define como sendo um “valor social positivo que uma pessoa reclama para si” (*Ibid.*, p. 76-77).

Deste modo, não é somente sobre os sentidos construídos através da fala e interação, mas também pelas expressões faciais, gestos, postura, pausas, silêncios, risadas, todo um conjunto de ações produzidas por uma pessoa que “se sustenta a *face*”, aparelhada às expectativas geradas no contexto. Durante este processo, alguns movimentos podem ocorrer de forma que o trabalho de *face* pode sofrer riscos e/ou ameaças (Goffman, [1955] 1980; Biar, 2015; Figueiredo, 2022). Além disso, essa faceta depende da aceitação do outro por ser um construto social. E caso não seja aceito, pode ser reivindicado por não ter se comportado como o esperado e não merecer (Goffman, 1967). Com isso, dependendo de qual faceta o indivíduo escolha vestir em dado momento, irá também influenciar nas suas escolhas linguísticas.

Tendo feito os apontamentos necessários sobre os processos metodológicos desta pesquisa, nos próximos capítulos serão abordadas as orientações teóricas que guiaram e foram usadas para auxiliar a análise dos dados gerados em situação de entrevista semiestruturada.

4

Orientação teórica I: Linguística Aplicada Contemporânea

Neste capítulo, fazemos alusão a uma das perspectivas teóricas que guiam este trabalho, além de situá-lo na comunidade LGBTQIA+, e nas situações de micro violências geradas pelas instituições sociais, dentro do campo da Linguística Aplicada Contemporânea.

Primeiramente, é preciso um breve panorama histórico acerca da área de Linguística Aplicada (sem a “contemporânea”), explicar como se deu o início dos trabalhos desse campo e a sua evolução para a área de estudos como a conhecemos hoje.

A Linguística Aplicada Contemporânea é conhecida como uma área de estudos situada no âmbito das ciências sociais pós-modernas, e tem como propósito “criar inteligibilidades sobre os problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (Moita Lopes, 2006, p.14). Ela não procura solucionar esses problemas, mas entendê-los a partir da investigação crítica do uso da linguagem que permeia os mais diversos contextos. A partir disso, surgem novas temáticas e interesses de pesquisa, como questões relacionadas à raça, gênero e sexualidade, identidades, emoções, entre outras.

Porém, de acordo com Celani (1992), inicialmente, era complexo encontrar uma definição para os estudos no âmbito da Linguística Aplicada. Em seu texto, *Afinal, o que é Linguística Aplicada?*, a autora nos traz um panorama histórico sobre a evolução do campo, pontuando que a Linguística Aplicada era compreendida apenas como o “estudo científico dos princípios e da prática do ensino/aprendizagem de língua estrangeira”, definição encontrada tanto no *Introducing Applied Linguistics*, de Pit Corder (1973), como no *Longman Dictionary of Applied Linguistics*, de 1985, (ambos citados no texto de Celani, 1992, p.17), fazendo com que a Linguística Aplicada ficasse em um plano secundário, considerada apenas como um braço, um apêndice da Linguística,

sendo vista como uma aplicação da mesma. Isso se deu dentro da perspectiva britânica e no Brasil, não foi muito diferente.

Apesar de, nos anos 1990, haver uma ampliação da visão acerca da Linguística Aplicada, abarcando assuntos fora do âmbito do ensino/aprendizagem e sendo inserida pela primeira vez em um curso de graduação, ainda era necessário desvinculá-la da disciplina mãe (Rajagopalan, 2006). Ainda era preciso repensar o papel da Linguística Aplicada e o da teoria Linguística dentro dos estudos da área. Ainda segundo Rajagopalan (2006), a prática não deve só instruir a teoria, mas também servir de palco para explorar a base ideológica que sustenta diferentes propostas, pois “o que caracteriza uma língua viva é a sua capacidade de absorver inovações criativas” (*Ibid.*, p.160). Ou seja, levar a teoria para a vida prática como palco de criação de reflexões teóricas e práticas, concebê-la dentro da prática como parte dela e não como coisas diferentes.

Sendo assim, a partir dos anos 2000, começou-se uma maior movimentação em relação às reflexões e questionamentos sobre as bases epistemológicas do que foi nomeado como LA normal (Davies, 1999 apud Moita Lopes, 2006), “LA crítica” (Pennycook, 2006) ou “LA Contemporânea” (Moita Lopes, 2006). Agora, há a necessidade de se criar novos modos de estudar e teorizar, procurar ir além do debate sobre aplicação de teorias linguísticas e o corte umbilical da Linguística mãe. A partir desse momento, o foco da Linguística Aplicada não é mais a língua e teorias linguísticas, mas sim a linguagem dentro dos contextos de socialização. Linguagem como ato político e ideológico. A linguagem é o nosso modo de lidar com as nossas circunstâncias, a nossa sociedade; a nossa inserção dentro da sociedade. Tudo dentro do mundo é medido pela linguagem (Rajagopalan, 2011).

Com isso, a Linguística Aplicada passa a ser considerada como mestiça/disciplinar/transdisciplinar a qual dialoga com as teorias que atravessam os campos das ciências sociais e das humanidades e se tornando um espaço “aberto” e de “múltiplos centros” (Moita Lopes, 2006; Rampton, 2006), principalmente se levarmos em consideração que o discurso das ciências sociais e humanas é um discurso sobre a vida social ou sobre as pessoas no mundo social

(Santos, 2008 apud Moita Lopes, 2013, p. 233). Ou seja, é interessado e deseja fazer alguma coisa no mundo social, como uma forma de construção de conhecimento (Moita Lopes, 2013). Agora, a LA é compreendida como um sistema em constante processo de mudança, mesmo quando é considerada “estável”, pois continua e continuará passando por diversas adaptações, e isto está ligado ao fato de ela ter um envolvimento em uma reflexão contínua sobre si mesma: um campo que se repensa intensamente (Moita Lopes, 2006; Tilio; Mulico, 2016). O interesse da Linguística Aplicada Contemporânea reside no tocante aos problemas sociais envolvendo a linguagem; não somente dentro do âmbito de ensino/aprendizagem das línguas, mas também os usos foram deste contexto.

Além disso, no que concerne à nova visão sobre a linguagem da Linguística Aplicada Contemporânea, entende-se que os fenômenos sociais só existem inseridos em um campo de problematização e, com isso, se desenvolve uma orientação crítico-reflexiva que trabalha na investigação de como a linguagem opera no mundo social e no exame das questões que afetam diretamente a sociedade contemporânea (Fabrício, 2006). Ou seja, se desenvolve uma postura crítica sobre o uso da linguagem. Logo, com essa reconfiguração e reconstrução do fazer pesquisa da LAC é preciso o desenvolvimento de uma *agenda política*, a qual decorra da ideia de que as nossas práticas discursivas envolvem escolhas que têm impactos diferenciados no mundo social e nele interferem de formas variadas (*Ibid.*, 2006), já que aqui consideramos a linguagem como prática social e ideológica.

Desta forma, ocorre uma mudança de olhar para os indivíduos periféricos, os que são marginalizados e encarados como inferiores e subalternizados (Fabrício, 2006). Justamente por ter essa característica transdisciplinar, indisciplinar e mestiça (Moita Lopes *et al*, 2006), e por estar em congruência com essa agenda política social, compreendo que direcionar o olhar para narrativas de pessoas LGBTQIA+ com o intuito de trazer à luz as suas vivências e situações de violência sofridas em diferentes instituições sociais, seja relevante para a área da Linguística Aplicada Contemporânea, principalmente por ter a intenção de trazer à

baila debates e reflexões sobre o tema para a sociedade. Esses grupos são frequentemente colocados à margem e subalternizados por não se enquadrarem nos modelos previamente definidos para o que é considerado aceito por uma sociedade heteronormativa, o que os leva a terem seus direitos mais básicos negados e menosprezados, além de gerar um sentimento de desamparo.

5

Orientações Teóricas II: Linguística *Queer*, Teoria *Queer* e a Regulamentação dos Corpos

Neste capítulo, faremos referência aos alinhamentos teóricos que também guiaram a análise dos dados. Começamos *queerizando* esta pesquisa, a localizando dentro dos estudos *queer*. Logo em seguida, os conceitos teóricos das áreas da Teoria *Queer* (Butler, 2003 [1990], Foucault, 2020 [1976]; Sedgwick, 1985; 2007 [1990]; Milani; Woff, 2015; Miskolci, 2020) e Linguística *Queer* (Borba, 2014; 2015; 2019) são expostos. Também explicamos como ambos os campos teóricos se alinham a esta pesquisa, pois a Teoria *Queer* e a Linguística *Queer* seguem uma perspectiva não essencialista das identidades sexuais, e também argumentam que, no lugar de uma realidade pré-discursiva “essas identidades emergem de contextos socioculturais de regulação e só podem ser entendidas como produtos/efeitos de performances corporais e linguísticas” (Borba, 2015, p. 91), performances essas que se repetem e perpetuam discursos dominantes que aprisionam os sujeitos em binarismos pré-determinados.

Por fim, explicamos o que seria a regulamentação dos corpos (Livia & Hall (2010 [1997]; Louro, 2020; Garcia, 2021) e como está presente na análise dos dados gerados em situação de entrevistas semiestruturadas (Mishler, 1986).

5.1

Queerizando a pesquisa

Quando se observa a palavra *Queer*, é notório que a sua origem vem da Língua Inglesa. Seu significado foi se modificando ao longo dos anos, principalmente dependendo para quais fins e quem eram as pessoas fazendo uso desse vocábulo. Inicialmente, foi bastante usado com a intenção de designar algo “estranho”, “fora do comum” e “excêntrico”. Porém, com o passar do tempo, começou a ser usado de forma pejorativa, como xingamento direcionado às pessoas LGBTQIA+, principalmente para aquelas que não performavam os padrões cis-heteronormativos. Porém, a partir da década de 1980, a comunidade LGBTQIA+ apropriou-se deste termo em forma de protesto, ressignificando o seu

uso com o clássico slogan “*We’re a queer, we’re here, get fucking use to it!*” (Lewis, 2012; Borba, 2015), reforçando a ideia de que não teriam mais medo de se expressar.

Seguindo esta onda de apropriação da palavra *Queer* como forma de manifestação, muitos teóricos que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ começaram a acrescentar o termo em seus estudos sobre a temática. Muitos influenciados por diversos autores como: a) Butler (2003 [1990]) com sua teoria da performatividade de gênero, na qual ela desenvolve a ideia de que o gênero é uma categoria construída dentro do meio sócio-histórico-cultural e pelo discurso (um dos marcos iniciais dos estudos *queer*); b) Sedgwick (1985; 2007 [1990]) estudando as relações de poder dentro das estruturas hetero e homossexuais; como estão interligadas entre si e a misoginia, além de desenvolver a ideia de que a ordem social está conectada com uma ordem sexual, a qual ao mesmo tempo que normaliza um, torna a outra repulsiva e c) os estudos de Michel Foucault que foram de suma importância, pois a construção discursiva das sexualidades expostas por ele vai se mostrar fundamental dentro da Teoria *Queer*.

Também sofreram grande influência de teorias feministas da época, sendo os estudos *queer*, por algum tempo, considerados como um braço do feminismo; e não somente isto, mas também foram inspirados por movimentos políticos sociais como o *Queer Nation* e o *Act Up* (Lewis, 2012; Spargo, 2019; Miskolci, 2020). Os movimentos que impulsionavam os estudos *queer* tinham como objetivo construir outras formas de fazer sentido que fugissem do cis-heteronormativo pré-estabelecido.

A partir dos anos 1990, *Queer* começou a ser usado como uma palavra guarda-chuva para facilitar a referência a toda performance identitária que não se encaixa no padrão cis-heteronormativo (Lewis, 2012, p. 50) por resistir a qualquer tipo de categorização. A partir deste momento, foram criadas diversas vertentes de pesquisa que estudam a relação da performance linguística com a sexualidade, sendo nomeadas de Teoria(s) *Queer*. A linguagem e o corpo são centrais nas perspectivas socioculturais *Queers*. Falar sobre a construção social e discursiva da

sexualidade é falar sobre como as relações de poder influenciam na forma que entendemos o mundo. Segundo Borba (2015), ter uma perspectiva *Queer* é ter uma visão crítica dos discursos acerca da sexualidade, os quais normatizam uns e marginalizam outros. Logo, um dos principais construtos teórico-metodológico dos estudos *queers* é a desnaturalização do que é considerado normal e, por conseguinte, daquilo que é relegado à zona de anormalidade (*Ibid.*, 2015).

Nesta dissertação, são trabalhadas apenas duas perspectivas deste campo teórico: a) a Teoria *Queer* (no singular) e b) Linguística *Queer*. Futuramente, poderei elaborar com mais perspectivas, já que o tema em si carrega tamanha complexidade, que nosso tempo não nos permitiria abordar.

5.1.2 Teoria *Queer*

A Teoria *Queer* é uma das orientações teóricas que guiam as análises dos dados gerados durante as entrevistas. Levando em consideração que os estudos *queers* procuram propor um olhar crítico e investigador sobre as normas cis-heteronormativas impostas pelas sociedades, compreendemos que esta teoria conversa diretamente com a questão levantada aqui acerca das possíveis micro violências institucionais sofridas por pessoas da comunidade LGBTQIA+. A proposta do *Queer* é levantar diálogos com aqueles e aquelas que normalmente são desqualificados dentro das instituições sociais e também do resto da experiência de vida na sociedade (Miskolci, 2020), sendo relegados a posição de “anormal” dentro do convívio social. A Teoria *Queer* engloba um conjunto de lentes analíticas díspares que visam desdobrar o processo social através do qual certas identidades, corpos e desejos sociais se tornam normais e normativos, enquanto outros se tornam desviantes e indesejados (Milani; Woff, 2015).

A Teoria *Queer* não nos permite somente pensar sobre a ambiguidade, multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, para além disso, ela também sugere novas formas de se pensar a cultura, o conhecimento, poder e a educação (Louro, 2020 [2001]). O ponto inicial das investigações da Teoria *Queer* parte da construção histórico-discursiva das normas que geram/geravam e limitam experiências identitárias (Borba, 2014). Quando se traz

para a mesa a discussão de um currículo *Queer* nas escolas, por exemplo, a intenção disso vai mais do que se falar sobre diversidades sexuais e performances de gênero, mas sobre tirar da margem e da posição de abjeto tudo aquilo considerado diferente das normas postas pela branquitude colonial do que é correto e moral.

Louro (2012) trabalha com a ideia do *queer* como um conjunto de saberes e como disposição política, é sobre "(...) enfatizar mais as práticas do que as identidades e questionar os binarismos sobre os quais se assenta o saber e a cultura dominante" (*Ibid.*, 2012, p.367). É abordar a multiplicidade existente na cultura e suas influências vindas dos povos indígenas e africanos, sobre a pluralidade de nossa língua, sobre o racismo, machismo e homofobia. Compreender a multiplicidade de corpos e conhecimentos. Assim como enfatiza Moita Lopes:

“(...) Queerizar acarreta problematizar qualquer visão universalista, trans-histórica e transcultural dos gêneros, das sexualidades e das raças. É na interação, performatividade, que efeitos semânticos sobre nossos corpos são produzidos, o que nos leva ao reconhecimento das instabilidades e da desessencialização do que se entende por gênero, sexualidade e raça.” (Moita Lopes, 2013, p. 244)

À vista das razões citadas acima, considero de suma importância direcionar o nosso olhar para as micro violências institucionais vividas por pessoas LGBTQIA+; uma vez que se faz necessário refletir sobre o impacto que esses locais e representações de poder têm sobre a comunidade e como é possível fazer com que sejam ambientes mais acolhedores e menos excludentes, visto que estas pessoas fazem parte e constroem a sociedade conosco e têm o direito de viver sem se esconder ou com medo o tempo todo, sem sentirem seus corpos sendo regulados.

5.1.1 Linguística *Queer*

Apesar de reconhecer que esta pesquisa se encaixa dentro do escopo da Linguística Aplicada Contemporânea (Moita Lopes, 2006; 2013) por entender que faz parte da *agenda política* deste campo trazer à luz questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+ e refletir em torno delas, como pontuado no capítulo anterior, também parto do princípio que este trabalho se localiza no âmbito da Linguística *Queer*. Este campo faz uma abordagem pós-estruturalista do uso da linguagem relacionada às práticas sociais e à como construímos e entendemos quem somos e a nossa sexualidade na sociedade. Seus interesses de pesquisa estão voltados à construção de identidades, gênero e sexualidade a partir de perspectivas interdisciplinares, ou seja, é uma área de investigação que estuda o espaço semiótico-pragmático entre os discursos dominantes sobre as performances linguísticas situadas (Borba, 2015; 2019).

O objeto de estudo da Linguística *Queer* são os efeitos dos usos tanto da língua escrita quanto falada. Sendo assim, interessa-se por compreender como os fenômenos macrosociais constroem certos indivíduos como sendo abjetos, inferiores ou patológicos. Nessa perspectiva, entende-se que as performances de gênero só podem acontecer dentro de uma cena discursiva plena de constrangimentos que limitam o que conta como inteligível. Essas mesmas performances não ocorrem livremente, elas são constantemente reguladas por meio de estruturas muito rígidas que delimitam suas possibilidades (Borba, 2014). Estruturas essas que foram construídas e perpetuadas por padrões brancos, cis-heteronormativos e muito vezes com uma perspectiva europeia e colonial.

Então, quando abordamos os discursos coconstruídos dentro de narrativas contadas em situação de entrevista semiestruturada (Mishler, 1986), estamos não somente partindo do pressuposto que, através dessas narrativas podemos colocar uma lupa nas nossas práticas discursivas e direcionar os nossos olhares para as subjetividades dos sujeitos e problemas sociais existentes mas, com o suporte da Linguística *Queer*, também podemos ver e gerar entendimentos acerca de como tais identidades e subjetividades coconstruídas por meio de discursos e performances também geram impactos quando falamos de sexualidades e

expressões de gênero. Ademais, é importante ressaltar que dentro deste escopo não se entende as identidades como algo essencialista, mas como um fenômeno cultural, contextual, histórico e variável.

5.2 Regulamentação dos Corpos

Como já mencionado, um dos focos dos estudos *queer* gira em torno de questionar e apontar como, ao longo dos séculos, a sociedade decide quais corpos e expressões são considerados como mais aceitos, adequados e corretos, enquanto aqueles que não se encaixam em tais padrões, ou se adaptam para sobreviver ou são relegados ao posto de abjetos, ou seja, desde muito cedo, são colocadas normas e padrões a serem seguidos. Garcia (2021) comenta que os estudos de Foucault apontam que a humanidade, com a sua necessidade de organização e estruturação, cria um sistema de normas com o intuito de classificar e ordenar as coisas no mundo, sistematizando e corrigindo tudo aquilo que se vê, vive e como as pessoas se colocam no mundo que as cercam.

A partir disso, o ser humano organiza as suas ações, tanto individuais quanto coletivas, dentro de um contexto sócio-histórico, político e cultural. Dito isto, para a manutenção e perpetuação dessas normas, sempre será necessário ser reforçado e retificado tudo aquilo que destoia desta ordem social (Foucault, 2010 apud Garcia, 2021, p.2), ou seja, excluindo tudo aquilo que vá contra o que foi normalizado. O “normal” é tudo aquilo que está bem enquadrado dentro dos símbolos e significados de determinado grupo social (Garcia, 2021). Além disso, toda essa organização estrutural é baseada de acordo com os aspectos mais relevantes da cultura e identidade de cada sociedade.

Sendo assim, mesmo antes de podermos compreender e assimilar nossos papéis no mundo, já somos subjugados a padrões e regulamentações de como nossos corpos devem se comportar. Somos categorizados logo assim que saímos do útero. Livia & Hall (2010 [1997]), em seu texto “*É uma menina!: a volta da performatividade à linguística*” falam sobre como o ato performativo de

pronunciar o gênero do bebê logo assim que nasce já acarreta consigo toda uma categorização e regulamentação de seu corpo. Elas afirmam que “as elocuições de gênero não são meramente descritivas, mas prescritivas, exigindo que a pessoa endereçada aja de acordo com as normas vinculadas ao gênero o qual foi designada” (*Ibid.*, 2010 [1997]). Butler (2003 [1990]) e Foucault (2020 [1976]) também falam sobre como não existe um sexo no corpo, a construção deste sentindo é feita por meio do discurso dentro das relações de poder, e conforme este discurso vai sendo perpetuado ao longo dos anos. Assim, a ideia de se ter um sexo foi sendo instaurada e naturalizada. Ou seja, é o discurso que produz falantes, e não o contrário, porque o performativo é inteligível somente se ele emergir de dentro de um contexto.

Ademais, mesmo as atividades como a representação de gênero, são reiterativas, pois quem está reproduzindo precisa invocar as essências das convenções afiliadas a cada categoria de gênero para que o desempenho seja compatível com aquilo que se é esperado e desejado. Louro (2020) desenvolve um pouco mais esse debate, sinalizando que desde sempre os corpos são ordenados, categorizados e marcados histórica e culturalmente, seja pela cor da pele, tamanho dos seios, simetria corporal, cor dos olhos e cabelo, órgãos sexuais, tamanho do nariz, etc. São sempre significados construídos e perpetuados que acabam por se tornarem marcas de gênero, raça, etnia e até mesmo classe social, vindo a valer mais ou menos, dependendo do contexto. Sendo assim, características dos corpos transformadas em signos como uma marca pela cultura funcionam como um meio de distinguir sujeitos e geram marcas de poder (*Ibid.*, 2020, p.70).

Dito isso, pode-se afirmar que não há corpo que não seja dito e feito sócio-histórico e culturalmente; descrito, nomeado, categorizado e reconhecido por meio da linguagem, através de signos e dispositivos, inclusive com auxílio de tecnologias (Louro, 2020). Logo, até mesmo as marcas relacionadas a sexualidades também entram nessa categorização sócio-histórica e cultural, fortalecendo e propagando relações de poder. E para que a manutenção desse poder ocorra de maneira efetiva, é preciso que as normas instauradas sejam constantemente reiteradas, renovadas e refeitas. Além disto, Louro reforça que os

corpos considerados "normais" e "comuns" são, também, produzidos através de uma série de signos estabelecidos arbitrariamente pela sociedade e definidos como adequados e legítimos (*Ibid.*, 2020, p.80). Ou seja, todos nós nos valemos desses significados pré-estabelecidos para nos apresentarmos e para dizer quem somos e quem são os outros.

Outra forma de estabelecer e prevalecer desse sistema de poder e normas de organização dos sujeitos é por meio das instituições sociais. Essas instituições desempenham um papel crucial no estabelecimento de quais instâncias sociais, sejam elas a igreja, família, as ciências, política, escola, etc., se utilizam para educar corpos dentro de uma perspectiva de norma social (Garcia, 2021), funcionando como uma ferramenta de manutenção de um sistema arbitrário. E, como já mencionado neste trabalho, o ato performativo e os discursos que cerceiam a nossa sociedade, funcionam igualmente como meios pelos quais a manutenção dessas normas se mantém, porém, esse sistema não sobrevive somente pelo dito, pelo poder e o conhecimento, mas também pelo não-dito (*Ibid.*, 2021).

O silêncio também é uma forma de perpetuação do poder normativo. Seja por não se posicionar quando presenciar algum ato de homofobia, por exemplo, ou compactuar com o "estranhamento" perante a expressão de gênero do outro, ou até mesmo rir de piadas de cunho homofóbicas. Mas também existe o silêncio vindo de instituições públicas, as quais negam direitos básicos, sejam para saúde e/ou educação desses sujeitos. E não menos importante, considerar os silêncios que pairam nos ambientes familiares, os quais deveriam servir como um local de acolhimento, mas que, por muitas vezes, acabam por silenciar a dor do outro. Todos os exemplos citados são formas de silenciamentos usadas para a permanência das normas e subjugação daqueles que vão contra ao sistema. Por conta disso, quando mencionamos as situações de violência vividas por pessoas da comunidade LGBTQIA+ em ambientes institucionais, falamos sobre as micro agressões diárias experienciadas por essas pessoas, seja por meio de nomeação dos sujeitos sem ao menos os mesmos entenderem porque estão passando por aquele tipo de situação, ou por se sentirem totalmente desamparados quando

tentam recorrer a alguma figura de poder com capacidade de ajudá-los e/ou defendê-los.

Desde muito cedo, nossos corpos estão marcados e categorizados, por este motivo, meninos que não performam o padrão de masculinidade esperado deles desde pequenos são nomeados de “viadinho”, “florzinha” e “mulherzinha”. Mesmo que não venham a se entender como homossexuais, se vierem a ser homens que tenham um controle sobre suas emoções e não sigam o padrão de “macho alfa” provedor, será sempre taxado como “anormal”. E, se realmente a sua sexualidade for considerada a desviante, toda a sua trajetória de vida será traçada por medo, dor e perseguição.

Ademais, pessoas transsexuais são ainda mais deixadas à margem e têm seus corpos perseguidos e taxados (além de objetificados), justamente por quebrarem totalmente o padrão cis-heteronormativo esperado. Na visão daqueles que perpetuam a norma e detém o poder, não se identificar com o gênero biológico com o qual nasceu e querer mudá-lo para o gênero oposto e/ou não se identificar com nenhum dos dois, é inaceitável e errado. Não à toa que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans por 13 anos consecutivos.

Desta forma, esta dissertação tem por objetivo trazer à baila, por meio de análises das narrativas geradas em situação de entrevista, como estas micro violências podem ocorrer no dia-a-dia institucional, seja dentro do ambiente escolar, familiar e/ou igreja. E como discursos perpetuados por décadas, com o viés de manutenção dos sistemas normativos de gênero e sexualidade, afetaram e/ou afetam aqueles que recebem tais violências, além de refletir e gerar entendimentos acerca deste tema tão relevante para a sociedade.

No próximo capítulo, veremos como uma das formas de violência mais presentes dos relatos analisados é um dos meios mais comuns de homofobia na nossa sociedade e está enraizado nos discursos cômicos, desde programas de TV até conversas do dia-a-dia. Porém, é importante pontuar também que, apesar de existir este ponto negativo e de controle daquilo que é aceitável ou normalizado

pela sociedade, o humor também pode funcionar como uma ferramenta de resistência.

“Sempre vai ser sobre existir e resistir”
(Fragmentos - Quebrada Queer)

6 Homofobia recreativa

Se procurarmos nos dicionários e *sites* relacionados a movimentos políticos é fácil encontrar definições para o termo “homofobia”. Por trás de uma simples palavra se encontram dores, traumas e cicatrizes. Segundo algumas explicações encontradas, pode-se definir homofobia como sendo uma repulsa e/ou preconceito para com pessoas da comunidade LGBTQIA+, seja pela sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Dentro desse termo guarda-chuva, derivam-se outras formas de violência e repressão, como bifobia, transfobia, lesbofobia, etc. Segundo os *sites* Brasil Escola e o Portal Geledés, este vocábulo é um neologismo formado por dois elementos de origem grega (homo = igual; semelhante + phobia = medo). O momento inicial de uso da palavra vem do começo dos anos 1970, quando foi criado pelo psicólogo estadunidense George Weinberg (1972) em seu livro “*Society and the Healthy Homosexual*” e depois foi sendo difundido pelo mundo a partir dos anos 1990.

Apesar deste vocábulo ter sido inicialmente criado para significar um sentimento de medo, aversão e ódio a pessoas da comunidade LGBTQIA+, passou a significar, ao longo dos anos, quaisquer atos de discriminação contra a orientação sexual e/ou expressão de gênero de qualquer pessoa que esteja inserida dentro desta comunidade. Segundo Pompeu & Souza (2019), a homofobia é uma forma arbitrária de se qualificar o outro como “contrário”, “inferior” ou “anormal”.

Mesmo depois de movimentos tão importantes, como a Rebelião de *Stonewall*, em 1969, que originou as Paradas do Orgulho LGBTQIA+ e as lutas por direitos básicos para a comunidade, como a retirada do termo *homossexualismo* (agora conhecido como *homossexualidade*, pois o termo anterior carregava uma conotação de doença) da lista de doenças da OMS (Organização Mundial da Saúde), em 1990, e a criminalização da homofobia, a

sociedade continua reproduzindo preconceitos contra pessoas com orientações sexuais ou expressões de gênero consideradas minoritárias. Esta forma de preconceito afeta a qualidade de vida dessas pessoas, visto que elas sofrem com situações como *bullying* na escola, pois, como apontado na pesquisa realizada por Souza, Silva e Faro (2015), a homofobia é a terceira maior causa de *bullying* escolar. Além da discriminação sofrida tanto por desconhecidos, quanto de membros da própria família.

E tais situações de violência vão para além de hostilidades verbais, como aponta o *site* Politize! pessoas da comunidade LGBTQIA+ correm constantemente o risco de terem a sua integridade física e psicológica atacadas, principalmente em tempos em que a extrema direita e o conservadorismo vêm crescendo no Brasil. Segundo dados recentes divulgados pelo *site* El País, em uma reportagem de 2019, mais de 50% das pessoas LGBTQIA+ no país relatam ter sofrido alguma forma de violência com relação a sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, desde as eleições de 2018, no Brasil. Além disso, apesar da transfobia ter sido considerada crime, em 2019, o Brasil continua em primeiro lugar no *ranking* de países que mais matam transexuais e travestis, segundo artigo do *site* Brasil de Fato, publicado em janeiro de 2022. Já são 13 anos consecutivos nessa posição; a expectativa de vida dessas pessoas não chega a mais de 35 anos. E de forma contraditória, e um tanto quanto curiosa, ainda segundo esta publicação, o Brasil é o país que mais consome pornografia trans.

De acordo com Pompeu & Souza (2019), em sua pesquisa sobre discriminação sexual por meio do humor, os autores afirmam que existem diferentes formas de manifestações homofóbicas, as quais podem ser classificadas como formal/direta ou informal/indireta. A discriminação formal/indireta ocorre por meio de normativos e procedimentos formais, seja pela ação ou omissão de tais procedimentos que promovem justiça social, principalmente em ambientes formais como em organizações institucionais, por exemplo. Mas também podemos ver essa forma discriminatória em ambientes escolares e familiares. Em

relação à discriminação informal/indireta, ela ocorre de forma mais mascarada, por meio de comentários, “brincadeiras”, humilhação, ridicularização e piadas.

Teischmann (2021), em seu texto *Homofobia recreativa a dor do outro como elemento de humor*, postado no site da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) () do Mato Grosso, fala acerca do método informal/indireto de discriminação, nomeando o ato de usar o humor como ferramenta de opressão. Ela faz uso do termo *recreativo* bastante conhecido nos meios acadêmicos sobre raça e racismo no Brasil. Silvio Almeida (2019), em sua obra *Racismo Estrutural*, menciona que uma das formas de racismo presentes na nossa sociedade é o humor, seja reproduzindo a pessoa negra de forma caricata, seja fazendo piadas de cunho pejorativo, as chamando de “humor negro”. Justificam-se atitudes racistas com a premissa de que dentro do humor se pode tudo, sendo naturalizado.

Retornando o pensamento para a homofobia, algo semelhante ocorre com as pessoas da comunidade LGBTQIA+. Apesar disso, existem poucos estudos sobre o tema no Brasil, e aqueles que existem não usam o termo *recreativo* em suas pesquisas, mesmo reconhecendo o humor como uma ferramenta de discriminação, principalmente em ambientes de trabalho e esportivos. É muito comum, desde muito cedo, a presença de “piadas” em relação à sexualidade de terceiros. E geralmente, essas piadas são direcionadas para aqueles que não performam o que se é esperado em uma sociedade cis-heteronormativa pautada em binarismo de gênero, na qual os padrões aceitáveis são os homens sendo representados como “machos alfas” e as mulheres frágeis e indefesas que precisam ser amparadas, as quais a única e primordial função é procriar e zelar pela sua família. Um “homem de verdade” é aquele que impunha seu poder aos outros e a si mesmo à custa da sua própria afetividade (Miskolci, 2020, p. 10).

Um outro exemplo de pesquisa sobre este tema é o trabalho de doutorado da Costa (2022) intitulado *“Olhos que fuzilam o diferente”: Disputas e trajetórias textuais da sexualidade de militares gays* no qual a autora versa sobre ataques virtuais que três oficiais do Exército Brasileiro sofrem após se assumirem gays. Comentários, piadas, sarcasmo e até ameaças foram compartilhadas pela internet e

redes sociais. Nesta pesquisa, Costa (2022) pontua em vários momentos o poder do discurso e como são enraizadas falas e brincadeiras homofóbicas dentro do ambiente militar, seja presencial ou virtualmente. Ademais, a pesquisadora também ressalta como muitas vezes a violência não é somente física, mas também moral e psicológica; sendo na grande maioria piores do que se fossem corporais. Sendo assim, aqueles que forem na contramão dos padrões pré-estabelecidos pela sociedade são considerados abjetos e deixados à margem são subjugados; nomeados sem nem antes terem a chance de entender o porquê aquilo está acontecendo com eles.

Como discutido no capítulo anterior, ao longo dos anos, os sujeitos vêm sendo indicados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos, suas atitudes e posicionamentos, a partir de padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura (Louro, 2020, p. 69). Posto isto, culturalmente, normalizaram-se as formas cômicas e caricatas de representação de gays, lésbicas, travestis, etc. Em programas de comédia tivemos representações como o “Patrick, olha a faca!” e a dupla Pit Bitoca e o Pit Bixa no programa *Zorra Total*, ou ainda, nas novelas e séries, gay afeminada conselheira, amiga de uma mulher, a qual normalmente é muito bem sucedida e que sempre tem um bordão engraçado para falar nas horas mais oportunas.

Ademais, em esportes como o futebol é muito comum treinadores e colegas de equipe “motivarem” ou ridicularizaram seus atletas por meio de piadas de cunho homofóbico, os chamando de “mulherzinha” ou de “viadinho” se não renderem como esperado. Também é bem comum que torcidas adversárias cantem músicas nas arquibancadas de cunho homofóbico como forma de provocação, chamando o time oposto de “time de viados”; “bambis” e/ou “florzinha”, como acontece com os clubes de futebol Fluminense e São Paulo.

Concomitante a isto, também existem os casos de *bullying* escolar relacionados à sexualidade. Muitas dessas atitudes violentas e discriminatórias acontecem por meio de piadas, comentários, “brincadeiras” e intimidações. Desde o início, a escola foi incumbida de separar os sujeitos (Gomes, 2013).

Historicamente, a instituição escola é considerada um local e um grande veículo de normalização estatal (Miskolci, 2020), usado pelo governo como forma de nivelamento e adestração da massa popular, ou seja, é também um instrumento pelo qual a sociedade reforça e reproduz sistemas de normatividades de gênero e sexualidade, levando alunos os quais não performam como se é esperado a serem excluídos ou considerados “fora do normal”.

Meyer (2007) explica que as crianças aprendem desde cedo os aspectos que definem o que é ser uma menina ou menino na nossa sociedade. Eles já ingressam nos anos escolares sabendo como deveriam supostamente se comportar de acordo com o seu gênero, e trabalham junto com os seus professores para manterem e propagarem as práticas performativas de gênero. Sendo assim, quando alunos relatam terem sofrido algum tipo de ataque vindo de seus colegas ou demonstram desconforto em relação a algum comentário proferido a eles, quase nunca são levados a sério, e às vezes os próprios docentes reforçam tais estereótipos (como será analisado em umas das entrevistas posteriormente).

Essa marginalização e abjeção daquilo considerado desviante da norma imposta acaba criando um sentimento de desamparo e desmotivação para prosseguir nos estudos por parte de pessoas da comunidade LGBTQIA+, pois muitos alunos sofrem por causa de diversas violências (sejam físicas, verbais ou simbólicas) justamente por não se encaixarem. Entende-se que os preconceitos de gênero e sexualidade experienciados na escola produzem marcas profundas no processo de formação e aprendizagem desses estudantes (Gomes, 2013). E por último, tais comentários maldosos também são proferidos no ambiente familiar. Seja pelos pais que não apoiam seus filhos quando comentam sobre alguma situação de violência que tenham sofrido, seja reproduzindo piadas e brincadeiras de cunho homofóbico na frente de seus filhos, fazendo com que não se sintam à vontade para falar sobre seus medos e suas dores.

Esquecemos, por muitas vezes, o impacto que os discursos têm sobre as pessoas. A forma como nos comunicamos e o que comunicamos pode resultar em situações desconfortáveis, além de poder ser uma violência para com as outras pessoas, principalmente para quem o comentário/piada foi proferida. Entender que

a língua é uma prática social é fundamental para compreendermos melhor como essas atitudes homofóbicas estão enraizadas nos discursos da sociedade. Nesse caso, o discurso é usado como uma arma, a linguagem se torna uma forma de controlar e ganhar poder sobre o outro (Kumaravadivelu, 1999, p. 460). Por conta disso, direcionar o nosso olhar para essas “piadas” e “brincadeiras” nos ajuda a entender melhor o funcionamento da nossa sociedade e quais são as situações que aceitamos e normalizamos. Possenti (2002 apud Muniz, 2005) comenta sobre a importância e a utilidade de se analisar piadas, tanto em relação às questões linguísticas quanto para entender e analisar os valores e problemas da nossa sociedade. Muniz (2005) reforça essa ideia durante o artigo afirmando que o “humor por si só já é social” (*Ibid.*, 2005, p.381) pois abrange temas sociais e políticos.

Por conta disso, considero de suma importância a análise de narrativas de experiências de vida de pessoas LGBTQIA+ para ser um caminho no processo de entender e refletir sobre tais formas de violência e homofobia. É relevante ter um olhar mais amplo e trazer à luz como muitos desses comportamentos que estão enraizados na nossa sociedade e vêm sendo, ao longo de anos, perpetuados e normalizados como uma forma de expressão de humor e/ou opinião; expressões que ferem pessoas, mas que são desconsideradas por não compactuarem com o comportamento esperado por uma sociedade com base patriarcal, branca e cis-heteronormativa.

Contudo, não podemos apenas criminalizar o humor como uma ferramenta de preconceitos e discriminação. O humor, quando ressignificado, também pode ser tornar uma ferramenta de luta e resistência das minorias, mas, principalmente, quando pessoas LGBTQIA+ tomam para si algo que os ferem e transformam em alegria genuína, crítica social e amor, eles acabam por encontrar mais um meio de existir e resistir dentro da sociedade. Santos (2017), em seu artigo “*O humor como estratégia de resistência na série “marcha dos vadios”*”, afirma que “o riso, imbuído desse poder de dissolver o medo, poderia ser compreendido como uma importante ferramenta de resistência” (*Ibid.*, 2017, p. 2). O mesmo riso que aprisiona, também pode ser libertador. Assim como disse o ator, comediante,

diretor, roteirista e apresentador Paulo Gustavo: rir é um ato de resistência. Apesar de não ser o foco desta pesquisa, não podemos esquecer do impacto positivo que o humor tem em nossas vidas e lutas.

Por fim, após expor todos os processos teórico-metodológicos escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa, no próximo capítulo, finalizo esta etapa da dissertação dando início às análises das narrativas dos colaboradores.

*"I'm not a mistake
I'm not a fake.
It's set in my DNA"
(Can't be tamed - Miley Cyrus)*

7

Análise dos dados

Neste capítulo, irei apresentar a análise das narrativas geradas em situação de entrevistas semiestruturadas (Mishler, 1986), articulando as interpretações dos dados com os construtos teórico-metodológicos abordados nos capítulos anteriores. Para tal finalidade, organizei o capítulo em duas subseções: primeiro exponho os dados de João e por último os de William.

7.1

João: “Eu demonstrava muita coisa que não era pra demonstrar”

Eu e o João somos próximos, porém nós nunca conversamos sobre assuntos mais profundos relacionados à orientação sexual dele, ou como foi esconder a sua sexualidade durante a adolescência, sendo um jovem adulto não assumido para família. Pelo o que conheço dele, João não gosta muito de abordar esses assuntos, e quando o faz, aparenta ser de forma um pouco superficial. Apesar de ter aceitado fazer parte da entrevista, estando ciente do tema abordado e a utilização para fins acadêmicos, é possível perceber, na transcrição dos trechos selecionados, que ao decorrer da nossa interação há a presença de um certo desconforto vindo de João quando o mesmo começa a relatar a sua experiência escolar e, principalmente, acerca do seu relacionamento com a sua família.

Como mencionado no capítulo teórico-metodológico, as perguntas-guias estavam focadas, inicialmente, em buscar entender a experiência escolar dos meus colaboradores, mas, ao longo da conversa, percebe-se uma mudança no rumo da entrevista. No primeiro momento, pergunto a respeito da sua opinião em relação ao tema *questões de gênero e sexualidade nas escolas*. Antes de responder diretamente a pergunta, ele começa a relatar um pouco sobre a sua experiência sendo um adolescente gay.

Excerto 1

014 015 016 017	Anna	beleza é:: ENTÃO, eu tinha te perguntado inicialmente o:: que que você acha::va e tal:: sobre:: a importância de se falar nas escolas sobre questões de <u>gênero</u> e de <u>sexualidade</u> e etc e aí eu queria:: que você falasse aqui um pouquinho qual é a sua opinião sobre...
018 019 020 021 022 023 024 025 026 027 028	João	(.) é, então é:: <u>naquela época</u> (.) pra mim teria sido um diferencial <u>muito grande</u> ter alguém pra poder conversar sobre essas questões .hh até porque:: .hh eu:: eu há...sozinho entre aspas eu era o único do meu grupo que lidava... com questões... LGBTs... .hh tinha uma outra pessoa, mas eu não era muito íntimo dela então:: <eu era <u>sozinho</u> > entre aspas. eu tinha alguns amigos, mas não <u>dava</u> pra contar muito com eles por:: questões pessoais minhas mesmo, eu não sentia <u>confiança</u> (.) <u>mas se::</u> tivesse um professor, se tivesse alguma orientação acho que deveria ter sido <u>melhor</u> pra mim a época porque:: era frustrante eu ter que lidar com todas as coisas que aconteciam comigo ou que passava na minha cabeça sozinho.

Apesar de conter uma **orientação** (Labov, 1972), indicando o tempo narrativo da fala, logo no início “é, então, é::: naquela época (...)” (linha 018), o restante da estrutura narrativa está fora dos moldes labovianos, constituindo uma narrativa não-canônica. João começa seu relato com uma situação hipotética (Georgakopoulou, 2006) e vai pontuando supostas situações ao longo de sua fala, como “(...)teria sido um diferencial muito grande ter alguém para poder conversar sobre essas questões” (linhas 018 e 109) e “se tivesse um professor, se tivesse uma orientação acho que deveria ter sido melhor pra mim a época” (linhas 025 e 026), começando a construir a ideia de ser um adolescente sem amparo, sem suporte. É notório aqui como João, se utilizando desses momentos hipotéticos, mencionando um pequeno episódio sobre uma terceira pessoa que talvez estivesse passando pelo mesmo que ele (linhas 021 e 022), e avaliativos (Linde, 1993; 1997) - tanto sobre a outra pessoa, quanto sobre ele mesmo - também vai construindo uma ideia de solidão, para além do desamparo.

Podemos ver a forma como ele enfatiza a frase “<eu era sozinho>” na linha 022 para afirmar a sua solidão na adolescência, a qual perpetua até hoje, como veremos mais adiante. Ele também tenta amenizar a situação, como se observaa partir da linha 20, inclusive colocando o *sozinho* entre aspas, mas logo em seguida repete a mesma frase: “eu era sozinho”.

É possível notar também, principalmente nos movimentos que ele faz durante a sua fala neste excerto, a forma como se comporta diante da conversa. Suas constantes pausas, alongamentos e até em alguns pequenos “gaguejamentos”, são marcas de hesitação (linhas 018 a 026) presentes praticamente durante todo o seu turno de fala. São movimentos que podem nos mostrar um certo cuidado com relação ao que ele pode falar, o que quer falar e o que vai ou não o deixar desconfortável. Sendo assim, há uma tentativa de proteger a sua *face* (Goffman, [1955] 1980; 1967), evitando que ela seja ameaçada de alguma forma. Mesmo sendo amigos há muito tempo, parece que há uma necessidade de proteção social durante essa interação. Seja por saber que esses dados serão utilizados para uma pesquisa, seja por tocar em assuntos delicados os quais ele possivelmente não reflete há anos. Mas, para a nossa interação, impactará na forma como ele se constrói enquanto narrador da própria história e em relação a sua performance (Bamberg, 1997) para comigo.

Excerto 2

029 030 031	Anna	hum...TÁ, então:: vamos só contextualizar um pouquinho você:: é:: um homem branco que se que se entende com gay, como homossexual, certo?
032	João	Isso
033 034 035 036 037	Anna	Quando foi que você é:: entendeu isso sobre você e como foi pra você como adolescente numa escola pública onde não se tocava “muito” nesse assunto no anos 2000 por ai né >que a gente não conversava tanto assim sobre essas questões< como é que foi pra você: é:: criar essa identidade, se entender como você é hoje?
038 039 040 041 042 043 044	João	(.) é:: eu... desde pequeno eu já sabia que (.) tinha alguma coisa entre aspas, não é o termo <u>certo</u> para se usar mas, é:: <u>diferente</u> comigo. eu:: (.) não me via:: igual as outras pessoas, no caso os outros meninos, os outros homens. (.) é:: >tinha muitas coisas que eles faziam< que eu não <u>gostava</u> e:: isso acabou me afastando muito (.) e me <u>isolando</u> . Eu tenho um problema com isso que quando eu não me encaixo nas coisas eu me isolo
045	Anna	Hum
046 047 048 049 050	João	é:: <u>na minha adolescência</u> ... eu tive::>um diferencial ainda maior< porque:: (.) eu frequentava uma igreja, eu:: era- fazia parte da Assembleia do Senhor .hh e:: <u>tudo</u> o que eu <u>sentia</u> e <u>pensava</u> a respeito sobre LGBTs e:: >esses assuntos<, eu considerava <u>para mim errado</u> =
051	Anna	[hum]
052 053 054 055	João	=[porque::] .hh eu- era assim que eu tinha sido <u>criado</u> é:: que:: o que eu <u>sentia</u> e o que eu <u>pensava</u> .hh era <u>pecado</u> e eu ia para o <u>inferno</u> , por conta <u>disso</u> ... então era (.) <u>difícil</u> de se lidar, era:: <u>bem</u> complicado mesmo
056	Anna	era um conflito <u>interno</u> , né

Logo depois da narrativa hipotética mostrada no **excerto 1**, faço uma pergunta mais direta em relação a sua experiência como adolescente gay em uma escola pública. Porém, neste momento, não é o entrevistado que se constrói como sendo um homem branco e gay, sou eu (como amiga e pesquisadora) que faço essa contextualização através do meu discurso (linhas 029 a 031). Além disso, de certa forma, por conta da nossa interação, acabo me incluindo nessa contextualização (linhas 035 e 036). Seja por ter vivido um pouco desse processo de autoconhecimento, seja por me incluir, tanto de forma pessoal como pesquisadora, na questão de nunca ter tido espaço para debater esses assuntos antes. Com isso, vamos coconstruindo os significados gerados durante a nossa interação (Moita Lopes, 2001). Essa coconstrução não ocorre somente por intermédio da linguagem, mas também em momentos de silêncio (Blinx; Caine; Clandinin; Berendonk, 2021).

Neste excerto, também é possível ver em ação o paradoxo do observador (Labov, 1962) mencionado no capítulo teórico-metodológico desta pesquisa, e como a nossa intimidade está presente e permeia a interação. Analisar sem levar isso em consideração é tirar uma parte importante da pesquisa.

João começa o seu relato falando que se sentia “diferente” desde pequeno (linhas 038 e 039), não sentia que se encaixava naquilo que era esperado dele como um menino cisgênero, ou seja, ele não correspondia a uma performance de gênero desejada e esperada (Butler, 2003 [1990]; Borba, 2014). Não gostava das mesmas coisas que os meninos da idade dele gostavam, fazendo com que se isolasse cada vez mais (linhas 041 a 044) e construindo novamente o sentimento de solidão. Segundo ele, quanto mais se sente deslocado, mais se isolava. Ou seja, por seu corpo já ter sido regulado desde muito cedo (Livia & Hall, 2010 [1997]; Louro, 2020), logo após o seu nascimento, se é esperado uma performance de gênero específico dele, e por não o fazer, o isolam no convívio social.

Logo em seguida, quando o João menciona que ele tinha um “diferencial” por vir de uma família evangélica, isso atribui uma carga de culpa ao seu relato, mostrando um possível conflito que existia dentro dele entre os valores e as

crenças advindos da família e da religião contra aquilo que sentia, indicando que, possivelmente, isso fazia com que os seus sentimentos fossem completamente invalidados, aumentando seu conflito interno (linhas 046 a 050).

Durante essa narrativa, João conta esse momento da sua vida fazendo micro pausas e muitos alongamentos - presentes nos turnos que vão das linhas 035 a 042 e linhas 046 a 049 - e essas marcas podem ser indicadores de um certo receio e angústia de ter que lembrar desses sentimentos. Por conta disso, em alguns momentos ao longo da entrevista, ele vai fazendo um trabalho de construção de proteção de *face* (Goffman, [1955] 1980; 1967). Além disso, novamente, não há a construção de uma narrativa canônica laboviana. Há, mais uma vez, a presença de uma **orientação** (Labov, 1972) na linha 038, mas sua narrativa não mostra mais elementos da estrutura de Labov. São pequenas histórias (Georgakopoulou, 2006) pontuais as quais tentam organizar ideias e sentimentos acerca de experiências vividas por João.

Além disso, podemos ver como os discursos vindo de uma instituição de poder (nesse caso, a igreja) são um forte alicerce para a criação dessa confusão interna e externa a qual ele vivia. Estes sentimentos e conflitos ficam evidentes nas falas que vão da linha 046 a 055. Ao decorrer de sua vida, João aprendeu que ser homossexual era errado, pecado e ia contra o que era considerado “de Deus”, o que era “moral” e “correto”, o que o levou a avaliar seus sentimentos e experiências por um vies moral e negativo (Linde, 1997). Isso é bastante presente na sua fala nas linhas 048 e 049. Além disso, ele assume um posicionamento passivo dentro de sua narrativa (Bamberg, 1997), o qual constrói uma relação de dor e solidão.

A partir de suas falas, é possível entender que João sofre e tenta lidar com os discursos e olhares advindos de instituições e pessoas (sejam familiares ou colegas de escola/igreja), sem fazer nada a respeito disso, apenas entrando em um ciclo de culpa e questionamentos (como veremos nas linhas 057 a 059 no próximo excerto). Ninguém o ajuda. Ele é sempre construído como culpado, até mesmo quando demonstra “demais” ser gay. Ele reforça isso ao falar que era *difícil e complicado* (linha 054). Por conta disso, teve que construir uma faceta (Goffman [1955] 1980) para se esconder.

Excerto 3

057	João	isso...conflito <u>interno e externo</u> também, porque .hh tem questões <u>familiares</u> , questões de outros amigos, amigos da igreja mesmo é:: porque:: todos eles me achavam estranho.... porque eu demonstrava muita coisa que <u>não era</u> pra demonstrar e...mas...não tinha o que fazer tá ligado? é:: <u>era complicado ter que esconder</u> ...
058		
059		
060		
061		
062	Anna	(.) ter que esconder quem você é porque:: você era <u>julgado</u> e não... quem
063		você era é entendido como ser errado
064	João	<u>Isso</u>

Continuando seu relato, João finaliza esta parte confirmando e repetindo o quão difícil e doloroso foi passar por essa experiência na sua adolescência. Ele não entra em detalhes, contando episódios específicos e com narrativas elaboradas, mas relata que seus familiares e colegas de escola e/ou igreja o achavam “diferente”, causando um conflito interno e externo dentro dele (linhas 057 e 058). Novamente, faz uso desta palavra como forma de pontuar que era desviante do “normal” e esperado. É possível perceber isso pelas pausas e a ênfases que ele dá em partes como “não era pra demonstrar” (linha 060) e “era complicado ter que esconder” (linha 061), pois uma parte de quem ele é tinha que ser escondido, pois era errado. Ele tinha um padrão a seguir, e toda vez que fugia dessa regra, era o *alien*, o estranho.

Além disso, é possível notar como a nossa interação e intimidade ajudam nessa coconstrução de significados (Moita Lopes, 2001; Fabrício; Bastos, 2009; Campos, 2013). Por sermos próximos e por saber que é um tema delicado que estávamos conversando, é possível ver movimentos que faço, possivelmente, como uma forma de suporte e compreensão ao que me é relatado (linhas 0612 e 063), como uma maneira de sustentar a *face* que o João vem construindo e reivindicando ao longo da entrevista (Goffman, [1955] 1980; 1967). Não é possível mostrar o áudio completo da gravação, mas durante toda a conversa, até mesmo os momentos de silêncio eram sustentados por nós dois. Interpreto este movimento como uma forma de cumplicidade e compaixão para com a dor do outro.

Blinx, Cain, Clandinin e Berendonk (2021) falam sobre a importância do silêncio dentro das narrativas, e como direcionar o nosso olhar para este tema é de suma importância para o trabalho investigativo da análise de narrativa. Analisar discursos não é somente sobre quebrar silêncios e visualizar aquilo que foi dito, mas é também sobre aquilo que não é dito e as possíveis construções de significado advindas a partir disso. Na maioria das vezes, ambas as situações ocorrem simultaneamente durante uma interação social.

Em alguns momentos, chego até a terminar as frases de João, como numa tentativa de coconstruir uma identidade coletiva e reivindicar esse senso de coletividade (Snow, 2001) e compaixão para com ele. Logo depois da linha 061, há um silêncio longo por alguns segundos, demonstrando ainda mais o seu desconforto, mencionado anteriormente, em ter que tocar nesse assunto (Blinx; Caine; Clandinin; Berendonk, 2021). E, como forma de dar suporte durante a nossa entrevista, acabo por complementar a sua fala, como se de alguma forma eu entendesse a sua dor e quisesse ajudar na manutenção das *faces* que estão sendo construídas naquele momento (Goffman, [1955] 1980; 1967).

Excerto 4

069		pois é::, eu tive que descobrir as coisas por mim mesmo. Naquela época
070		eu não tinha <u>ninguém</u> pra conversar .hh é:: a pessoa que era o outro
071	João	amigo... ele tinha umas atitudes assim <u>erradas</u> que:: eu <u>sabia</u> que eram
072		erradas mas na época eu <u>tive</u> que descobrir isso...e:: ((limpando a
073		garganta)) eu tive:: que:: <u>aprender também</u> que <u>era errado... na</u>
074		<u>prática</u>

Constantemente, durante a entrevista, João constrói e reforça a ideia do quanto ele era sozinho nesse mundo heteronormativo, onde ser gay é “errado” e como era “diferente” em relação ao restante das pessoas. Fica nítida a autoavaliação negativa nesta situação, provavelmente partindo de um ponto de vista moral (Linde, 1997) além de pontuar como teve que aprender várias coisas por conta própria, sem ninguém para conversar e compartilhar as suas dúvidas e dores, sem apoio. Como é possível ver no trecho acima selecionado, em nenhum momento ele detalha que “coisas” eram essas, mas avalia e as constrói como sendo atitudes erradas, com as quais ele teve que aprender na prática, sejam essas

atitudes para com alguém ou com ele mesmo. Com isso, além de se isolar, se constrói como uma pessoa sem recursos para lidar com as situações à sua volta.

Novamente, ele assume um posicionamento passivo (Bamberg, 1997) em relação às circunstâncias da vida relatadas na sua narrativa. Sempre à mercê de tudo o que acontece ao seu redor, se observa que nunca avalia negativamente as instituições ou as pessoas do seu convívio social, mas sim a si mesmo em relação ao seu próprio processo.

Excerto 5

083 084 085	João	.hh si:m, era::: eu::: (.) <u>naquela época</u> ... existiam... <u>existiam não</u> , hoje ->não sei se eu<- como a gente não conversava mais eu não sei .hh se eu posso chamar essa pessoa de de mulher <u>trans</u> ou travesti
086	Anna	°hum°
087 088 089	João	mas na época ele era um homem <u>bem</u> afeminado (.) e:: o jeito que os outr- as as <u>outras</u> pessoas <u>zoavam</u> e <u>caçoavam</u> da cara dele era tipo assi:m (.) < <u>hoje em dia</u> se alguém fizesse i::sso eu não deixaria> =
090	Anna	[é pesado né]
091 092	João	= porque eu eram brincadeiras pesadas, eram <u>comentários</u> pesados... eram coisas assim que não deveriam ser ditas pra ninguém, mas =
093	Anna	[e ai te coloca-]
094 095 096	João	= estudava em uma escola <u>pública</u> , não tinha <u>ninguém</u> pra conversar e a gente não podia falar isso pra diretora porque .hh não era nada demais, °né° <u>pra</u> época, não era nada demais, era só:: uma brincadeira

Neste próximo excerto, um ponto interessante de se observar é que, apesar de ter dificuldade para falar sobre si em relação às suas experiências e com mais detalhes, ele não faz narrativas mais elaboradas, porém faz uso do exemplo de outra pessoa para, de alguma forma, elucidar como a adolescência dele foi difícil em relação a sua sexualidade. Além de fazer pequenas avaliações morais e sociais (Linde, 1997) como: “porque eram brincadeiras pesadas, eram comentários pesados (...)” (linha 091), para reforçar a ideia de que como vinha se construindo na interação. E, novamente, como ele gostaria de ter tido mais informação e acolhimento de professores na época para poder auxiliar outras pessoas que pudessem estar sofrendo com as mesmas questões que ele. Reavaliando, novamente, a situação para pensar em uma possibilidade de ter sido

diferente. Construindo novamente uma narrativa hipotética (Georgakopoulou 2006).

Além disso, vemos como a homofobia recreativa (Souza, Silva e Faro, 2015; Pompeu & Souza; 2019; Teischmann, 2021) afeta tanto quem sofre como quem presencia e não pode/consegue se posicionar. Isto é bem marcado nas linhas 087 a 089 e as linhas que vão da 094 a 096. No capítulo da dissertação que falo especificamente desse tema, pontuo as diferentes formas nas quais esse tipo de homofobia se manifesta. Ademais, neste mesmo capítulo, Souza, Silva e Faro, 2015 pontuam a homofobia como uma das grandes causas de bullying escolar, ocorrendo por meio de exclusão de atividades escolares, comentários e brincadeiras (como pontuado na fala de João). Portanto, neste excerto, João não somente avalia o seu posicionamento perante as micro violências vividas por esta pessoa mencionada, mas também faz um movimento avaliativo (Linde, 1997) ao dizer como eram os comentários e “brincadeiras” pesadas, coisas que ninguém merecia ouvir.

São discursos humilhantes disfarçados de brincadeiras, mas que subjagam alguém por não performar da forma esperada o gênero que lhe foi designado. Ao ser declarado como *menino*, recaem certas expectativas sobre essa pessoa, e ao não corresponder, frustrando tais expectativas, seu corpo será constantemente perseguido e regulado socialmente (Livia & Hall, 2010 [1997]; Louro, 2020).

Excerto 6

097		e te coloca em uma posição muito difícil, né porque:: é:: você também
098	Anna	>como tava num processo de autoconhecimento< você também não
099		<u>tinha</u> como se posicionar porque:: é:: era difícil porque se você se
100		posicionar -
101	João	[nem é:: (.)] porque...é porque eu não <u>podia</u> porque nem na época eu
102		sabia o que que eu era (.)
103	Anna	Aham
104	João	Entendeu? Então... Era, era <u>complicado</u> . Era difícil e era bem
105		complicado. Eu ajudava no que <u>podia</u> , mas nem tudo dava pra fazer.

Mais uma vez, por conta dos seus próprios conflitos, ele diz que não tinha ferramentas o suficiente para poder ajudar outros colegas que pudessem estar

passando pelo mesmo que ele ou em alguma situação pior. Até porque, defender alguém que esteja sofrendo algum tipo de homofobia velada por “brincadeira”, é uma ameaça para a *face* (Goffman, [1955] 1980; 1967) que ele estava tentando manter. Se posicionar sem ter certeza do que passava dentro dele, poderia ser perigoso para ele também, então a atitude mais segura seria ficar quieto, mesmo que isso o incomodasse. Novamente, se coloca em uma posição de culpa, reavaliando a situação, seja por não ter conseguido ajudar mais essa pessoa a qual ele cita, seja por nem ele saber “o que era” (linha 102) naquela época. Com isso, acaba reforçando o quanto “era complicado” (linha 104) a situação.

Excerto 7

129		si::m pois é porque:: a a gente nã- <u>eu não tinha</u> até o meu segundo grau
130	João	<u>eu não tinha</u> um professor que a gente olhasse assim e poderia talvez se
131		identificar com ele em questões LGBTs porque:: no meu ensino
132		fundamental <u>todo</u> sempre foram homens e mulheres =
133	Anna	[aham]
134		= mulheres casadas com homens e homens casados com mulheres .hh
135		e:: <u>num tinha</u> alguém assim que se chegasse se tivesse alguma dúvida
136		<u>pudesse tirar</u> porque <u>as pessoas, os professores, os diretores e os</u>
137	João	<u>organizadores</u> do colégio eles tinham uma mente muito <u>fechadas</u>
138		entendeu eles não tinham uma mente mais <u>aberta</u> como tem hoje em dia
139		e:: a gente num é <u>realmente</u> a gente não podia >procurar ninguém< no
140		<u>colégio</u> , a gente não podia >procurar ninguém< em <u>casa</u> .hh e ai ficava
141		esse conflito <u>interno</u>
142	Anna	(.) é:: realmente porque às vezes a gente:: sei lá quer só um, um
143		acolhimento né...
144	João	sim..

Nesta parte da entrevista, pergunto outra vez como poderia ter sido para ele se tivesse alguém na escola para auxiliá-lo. Após o meu questionamento, se desenrola uma interação a respeito de questões relacionadas à representatividade na escola e como poderia ter sido um diferencial na vida de João se tivesse alguém para acolhê-lo. Novamente, a construção da narrativa de situações hipotéticas (Georgakopoulou, 2006). Ao decorrer de sua fala, podemos ver como ele coloca bastante ênfase em relação a esse ponto do desamparo, marcando duas vezes o fato de não ter ninguém para ajudá-lo quando era adolescente. Ele pontua que “não poderia >procurar ninguém<” (linha 140), nem na escola e muito menos em casa. Duas das principais instituições na sua vida, as quais não o

auxiliavam, não davam o suporte necessário para que pudesse viver e desenvolver sua sexualidade.

Excerto 8

235	Anna	Aham...exatamente. agora:: é:: mudando um pouco do do aspecto é::
236		escolar você falou dessa dificuldade, né:: que você teve é:: pra poder::
237		entender quem você era até porque no seu contexto familiar você vem
238		de uma família evangélica e ai você vai pro contexto escolar numa época
239		em que na escola >a gente não tinha muita abertura pra falar sobre essas
240		coisas< a gente não tinha com- como a gente <u>não tinha</u> como conversar
241		sobre isso, então a sua adolescência foi um pouco difícil essa construção,
242		né e ai você vai pra dentro de casa que você finalmente começa a
243	entender o que você é:: como é pra você essa vivência?	
244		
245	João	(.) .hh <então>... <u>ainda é</u> um pouco complicado porque:: é:: eu não posso
246		conversar isso com os meus pais porque:: primeiramente eles não
247		sabem, °eu <u>não</u> conversei com eles°, e eu nem sei se vou chegar a ter
248		essa conversa é:: m- <mas eu já <u>tenho</u> uma certa independência> eu já
249		<u>consigo</u> fazer as coisas sem depender deles, <eu já <u>posso</u> fazer algumas
250		coisas sem precisar que eles saibam de tudo> .hh e:: ((limpa a garganta))
251		e:: i::sso <u>vem</u> de questões de certas coisas que se eu aprendesse, se eu
252		<u>soubesse</u> na época da minha adolescência .hh hoje em dia eu teria uma
253		pensamento melhor sobre essas coisas porque como eu disse antes,
254		muita dessas coisas eu tive que fazer pra saber se era certo ou não

Mais pra frente, durante a conversa, tento mudar um pouco o direcionamento da entrevista para o âmbito familiar. O próprio João, ao longo dos seus relatos, cita bastante a família e a igreja. Nessa pequena narrativa (Georgakopoulou, 2006), ele nos mostra ter construído uma forma de proteção para si contra as micro violências que possivelmente sofria, e encontrou isso por meio de uma independência, mesmo ainda morando com seus pais “(...) <mas eu já tenho uma certa independência> eu já consigo fazer as coisas sem depender deles”(linha 248), pois, com isso, consegue viver a sua vida sem precisar justificar suas escolhas, um pouco de liberdade dentro da prisão. João constrói nessa narrativa um posicionamento (Bamberg, 1997) distante dos pais, sem a presença de um diálogo, e ao que parece não haverá nenhuma conversa sobre sua orientação sexual futuramente (linhas 245 a 247).

Novamente, nas linha 251 a 255, temos a presença de uma pequena narrativa hipotética (Georgakopoulou, 2006), na qual ele repete que se soubesse como agir antes, se tivesse as informações que tem hoje em dia, no atual momento da vida, talvez fosse diferente, talvez pudesse agir de uma maneira melhor, ter pensamentos melhores. Pois, segundo ele, mais uma vez, teve que aprender *sozinho*, na prática, no dia a dia.

Excerto 9

265	Anna	Aham... entendi. é:: e hoje em dia como é você se vê?
266	João	.hh ah, <hoje em dia> sou:: mais tranquilo... sou mais <u>feliz</u> vamo por
267		assim. Porque:: independente do que aconteça eu:: já <u>posso</u> ter a minha
268		independência é:: se por um acaso acontecer de eu sair de casa eu já
269		posso dar o <u>meu</u> jeito de:: poder arrumar um lugar pra poder ficar é:: e::
270		eu não preciso.... <u>ter que esconder</u> <mais quem eu sou> (.) não é uma
271		coisa assim:: que eu antigamente era <u>necessário</u> fazer porque eu não
272		<u>queria</u> que soubessem por conta... religiosas e familiares hoje em dia o
273	que eu faço... é aquela famosa “o que eu faço ou que eu deixo de fazer	
274	já não é mais da conta de ninguém”	

Chegando ao final da entrevista, decidi fazer uma pergunta em relação a como ele vê a sua situação atualmente. E, mesmo falando que se sente mais tranquilo hoje, a sua voz durante a nossa entrevista denuncia um ar de solidão e cansaço muito grande. Vemos como ele constrói o sentido de liberdade e felicidade conectado a ter uma independência (linhas 266 a 268). Além disso, ele menciona a importância de poder se virar sozinho caso “(...) acontecer de eu sair de casa (...)” (linha 268). Não depender de ninguém e finalmente viver a vida de acordo como ele deseja. Neste trecho, a partir da linha 270, ele pontua como poder viver sozinho poderá fazer com que ele desconstrua facetas criadas como sobrevivência, proteção: não “ter mais que esconder <mais quem eu sou”.

Em resumo, durante a entrevista, nas suas pequenas narrativas (Georgakopoulou, 2006), João se constrói como um narrador passivo (Bamberg, 1997). Tudo acontece à sua volta e ele nada faz em relação a isso, sempre à mercê dessas situações. Não considera ter ferramentas o suficiente para ajudar alguém e muito menos a si mesmo. Se descreve como uma pessoa sozinho em diversos momentos da entrevista, e também como sendo uma pessoa deslocada nesse mundo heteronormativo e com falta de representatividade, falta de apoio. Além de não ter mecanismos para auxiliá-lo nesse processo, ele constrói um sentimento de culpa em relação aos acontecimentos da sua vida, autoavaliando as situações enquanto as conta, até mesmo quando era considerado que estava “demonstrando demais”. Se culpa por não se posicionar, por não ter informação o suficiente e por agir de uma forma que não era esperado de um adolescente do sexo masculino.

Com isso, vemos avaliações constantes em seus relatos (Linde, 1993;1997), principalmente em relação aos movimentos dentro do seu próprio processo de autodescoberta. João avalia negativamente esse processo, pois, como mencionado anteriormente, se culpa pela falta de recursos e informação para lidar com as situações desconfortáveis da sua adolescência. Mesmo que as instituições tenham um grande papel na perpetuação das ideias que foram passadas para ele e absorvidas (considerar um “erro” e “pecado” ser gay, policiamento do seu comportamento como homem, ideias conservadoras, etc.), e mencionando que ninguém dentro dessas instituições (igreja, família e escola) o ajudasse, fazendo com que o desenvolvimento da sua sexualidade não acontecesse de forma mais natural e leve, ele não direciona essa culpa a terceiros.

Ademais, é interessante notar como ele não consegue se ver e se descrever desassociado das instituições que o cerceiam. No último excerto selecionado para esta análise, faço uma pergunta direta sobre como ele se vê hoje em dia, e, no lugar de falar sobre si, menciona a instituição familiar e como nos dias atuais ele tem uma certa independência em relação a eles, mesmo que ainda esteja morando com seus pais. E isso também é sutilmente percebido quando ele menciona um colega de escola para descrever sua falta de recursos para apoiá-lo e também quando justifica sua falta de informação e confusão interna/externa por não ter apoio na escola e vir de uma família evangélica.

Por fim, no que concerne a nossa interação durante a entrevista, vale ressaltar a nossa construção de significados mútuos, não somente pelo fato de sermos próximos, mas também por eu tentar reivindicar esse senso de coletividade (Snow, 2001) para ele. E isso não ocorre somente quando vou inferindo pensamentos por ele, mas na forma que dou suporte aos seus momentos de silêncio, quando respeito esses momentos (Blinx; Caine; Clandinin; Berendonk, 2021) por sentir que possa haver algum tipo de desconforto e na forma como complemento às suas falas. Além disso, em alguns trechos que não foram selecionados para essa análise, ocorrem momentos durante a entrevista em que tenho períodos longos de falas, nas quais tomo para mim um sentimento de

inquietação para com o que ele me relata e me coloco não somente como uma apoiadora a causa, mas como se vivesse aquela dor e entendesse aquele sentimento de confusão.

7.2

William: “acabava sempre eu sendo punido, né. Porque não querer estar ali”

Com a possibilidade de poder realizar as minhas entrevistas por meio de plataformas digitais, acabei por procurar participantes de diversos locais do Brasil para fazer parte da minha pesquisa. Com isso, meus amigos ajudaram com indicações de pessoas que talvez pudessem colaborar. Sendo assim, cheguei até o contato do William. Nessa segunda entrevista, que terá seus trechos analisados abaixo, eu conversei com um homem de 27 anos (no ano de 2020, quando a entrevista foi realizada) advindo de uma cidade no interior de Goiás. Ao contrário da primeira entrevista analisada, William não demonstra muito desconforto ao falar sobre a sua experiência como um menino afeminado que sofria bullying na escola.

Primeiramente, é importante ressaltar que, assim como na análise anterior, não há presença de narrativas canônicas, seguindo o modelo de Labov (1972), nessa entrevista. Assim como na anterior, há uma narrativa maior ao redor de micro narrativas (Georgakopoulou, 2006) de possíveis situações de micro violências vividas por William. Essas micro narrativas não podem ser descartadas pois são elas que vão ajudar a tecer o enredo principal do relato de William.

Excerto 1

018 019 020	Anna	E você quer me contar como é que foi essa experiência de bullying? Não precisa me dar detalhes se você não se sentir confortável, mas como é que foi pra você:: porque você é:: gay, né. Certo?
021	William	Sim
022	Anna	Então... os seus bullyings foi mais relacionado a sua sexualidade
023 024	William	Exato. Sempre, na verdade. É:: Porque:: é:: assim, é mais a educação física, né. =
025	Anna	[Hum]
026 027 028	William	= o pessoal ia jogar bola e como eu não gostava, andava muito com as meninas, é:: era o último escolhi:do... chamava a gente de nome, né, de viadinho, de baitola de de vários nomes que a gente já conhece bem
029	Anna	Sim

Apesar de não estar presente no início deste excerto, começo a nossa interação perguntando como foi a experiência escolar de William. Ele começa a narrativa contextualizando a sua experiência, contando que vem de escola pública até chegar ao momento da graduação, feita em uma universidade privada. Sem entrar em muitos detalhes, ele menciona a qualidade de ensino e considera que não teve grandes problemas a respeito disso, mas que as suas maiores dificuldades foram com relação ao bullying que sofria. Ou seja, nos dá um **sumário** (Labov, 1972) do que está por vir ao decorrer de seu relato. Nessa entrevista, o participante não considera as ações sofridas por ele como ações homofóbicas, mas como bullying. Souza, Silva e Faro (2015) pontuam em sua pesquisa como a homofobia também parece em forma de bullying dentro das escolas.

E assim como ocorreu na entrevista de João, faço o mesmo movimento de contextualização do entrevistado em relação a sua orientação sexual (linha 020). Dessa vez, não menciono que ele é um homem cisgênero e branco, mas faço uma pergunta retórica a fim de uma confirmação. Após essa minha fala, William afirma que não somente esses bullyings eram praticados por conta da sua orientação sexual (linha 022), mas que ocorriam principalmente durante as aulas de Educação Física (linhas 023 e 024).

É possível notar que William vai construindo dois tipos de narrativa. Uma narrativa maior, que aqui vou entender como sendo a entrevista como um todo, na qual ele constrói a sua experiência como um adolescente gay, e dentro desta narrativa contém pequenos relatos (Georgakopoulou, 2006), sem muitos detalhes, sobre como essa adolescência foi atravessada por situações de bullying. Assim como ocorre com o primeiro entrevistado, há a presença de micro narrativas não-canônicas, sem muita presença de aspectos labovianos. Segundo o entrevistado, o fato de ele não performar uma masculinidade esperada dele por conta do seu gênero biológico (Butler, 2003 [1990]; Livia & Hall (2010 [1997]; Louro, 2020; Garcia, 2021) e por não se identificar com os gostos dos meninos da sua idade, isso o levava a ser chamado por nomes como “viadinho” e “baitola”, além de não quererem que ele fizesse parte dos times, pois sempre era escolhido por último (como podemos ver na linha 026 até a linha 028).

Nesta parte é importante mencionar que esses aspectos de nomear as pessoas é uma forma de designar seus papéis na sociedade. Assim como Livia & Hall (2010 [1997]) falam sobre o impacto se ter seu sexo biológico apontado logo após o nosso nascimento e como isso acarreta expectativas comportamentais dentro de uma sociedade, também nos leva a sermos categorizados (Louro, 2020) caso não venhamos a corresponder com essas expectativas. Neste excerto, William vai construindo uma avaliação moral (Linde, 1997) no decorrer da sua fala, em decorrência de ter sido uma criança que não gostava de jogar bola e querer andar mais com as meninas (linhas 026 e 027), pois tais escolhas iriam contra ao que era esperado por ele ante aos colegas. Logo, isso acabava fazendo com que fosse automaticamente categorizado e regulado (Livia & Hall, 2010 [1997]; Louro, 2020), como fazendo parte do desviante: ser gay, conectando comportamento, escolhas e preferências a sua possível orientação sexual. E isto também é uma forma de micro violência.

É interessante notar que, ao final da sua fala, William tenta construir um senso de coletividade comigo e, usando o “a gente já conhece bem” (linha 028), construindo e reforçando a ideia do senso comum sobre quais nomes são usados para fazer bullying como forma de “brincadeira” com pessoas homossexuais. É possível perceber esse movimento de compartilhamento de um senso de *nós* - ou um sentimento de *we-ness* (Snow, 2001) - como uma forma de autenticar a suas histórias, suas vivências, pois o processo de narrar e a sua interação comigo faz com que possamos construir uma dupla agência nessa narração. Ao tentar me incluir nessa “agência coletiva” (*Ibid.*, 2001), como uma forma de acolhimento e entendimento de que aquela conversa, aquele espaço durante a entrevista se torna seguro para contar a sua história.

Excerto 2

030 031 032 033 034 035	William	E:: por um tempo eu escondia aquilo dos meus pais e tinha vergonha, né. Lá em casa sempre foi dito que...é:: isso era <u>errado</u> , que isso era <u>feio</u> . Não:: <u>exatamente</u> com essas palavras, mas sempre debochando, né, fazendo piadinha. Então a gente sempre tem aquilo já:: (.) firmado na nossa cabeça que não é uma coisa boa. >Então, a gente esconde dos nossos pais porque não quer decepcionar.<
036	Anna	Sim

Seguindo o seu relato, William nos mostra que foi um adolescente que precisou esconder as suas angústias porque possivelmente não seria bem recebido em casa se contasse o que acontecia na escola. Seus movimentos retóricos como alongamentos, uma pequena pausa (linha 33) e uma marcação nas palavras “errado” e “feio” (linhas 031 e 032) nos mostra a construção e as avaliações morais (Linde, 1997) que ele faz de si em relação aos sentimentos de vergonha e o medo de decepcionar seus pais. Mencionar as micro violências que sofria poderia ser algo mais negativo do que positivo neste caso. Aparentemente, não sentia que tinha amparo no ambiente familiar pois sempre ouviu a vida inteira que ser gay era algo ruim; era alvo de chacota, piada e deboche (linhas 031 a 033).

Assim como pontuado nos excertos analisados de João, este trecho da fala de William (linhas 030 a 035) também apresenta marcas da homofobia recreativa (Souza, Silva e Faro, 2015; Pompeu & Souza, 2019; Teischmann, 2021), porém, desta vez vemos este movimento acontecer dentro do ambiente familiar e não entre colegas de escola. William passa a sua vida ouvindo discursos humilhantes, piadas, deboches sobre pessoas LGBTQIA+ dentro de sua casa, fazendo-o criar a imagem de que ser assim era algo errado. Discursos naturalizados, mas que cerceiam e podem vir a causar dor, angústia e sofrimento, além de ser uma forma indireta de micro violência. Com isso, ele acaba por fazer a escolha de esconder as micro violências que sofria na escola (linhas 034 e 035).

Excerto 3

037 038 039 040 041 042	William	Ai:: na escola ficava com isso. Só que chegou um tempo que aquilo chegou a ficar pesado, mais pra perto do Ensino Médio ali, primeiro ano:: mais ou menos é:: (.) onde começou a ficar um pouco mais pesado. Pessoal xingava de nome e eu não tava mais gostando daquilo, né. <u>Claro</u> que a gente nunca gostou, né. Mas é, a gente não tá mais querendo ficar quieto.
043	Anna	É. Chega uma hora que não aguenta, né.

Nesta pequena narrativa (Georgakopoulou, 2006), William vai se construindo como alguém que não aguenta mais passar por tais situações de micro violência. Sem dar muitos detalhes, ele menciona que “(...) chegou um tempo que

aquilo chegou a ficar pesado” (linhas 037 e 038) avaliando (Linde, 1997) seu incômodo e desconforto. E isto também está presente na micro pausa (linha 039) e na sua fala logo em seguida: “começou a ficar mais pesado” (linha 039), da qual se pode inferir que a perseguição para com ele aumenta. Logo em seguida, na linha 041, William faz uma breve avaliação (Linde, 1997) e reflexão sobre a sua postura em relação ao bullying que sofria, afirmando que ele nunca gostou, mas que a partir daquele momento narrado, ele não iria ficar mais quieto.

A partir deste momento é possível ver uma mudança de posicionamento (Bamberg, 1997), menos passivo acerca das coisas que acontecem ao seu redor, em direção a uma postura mais ativa e provavelmente defensiva, justamente por não aguentar mais engolir aquela situação calado (linhas 041 e 042). Podemos ver essa mudança de posicionamento (Bamberg, 1997) dentro da história narrada como sendo o primeiro ponto de virada (Mishler, 2002). Enquanto no começo de suas narrativas ele se construía como alguém que apenas assistia a suas agressões (**excertos 1 e 2**), a partir do Ensino Médio ele começa a construir um posicionamento (Bamberg, 1997) mais ofensivo.

Novamente, na tentativa de coconstruir com o entrevistado (Moita Lopes, 2001; Rollemberg, 2013), reafirmo a sua fala confirmando que chega um momento que não dá mais pra ficar calado. Pois antes, havia uma tentativa de sustentar uma *face* criada para sua proteção (Goffman, [1955] 1980; 1967), porém já não era mais possível mantê-la. Nesse momento da entrevista, sou eu quem faz o movimento de “agenciação coletiva” (Snow, 2001) dentro da narrativa de William. E não é a primeira vez que isso ocorre, como veremos a seguir.

Excerto 4

044	William	Isso. Chamavam os meus pais na escola, né. Mas não adiantava muita coisa. Acho que ele foi uma vez só pra me defender. Mas a resposta que eu tinha em casa é que, tipo, “se você não quer que eles falem isso com você, cê tem que mudar” [então eu parei de falar]
045		
046		
047		
048	Anna	[é porque o errado era você, né .hh]

Neste excerto vemos outra forma de micro violência sofrida por William. Nas linhas 044 a 047 ele nos relata em uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2006) um episódio em que seus pais precisaram ir à escola. Não temos detalhes dos motivos pelos quais eles foram chamados, só que, como mencionado no **excerto 3**, ele precisou começar a se defender e por conta disso ocorreu esse momento em que seus responsáveis foram chamados. William relata que somente uma vez seu pai teve o posicionamento (Bamberg, 1997) de ficar ao seu lado e lhe defendeu (linha 045). Porém, ao chegar em casa, há uma mudança de posicionamento (Bamberg, 1997) por parte dele. Seu pai o culpou pelas agressões sofridas “se não quer que eles falem isso com você, cê tem que mudar” (linhas 046 e 047). Não somente sofria micro agressões na escola por meio do discurso como também as sofria em casa.

Por último, ele nos revela que a partir desse momento parou de falar com os seus pais sobre os bullyings sofridos na escola, voltando a lidar com a situação sozinho (linha 047). E, novamente, eu não me construo somente como a pesquisadora na interação, mas produzo significados conjuntos com ele (Moita Lopes, 2001; Rollemberg, 2013), dando um suporte e reafirmando, na linha 048 que a culpa da situação foi transferida para ele. Pois, segundo os padrões sociais impostos compulsoriamente a ele (Butler (2003 [1990]; Lewis, 2017; Borba, 2014; 2015; Garcia, 2021), o errado da situação era o William.

Excerto 5

049		Exato. Ai eu parei de falar. E eu comecei a a impor um pouco mais a frente, ali perto do terceiro ano. Pessoa já não falava tanto. (.) Até cheguei a qua::se:: fiquei com uma menina, <u>primeira vez</u> . Tava no segundo ano. Porque o pessoal me jogou em cima dela. Os hêteros mesmo que tinham um pouquinho mais de respeito por mim. Agora, olhando pra trás, não sei mais se é respeito ou se foi uma brincadeira =
050	William	
051		
052		
053		
054		
055		
056	Anna	[Pois é]
057		= ai:: jogaram a menina em cima de mim e a gente ficou:: por uma semana mais ou menos. E o pessoal parou de falar da minha vida. (.) [E ai eu me empolguei naquela::] =
058	William	
059		
060	Anna	[é porque voc-]
061	William	= Imunidade
062	Anna	Aham. Você teve que provar a sua sexualidade para pararem de:: encherem o seu saco, né.
063		
064	William	Exato. Ai eu quase cheguei a pedir a menina em namoro. Tipo, na época eu não sabia de nada.
065		
066	Anna	Hum
067		
068	William	Ai até que ela falou comigo “não vamos ser só amigos” ai eu falei “meu deus o que eu ia fazer da minha vida”. Não tudo bem. Tá ótimo. A gente continua sendo amigo. E hoje eu... meu deus, quase que eu fiz uma, uma merda pra esconder, né.
069		
070		

William vai construindo a sua narrativa maior trazendo mais um micro relato, (Georgakopoulou, 2006) pontuando que, depois de se impor um pouco mais, por volta do terceiro ano do Ensino Médio, os meninos pararam de persegui-lo (linhas 049 e 050). Além disso, vemos uma situação de tentativa de proteção de *face* (Goffman, [1955] 1980; 1967) vindo de William, fazendo o movimento de tentar se encaixar em padrões para ser aceito e se proteger: durante esse mesmo período, ele começa a ficar com uma garota por imposição dos colegas (linhas 052 e 057). Eu também faço um movimento avaliativo (Linde, 1997) sobre a situação (linhas 062 e 063), que funciona como um suporte, uma forma de sustentar a *face* (Goffman, [1955] 1980; 1967) durante a nossa interação, em relação aquilo que está me sendo narrado e continuando a coconstrução dos sentidos com ele (Moita Lopes, 2001; Rollemberg, 2013).

É notório que, ao narrar a sua *estória*, William pôde gerar uma reflexão e uma autoavaliação sobre o ocorrido (Linde, 1993; 1997). Ao voltar o seu olhar para esse momento, pôde reavaliar a situação e percebeu que essa atitude de o empurrar para cima da garota talvez não fosse tão respeitoso assim (linhas 053 e 054). Era quase como se fosse um teste, uma vez que, após ficar com a menina por uma semana, os mesmos colegas héteros o deixaram em paz (linha 058). Afinal, a sua heterossexualidade estava comprovada e William era finalmente aceito na escola, ou seja, sua nova faceta estava protegida e aceita (Goffman, [1955] 1980; 1967). Além disso, neste relato é possível perceber como a heterossexualidade e a cisgeneridade não estão sendo somente pressupostas, pois o esperado é que o desejo dele seria por uma mulher cisgênera, como também estão sendo demandadas. Afinal, se busca alinhar a ele a ordem do gênero, sexo, desejo e prática (beijo) da matriz cis-heteronormativa (Butler, 2003 [1990]), a qual presume uma coerência nesse alinhamento.

Prosseguindo nessa imunidade temporária que ele tinha acabado de adquirir, foi se deixando levar pela empolgação e quase pediu a menina em namoro (linha

064 e 065). Ele confessa que, se não fosse a resposta negativa da menina, teria seguido com o roteiro que era esperado dele. Ou seja, continuar com uma pessoa do sexo oposto. Hoje, novamente, fazendo o movimento de reavaliação (Linde, 1997), percebeu que teria se colocado em uma situação ruim, pois seria difícil se esconder e perpetuar a sua nova *face* (linhas 069 e 070) (Goffman, [1955] 1980; 1967). Isso porque, de uma certa forma, ele estaria mentindo não só para si mesmo, mas para a menina também, e a colocando em uma posição que não cabia a ela ou até mesmo a magoando.

Excerto 6

072	William	Porque eu ia enganar a garota. Mas aí:: é:: deixei isso passar. Passei muito tempo sem nem conversar com outras pessoas em relação a... ficar com alguém, né. (.) Nunca flertei mais com alguém. E:: (.) desde que eu
073		
074		
075		
076		
077		
078		
079		
080		
081	Anna	Pode falar. Não tem problema, você aqui pode falar o que .hh o que
082		sentir à vontade
083	William	Era um curso pré-vestibular porque eu queria entrar na UNB
084	Anna	Hum
085	William	E ai teve um professor que ficava falando, debochando um pouquinho e... acabei discutindo com ele na hora de sair da da sala e era um dos dias
086		
087		
088		
089	Anna	Hum

Após esse caso com a menina, citado no **excerto 5**, William aparenta ter ficado abalado ao ponto de se fechar para relações por um tempo (linhas 072 a 074). Há nesse momento uma mudança de posicionamento (Bamberg, 1997) em relação às atitudes das pessoas para com ele. Se no início ele se constrói com uma pessoa que aguentava tudo calado e não se sentia amparado por terceiros, depois das experiências apresentadas nos excertos anteriores, ele começa a se posicionar mais e ter uma atitude menos passiva e mais agentiva em relação aos possíveis julgamentos das pessoas sobre a sua orientação sexual.

A partir da linha 077, William começa mais uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2006), mencionando uma situação de bullying vivenciada após sua mudança para Brasília. Ele teve uma experiência desagradável com um de seus professores. Segundo ele, esse professor debochava e ficava falando coisas que o deixavam desconfortável, porém, ele não me forneceu muitos detalhes sobre quais eram essas coisas (linhas 085 a 088). Entretanto, é notório como, novamente, William sofre micro agressões advindas de um professor, marcando como grande parte das homofobias sofridas vieram por parte da instituição escolar.

Excerto 7

092	William	Aí eu coloquei o fone de ouvido e ele pediu pra eu tirar. Eu falei: olha, não to muito legal deixa eu ficar com o fone. Ai ele: não, na minha sala ninguém fica. Falei "aff", na época falava "aff"
091		
093		
094	Anna	(risos)
095	William	Levantei e saí.
096	Anna	Aham
097	William	Aí:: os meus amigos me contaram depois que, é:: "nossa, eu esperava mais, né... ele parece ser tão forte". Porque na época eu malhava. "Esperava que ele fosse falar mais alguma coisa" Tipo, debochando, né.
098		
099		
100		
101	Anna	Aham
102	William	É:: e depois eu fui falar com ele. Falei "olha, eu não aceito desrespeito de forma nenhuma. Eu não te desrespeitei. Eu pedi pra ficar de fone, não vou aceitar esse tipo de comentário." E ai pedi desculpa e eu também pedi desculpa por ter esquentado e ficou por isso mesmo. Então eu comecei a a não aceitar mais esse tipo de comportamento. Na faculdade eu tava desenhando no quadro. Eu gosto de desenhar...pequei o pincel do professor, eu desenhei no quadro. E ele falou "hmm" é:: não lembro o que ele falou. 'Viadinho' uma coisa assim. Eu falei "Você tá maluco?" (.hh) "Não te dei intimidade pra falar comigo desse jeito." Falei "Toma vergonha na cara, olha a sua idade." Ai eu já respondia, entendeu.
103		
104		
105		
106		
107		
108		
109		
110		
111		
112		
113	Anna	Aham
114	William	Ainda mais que eu já era um pouco fortinho, a gente fica com um pouco mais de coragem porque se entrar em uma briga a gente consegue bater
115		
116		
117	Anna	(hh) Intimida mais, né
118	William	(.hh) Sim. Ai:: se não respeita por bem, respeita por mal. Ficou mais ou menos assim
119		

Sabendo por terceiros que esse professor debochou dele, William vai tirar satisfação sobre o acontecido pedindo mais respeito por parte do professor (linhas 102 a 107), reafirmando novamente a sua construção como pessoa que não teria mais uma atitude passiva sobre essas situações. É possível notar uma outra construção durante esse relato de William: a forma como ele impõe respeito não

somente por meio do discurso e com posicionamentos mais assertivos (Bamberg, 1997), mas na aparência física também, construindo mais uma nova faceta como forma de proteção e intimidação (Goffman, [1955] 1980; 1967). Aquela *face* que havia construído para se encaixar na sociedade e ser aceito foi mudada para alguém que bate de frente diante de situações de violência sofridas; se constrói como alguém sem medo de ter sua face desafiada e não aceita. O fato de ele ter começado a malhar nesse período dá a ele uma confiança maior para exigir respeito. Como ele mesmo diz “se não respeitar por bem, respeita por mal”(linha 118).

E para finalizar este relato sobre atitudes de professores para com ele, temos mais um exemplo de micro violência institucional com um professor sendo homofóbico com William (por mais que ele chame a atitude de bullying), pois o chama de “viadinho” (linha 110) por ele estar desenhando no quadro. A atitude do professor o deixou tão fora do eixo que fez com ele respondesse a essa atitude na hora falando: “você tá maluco?” e “toma vergonha na sua cara, olha a sua idade” (linhas 111 e 112). Essa fala reafirma que aquela atitude tinha sido desrespeitosa; sem cabimento. Novamente, afirmando o seu posicionamento assertivo de não engolir mais calado (Bamberg, 1997).

Excerto 8

121 122 123	William	É... hoje em dia eu já não, não penso mais dessa forma. Não gosto de briga, eu tento resolver na conversa... só que... eu... <u>imponho</u> que me respeitem
124	Anna	Hum
125 126	William	Não deixo ninguém mais falar e ficar quieto não. Eu dou um <u>sermão</u> na pessoa e faço ela ficar com vergonha de ter falado o que ela falou.

Por fim, aqui temos a presença de uma **coda** (Labov, 1972). Ao finalizar sua narrativa, William retorna ao tempo presente e conclui, fazendo um último ponto de virada (Mishler, 2002), comparando e avaliando moralmente (Linde, 1997) a sua atitude atual diante das situações homofóbicas e como ele se comportava antes. Não se posiciona (Bamberg, 1997) mais como uma pessoa que compra

briga a todo custo ou tem uma atitude mais agressiva, mas ainda impõe respeito (linhas 121 a 123), mesmo que deixe as pessoas desconfortáveis e com vergonha por levarem um sermão (linhas 125 e 126). Agora, ao invés de se posicionar a partir das pessoas e suas atitudes, ele posiciona o outro em relação a ele, reforçando a sua agentividade (Bamberg, 1997). Ele não fica mais à mercê das atitudes alheias. Conforme ele vai organizando a sua narração ao longo da entrevista, vemos que se constrói, através de seus erros e experiências, até o momento em que se encontra hoje.

Excerto 9

130		
131	William	Mas em relação a escola, sempre foi- não foi fácil, foi difícil por causa dessa parte. Eu tava crescendo, eu era uma <u>criança</u> , entendi porra nenhuma. Pra mim não fazia sentido nenhum as pessoas me xingarem daquela forma. Demorei muito tempo, assim, para descobrir o que era sexualidade. Acho que... tesão porque alguém foi sentir lá pelos 12, 13 anos de idade. Então... não sabia muito o que que era, só era xingado desde cedo, né.
132		
133		
134		
135		
136		

Neste trecho, avalia negativamente (Linde, 1997) a sua vivência como um jovem que tentava tirar algum sentido ou significado daquela situação (linhas 031 e 032). Muito antes de ele mesmo saber o que era se sentir atraído por alguém, reconhecer os seus próprios sentimentos e desejos (linhas 133 a 135), os outros já o nomeavam, e o categorizam de uma forma agressiva (Garcia, 2021; Louro, 2020). Isso muito antes de ele mesmo se nomear. Ele reavalia aquela época como sendo um momento difícil na sua vida (Linde, 1997). Ele era apenas uma criança. Para ele, não fazia sentido aquela perseguição (linha 036).

Excerto 10

146		
147	Anna	É, deixa eu te perguntar... você:: em algum momento, é:: esse esse bullying, essa essa coisa de ficarem te nomeando e tal, desanimou você na questão dos estudos, de ir pra escola? perder a vontade de ir pra escola, essas coisas.
148		
149		
150	William	Várias vezes. Desanimava bastante. Eu perdia muitas aulas de Educação Física, principalmente porque era o momento em que eu mais sofria bullying.
151		
152		
153	Anna	Hum
154	William	É... "Ah William, se mexe!" Era o último a ser escolhido. Quem acabava comigo porque eu era o último a ser escolhido, o outro time ria. Então era bem desconfortável. Ai eu fiquei, acho que com duas notas vermelhas no boletim do Ensino Fundamental e Médio. Por causa desse problema.
155		
156		
157		
158		
159	Anna	Hum
160	William	Porque eu não queria fazer as aulas. Falavam "Oh William, se você não fizer as aulas vai para a coordenação". Eu levantava e ia.
161		
162	Anna	Porque você não se sentia confortável ali, né.
163	William	Sim.

Com a intenção de começar a direcionar a nossa entrevista para o final, pergunto um pouco mais sobre os seus sentimentos em relação ao ambiente escolar (linhas 146 a 149). William afirma que várias vezes se sentiu assim, desanimado e desmotivado (linha 150). Novamente pontua sobre as aulas de Educação Física, pois era nesse ambiente que a maior parte dos xingamentos e risos de deboche ocorriam (linhas 151 e 152). Nesse ponto de sua narrativa, William nos mostra que as situações de micro violência não apenas ocorriam apenas pelos discursos, comentários, xingamentos e “brincadeiras”, mas também na forma de o humilhar constantemente e na tentativa de, aos poucos, excluí-lo das atividades, ser deixado de lado (linhas 154 a 156). Ele relata que isso o levava a não querer mais participar das aulas, fazendo com que ele ficasse com notas vermelhas em seu boletim e até ir para a coordenação (linhas 157 e 158 e linhas 160 e 161).

Tanto o discurso como a interação e a forma como as pessoas o posicionam diante das situações (Bamberg, 2006) são maneiras violência, além de perpetuar a homofobia. Não ouvir, não ser amparado, ser culpabilizado e cobrar uma postura diferente dele são formas de micro violência para além dos discursos, construindo, assim, um sentimento de solidão dentro dele.

Excerto 11

164 165	Anna	E você acha que se os professores soubesse lidar melhor com essas situações teria te ajudado em algum momento?
166 167	William	<u>Com certeza</u> . Porque muitas vezes... o desamparo maior que a gente ficava revoltado era que o professor via tudo e não fazia nada.
168	Anna	Hum
169 170 171 172 173 174 175	William	É:: várias vezes me <u>xingaram</u> de gazela, coisas do tipo na frente da professora e a professora não falou nada. Olhando pra professora e ela falou nada. Eu olhei pra Vanessa e falei assim “você não vai fazer nada?” Ai eu levantei e fui pra coordenação. É:: (.) vários momento assim na na Educação Física, principalmente, que eu falei que acontecia mais, o pessoal ria, faziam alguma coisa e ela não impunha respeito... a gente esperava mais dos professores, sempre.
176 177	Anna	Hum. E da coordenação também, né. Porque de alguma forma todo o corpo docente da escola =
178	William	[Todo o corpo docente]
179 180	Anna	Não fazia nada ou botavam a culpa em você como o seu pai ficava fazendo contigo, né.
181	William	É, porque acabava sendo sempre eu o punido, né. Por não querer tá ali.

Em seguida, já finalizando a nossa conversa, pergunto para ele (assim como fiz na entrevista anterior) se ter algum tipo de suporte dos professores teria mudado algo na sua experiência (linhas 164 e 165). Novamente, criando um senso de coletividade (Snow, 2001) ao responder a minha pergunta com “a gente” (linha 166), William constrói a sua fala afirmando e realizando (Linde, 1997) que ter algum tipo de suporte dos professores teria sido um diferencial em toda a situação, pois, um dos maiores motivadores de revolta era o fato de os professores serem complacentes com tudo o que acontecia: “Via tudo e nada fazia” (linha 167). William faz o movimento de avaliar esse desamparo como um fator que deixou tudo mais difícil e revoltante (Linde, 1997). E, como em um movimento de coconstrução (Moita Lopes, 2001; Rollemberg, 2013) e suporte emocional sobre aquilo que está sendo relatado a mim, eu construo a minha fala trazendo nesse trecho uma informação que foi dada anteriormente (linhas 169 e 170) para reafirmar a ideia de culpa e desamparo que ele estava sentindo.

Em resumo, ao longo desta entrevista - que, como mencionado no início da análise, está sendo considerada como a narrativa maior - há a presença de micro narrativas (Georgakopoulou, 2006) que dão suporte a construção da sua experiência como adolescente gay que vivenciou casos de micro agressões, momentos específicos em que ele foi nomeado, categorizado, excluído e culpabilizado. Ele vai se construindo inicialmente como um menino desamparado, que teve que lidar com essas situações sozinho e tentando, por conta própria, encontrar mecanismos de defesa para se proteger, fazendo até com que tentasse se encaixar, construir uma *face* (Goffman, [1955] 1980) em um padrão de comportamento cis-heteronormativo esperado para ele pela sociedade.

Porém, vemos, em diversos pontos de virada (Mishler, 2002) ao decorrer da narrativa, o desenrolar de um posicionamento (Bamberg, 2006) passivo para as coisas que o cercavam em direção a um mais agressivo e assertivo, no qual ele não *engole mais os sapos* que são jogados contra ele e impõe que o respeitem, marcando, assim, um movimento de ruptura com a cis-heteronormatividade que se esperava dele. Não importando se é um professor ou um colega de sala. Porém,

há a presença muito marcante das consequências que essas micro violências geraram nele, como o sentimento de culpa, desamparo e injustiça.

Vemos o peso que as instituições (família e escola) e seus respectivos discursos fazem com que ele se sinta confuso e perdido, tentando entender porque era tão perseguido, já que não fazia mal a ninguém, e aprendendo sozinho a melhor forma de se defender. O tempo todo sendo lançado a comentários maldosos e “piadas” para regular seu corpo (Livia & Hall (2010 [1997]; Louro, 2020; Garcia, 2021) durante uma fase crítica de autoconhecimento e conhecimento do mundo. Além disso, seu posicionamento narrativo é de cunho político (Bamberg, 2006), tanto que se for para desestabilizar alguém, não importando o status da pessoa, ele o fará em prol de desconstruir falas e posicionamentos homofóbicos. Sejam para se defender ou proteger o próximo (Goffman, [1955] 1980). Entretanto, é importante pontuar: não estou dizendo que João não teve um posicionamento político, mas a narrativa de William tem uma construção política mais marcante e presente.

Já no que concerne a nossa interação, inicialmente pensava que não teria tanta participação na construção de significados desta entrevista (Moita Lopes, 2001; Campos, 2013; Rollemberg, 2013) pois na análise anterior eu conhecia o participante e estava ciente das informações que foram mostradas, mas, nesse caso, era a primeira vez que conversava com o William. Principalmente sobre assuntos mais delicados como a sua experiência como um adolescente LGBTQIA+. Porém, o fato de não sermos íntimos não me impediu de dar suporte em diversos momentos de seus relatos, e até de me inserir neles num alinhamento que denota uma forma de cocriação de uma coletividade nossa (Snow, 2001).

Durante o desenhar da sua narrativa, William e eu fomos construindo um senso de “agentividade coletiva” (Snow, 2001), a qual ambos percebíamos e compreendíamos a dor do outro. E ao mesmo tempo refletíamos sobre as atividades sociais as quais ele foi subjugado. Era um lugar seguro. Mesmo que houvesse a possibilidade de uma hierarquia na interação por conta da minha posição de pesquisadora, em nenhum momento isso impediu este movimento e a

criação de um senso de coletividade (Snow, 2001), trazendo uma horizontalidade para a interação. De certa forma, eu reforçava e sustentava uma *face* (Goffman, [1955] 1980; 1967) de colaboradora para com aquilo que me era contado, seja resumindo, seja comentando as suas narrativas, como se fosse uma conversa informal entre dois amigos, coconstruindo e ressignificando signos sociais.

*"I'm on the right track, baby,
I was born to be brave"
(Born This Way - Lady Gaga)*

8 Reflexões momentâneas

Nesta seção irei desenvolver algumas reflexões acerca dos dados apresentados e analisados nesta pesquisa. É importante frisar novamente que, por me pautar na perspectiva e *agenda política* da Linguística Aplicada Contemporânea (Celani, 1992; Moita Lopes *et al*, 2006, 2013; Rajagopalan, 2011; Tilio; Mulico, 2016), chamo este capítulo de reflexões momentâneas justamente por não estar focada em concluir algo, achar respostas definitivas e verdades absolutas, mas trazer à baila questões que considero serem de suma importância para a nossa sociedade com o intuito de dialogar e, quem sabe, construir um futuro com menos exclusões, preconceitos e homofobia. Com isso, considero ser necessário recapitular os propósitos de investigação deste trabalho:

- Gerar inteligibilidade acerca dos discursos que reproduzem situações de micro violências para com pessoas LGBTQIA+, e como eles estão enraizados na nossa sociedade;
- Refletir a respeito dos possíveis impactos advindos de tais construções discursivas e situações de micro violências institucionais, além de olhar para como esses corpos estão constantemente sendo subjugados e regulados pela sociedade, e;
- Por fim, como os entrevistados constroem seus posicionamentos narrativos diante dessas situações.

Primeiramente, ambas as entrevistas apresentam uma característica importante em comum: tanto João como William constroem suas experiências narrativas através de *histórias de vida* (Linde, 1993), pois são momentos marcantes de suas vidas, os quais contribuíram na construção desses sujeitos. E, através dos relatos dessas experiências, se pode ressignificar, avaliar e coconstruir signos e significados. Ambos constroem essas narrativas a partir de pequenas histórias (Georgakopoulou, 2008), micro situações que vão compondo o todo, o

macro: as vivências de adolescentes gays e as situações de micro violências institucionais.

João, por exemplo, se constrói como uma pessoa que aprendeu duramente a lidar sozinho com seus conflitos, e seu posicionamento narrativo (Bamberg, 1997), na maior parte do tempo, é construído como passivo e à mercê daquilo que acontecia à sua volta, se posicionando a partir das pessoas e suas atitudes para com ele (*Ibid.*, 1997). Ao fazer o movimento de narrar a sua vida, ele pode vir a ter um olhar diferente sobre as suas experiências, ressignificar e reavaliar essas situações (Linde, 1993). Por conta disso, há uma presença constante de movimentos avaliativos em suas narrativas, sendo eles, em sua maioria, morais e negativos a respeito das suas vivências e micro violências sofridas (Linde, 1997). O possível impacto que essas experiências lhe proporcionaram é visível nos momentos em que ele precisa criar facetas (Goffman, [1955] 1980), tanto em casa quanto na escola, como forma de sobrevivência. Em muitos momentos, seu corpo era regulado (Livia & Hall (2010 [1997]; Louro, 2020; Garcia, 2021) a partir de discursos religiosos, os quais geravam nele conflitos acerca do que era certo ou errado.

Quando falamos sobre William, vemos um homem que vai se construindo, ao longo da sua trajetória e processos narrativos como uma pessoa que não entendia porque aquelas micro violências aconteciam com ele. Partindo desde o ponto em que, quando criança, tenta se encaixar e arrumar uma maneira de se defender, criando e sustentando *faces* (Goffman, [1955] 1980) constantemente, até o momento atual, no qual seu posicionamento (Bamberg, 1997) não se constrói mais através das pessoas e suas ações, mas se manifesta de forma mais assertiva, não deixando mais que ninguém passe por cima dele. Além de, assim como João, avaliar (Linde, 1997) e construir a sua experiência como solitária e com falta de amparo.

Ademais, outros pontos importantes podem ser levantados em consideração a partir desses excertos. Entrar em contato com tantas narrativas e histórias de vida (Linde, 1993), me fizeram também interagir com os meus próprios questionamentos e coconstruir novos significados com eles (Moita Lopes, 2001; Fabrício; Bastos, 2009; Campos, 2013). Foram momentos difíceis,

narrados em histórias delicadas, as quais tratei com o máximo respeito. Nelas, latente o impacto dos discursos institucionais- familiares, religiosos e escolares-, que mostra o quão nocivo pode ser para as pessoas que as experienciam. Desde muito cedo são corpos marcados, julgados e categorizados (Livia & Hall (2010 [1997]; Louro, 2020; Garcia, 2021). Nomes, comentários, “brincadeiras” e discursos cerceadores que perpetuam uma cis-heternormatividade compulsória (Butler (2003 [1990]; Lewis, 2017; Borba, 2014; 2015; Garcia, 2021).

E, novamente, apesar do foco das minhas análises estarem direcionadas a histórias específicas de homens gays, brancos, sei que falo com e para um público maior. Tenho absoluta consciência que toco em feridas as quais vão para além do que é possível ser mensurável neste trabalho. Feridas as quais o nosso país, quiçá o mundo, ainda não consegue estancar. Números foram apontados durante os capítulos iniciais desta pesquisa, mas é importante pontuar que, não são somente números, são pessoas. São pessoas que viraram números em uma estatística cruel e dolorosa. E essas pessoas não puderam estar vivas hoje para lutar por um futuro melhor, pois lhes foram arrancadas essa possibilidade. Não puderam vislumbrar um mundo onde seus corpos não são mero objetos, regulados e regulamentados (Livia & Hall (2010 [1997]; Louro, 2020; Garcia, 2021) por uma sociedade homofóbica e machista.

Por conta disso, no que tange às contribuições deste trabalho para o campo dos Estudos da Linguagem e para as áreas de pesquisa sobre gênero e sexualidade, penso que seja de suma importância abordar este tema e trazer para a roda tais discussões. Pois, a partir do momento que geramos entendimentos sobre essas situações de micro violência é que será possível ter algum movimento em direção a mudanças. Não me posiciono aqui como uma pesquisadora revolucionária com a intenção de que este trabalho seja a chave para a mudança e em busca de soluções, mas acredito que possa ser o primeiro passo para, pelo menos, questionarmos nossos discursos como sociedade.

Milhares de pessoas morrem todos dias nesse país. Seja pelas mãos do projeto de necropolítica (Lima, 2018) presente na nossa sociedade, pelas condições precárias por conta da falta de políticas públicas eficientes para a população, ou somente por conta de sua orientação sexual e/ou expressão de

gênero. Ir em direção contrária ao sistema de poder que paira na sociedade, por muitas vezes, custa uma vida. É preciso ter coragem para resistir e persistir.

Refletir e pensar sobre as vivências analisadas neste trabalho faz com que possamos posicionar uma lupa sobre situações diárias e normalizadoras, que na verdade são extremamente violentas. Compreender que atos de violência não são apenas aqueles que deixam marcas físicas, mas também são aqueles que trabalham de forma simbólica e verbal. Impedir que alguém tenha o básico para sobreviver é violento. Tirar a vida de alguém por ir contra as suas ideologias é violento. Comentários “despretensiosos” e “piadas” de cunho homofóbico como forma de humilhação e descontração com os amigos (Souza, Silva e Faro, 2015; Pompeu & Souza; 2019; Teischmann, 2021), é violento. Considero importante o papel deste trabalho acadêmico para que tenhamos a oportunidade de repensarmos os nossos posicionamentos como seres sociais, principalmente se buscarmos a mudança e desconstrução de padrões violentos e coloniais de uma sociedade criada em cima de sangue, dor e subjugação do outro.

Referências Bibliográficas

ALFAGEME, A. Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia. El País, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html. Acesso em: Julho de 2021

ALMEIDA, S. L. Racismo Estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra - 1ª edição. Coleção Feminismo Plurais, 2019.

ARAÚJO, E. P. Cada luto, uma luta: narrativas e resistências de mãe contra a violência policial. 2021. 258 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.54816>

BAMBERG, M. Positioning between structure and performance. Journal of Narrative and Life History, n.7, p.335-442, 1997.

_____. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In Lopes, L.P.M. e Bastos. (Org.) Identidades: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____, M. Stories: Big or small: Why do we care? Narrative – State of the Art, v.16, n.1, 139–147, 2006.

BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – Uma introdução ao estudo da narrativa. Calidoscópio, vol 3, no.2, maio/agosto, 2005.

BASTOS, L. C; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 31, p. 97-126, 2015.

BIAR, L. A. “Realmente as autoridades veio a me transformar nisso”: narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. 2012. 246 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.20691>

_____. Trabalho de face e estigma no encontro interacional misto: um estudo de polidez aplicado ao contexto prisional. Linguística, v.31, n.1, p.127-145, 2015.

BIAR, L. A.; ORTON, N; BASTOS, L. C. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 21, n. 2, p. 231-251, maio/ago. 2021.

BLIX, B. H.; CLAINE, V.; CLANDININ, D.J.; BERENDONK, C.; Considering Silences in Narrative Inquiry: Na Intergenerational Story of a Sami Family. *Journal of Contemporary Ethnography*, v.50, n.4, 2021, p. 580-594

BORBA, R. A Linguagem Importa? Performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*. Vol. 43, p. 441-474, 2014.

_____. *Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem*. *Entrelinhas*, vol. 9; nº 1, p. 91 – 107, 2015.

_____. *Conhecendo a Linguística Queer: entrevista com Rodrigo Borba*. *Revista X*. Curitiba, vol. 14; nº 4, p. 8 - 19, 2019.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2003.

BRUNER, Jerome. *A psicologia popular como um instrumento da cultura*. In: *Atos de significação*. Porto Alegre, Artes Médicas, [1990] 1997, p. 139-64.

BLUME, B. A. *O que é homofobia?*. Politize! Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://www.politize.com.br/homofobia-o-que-e/>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

BRASIL, Constituição (1988). Título II dos direitos e garantias fundamentais. Capítulo I dos direitos e deveres individuais e coletivos. Art 5º. *Lex-Coletânea de Legislação e Jurisprudência: legislação federal e marginália*, São Paulo, v. 59. Out./Dez. 1995.

BRASIL CONTINUA SENDO O PAÍS QUE MAIS MATA PESSOAS LGBT'S NO MUNDO, REVELA ESTUDO DO GRUPO GAY DA BAHIA. Agência de Notícias da AIDS. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-lgbts-no-mundo-revela-estudo-do-grupo-gay-da-bahia/>

BRASÍLIA (Distrito Federal). Decreto 8.727 de 29 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm

BRONZE, G. Seis em cada 10 pessoas LGBTQIA+ perderam renda ou emprego na pandemia. *CNN Brasil*. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/seis-em-cada-10-pessoas-lgbtqia-perderam-renda-ou-emprego-na-pandemia/>. Acesso em: 08 de setembro de 2022.

CAMPOS, S. I. F. *A entrevista de pesquisa: um empreendimento coletivo*. In: *A Entrevista de Pesquisa na Pesquisa Qualitativa*. BASTOS, Liliana

Cabral; SANTOS, William Soares (orgs). Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, p. 101- 134, 2013.

CASTRO, D. LGBTfobia é uma das fortes causas de abandono escolar. Tv Brasil. 2017. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/07/lgbtfobia-e-uma-das-fortes-causas-do-abandono-escolar>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é a Linguística Aplicada? in: PASCHOAL, M.S.Z. & CELANI, M.A.A. (orgs.). Linguística Aplicada: da Aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992.

COSTA, F. C. L. H. OLHOS QUE FUZILAM O DIFERENTE: Disputas e trajetórias textuais da sexualidade de militares gays. 2022. 245f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.5806>

CRISTÓVÃO, L. S. G; Negociações com o armário: homossexualidades e estigma em narrativas de história de vida. 2016. 256 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.27368>

CRUZ, C. A. G; BASTOS, L. C. Histórias de uma obesa: a teoria dos posicionamentos e a (re)construção discursiva das identidades. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 3, p. 367-384, set./dez. 2015.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, p. 15-42, 2006.

DIA INTERNACIONAL CONTRA A LGBTFOBIA: MORTES FORAM SUBNOTIFICADAS NO ÚLTIMO ANO. 2021. Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/17/dia-internacional-contra-a-lgbtfobia-mortes-foram-subnotificadas-no-ultimo-ano>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

DIREITOS DA POPULAÇÃO LGBTI+ [HOMOFOBIA] POR TONI REIS. 1 vídeo (12 minutos e 28 segundos). Publicado pelo canal Escola Superior do MPPR. Disponível em: <https://youtu.be/t83R4wZahsQ>. Acesso em: 19 de agosto de 2022.

ESCOLA, Equipe Brasil. "O que é homofobia?" Brasil Escola, [s.a]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/homofobia.htm>. Acesso em: 29 de ago. 2022.

ESCOLA SEM PARTIDO. 2004. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org>. Acesso em: 08 de setembro de 2022.

FABRICIO, B. F; BASTOS, L. C. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias; BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro; PEREIRA, Tânia Conceição (orgs). Discursos socioculturais em interação. Rio de Janeiro, Garamond, p. 39-66, 2009.

_____. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editora, 2006. p. 45 a 65.

FIGUEIREDO, A. B. Entre controle e repressão: narrativas sobre a construção de experiência da relação de LGBTQIA+ com seus familiares. 2022. 167 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.59205>

FOUCAULT, M. História da Sexualidade: vontade de saber. Tradução: Maria Thereza. C. Albuquerque e José A. G. Albuquerque. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra. [1976] 2020.

GARCIA, C. O acesso à educação para a população trans e a importância de políticas de permanência. Portal do Aprendiz. 2019. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/07/26/o-acesso-educacao-para-populacao-trans/>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

GARCIA, R. M. Corpos estigmatizados na Educação Física: distanciamentos e aproximações de um reconhecimento legítimo. Revista Ponto de Vista. Viçosa, vol. 2; nº 10, 2021.

GOMES, A. R. C. Gênero e sexualidade na escola. XI Congresso de Educação EDUCERE (PUC-PR), 2013.

GOFFMAN, E. A Elaboração da Face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1955] 1980, p. 76- 114.

GOFFMAN, Erving. Interactional ritual: Essays on face-to-face interaction. Garden City, NY: Doubleday, 1967.

HOMOFOBIA: CONCEITO, ETIMOLOGIA DA PALAVRA E CONSEQUÊNCIAS DO ATO. Portal Geledés. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/homofobia-conceito-etimologia-da-palavra-e-consequencias-do-ato/>. Acesso em: 29 de ago. 2022.

KUMARAVADIVELU, B. Critical Classroom Discourse Analysis. TESOL Quately, vol. 3, n.3, 1999.

LABOV, W. Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. Ed. Essays on the verbal and visual arts. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LEWIS, E. S. “Não é só uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. 267 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.20671>

_____. Teoria(s) *queer* e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa. In: (Org.) MACEDO, E.; RANNIERY, T. Currículo, sexualidade e ação docente. 1ª edição - Petrópolis, Rio de Janeiro. DP et Alii, 2017.

LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 20-33, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 mar. 2023.

LINDE, C. Life Stories, The Creation of Coherence. New York. Oxford University Press. 1993.

_____. Evaluation as linguistic structure and social practice. In: GUNNARSON, B. L.; LINELL, P.; NORGBERG, B. (Eds.). The Construction of Professional Discourse. UK: Addison-Wesley Longman, 1997.

LISTA APONTA 72 PAÍSES DO MUNDO PERIGOSO PARA SER GAY. Queer.lg, 2021. Disponível em: <https://queer.lg.com.br/2021-03-13/lista-aponta-72-paises-do-mundo-perigosos-para-ser-gay-veja-quais.html>. Acesso em: 08 de setembro de 2022.

LIVIA, A.; HALL, K. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010 [1997]. p.109-127.

LOURO, G. L. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. Contemporânea— Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, vol. 2, nº. 2, jul-dez 2012, p. 363-369.

_____. Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: Um Corpo Estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3ª edição – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020 [2001].

_____. Marcas do Corpo, marcas de poder. In: Um Corpo Estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3ª edição - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

LGBT. Wikipédia. [s.a]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

MARTINS, M. A. S. Quem somos nós e quem sou eu: uma análise discursiva das construções de identidade e de (não) pertencimentos em narrativas de experiências migratórias. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.57177>

MATOS, C. O Brasil é o país com o maior número de LGBT+ assassinadas. Congresso em Foco. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/brasil-e-o-pais-com-maior-numero-de-pessoas-lgbt-assassinadas/>. Acesso em: 06 de setembro de 2022.

MEYER, E. J. "'But I'm Not Gay": What Straight Teachers Need to Know about Queer Theory" in: Queering Straight Teachers: Discourse Identity in Education, p. 15 - 29, 2007.

MILANI, T; WOLFF, B. Queer skin, straight masks: same-sex weddings and the discursive construction of identities and affects on a South African website, *Critical Arts*, 29:2, 165-182, 2015. Disponível em: DOI: 10.1080/02560046.2015.1039203

MISHLER, E. "Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo". In: MOITA LOPES, L. P. e BASTOS, L. C. (Orgs.) *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p.97-119.

MISHLER, E. G. The Analysis of Interview-Narratives. In: SARBIN, T. R. (Ed.). *Narrative Psychology: The Storied Nature of Human Conduct*. New York: Praeger, p. 233-255, 1986.

MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MOITA LOPES, L. P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro, Edições IPUB, 2001.

_____. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. (Org.). *Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramento escolares*. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente - Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

MUNIZ, K. S. Piadas: conceituação, constituição e práticas. Sínteses - Revista dos concursos de Pós-graduação. Vol. 10. p. 379-390. Campinas, São Paulo, 2005.

PINHEIRO, E. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. Brasil de Fato. São Paulo, 21 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em maio de 2022.

POMPEU, S. L. E; SOUZA, E. M. A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. Revista Organizações & Sociedade - v. 26, n. 91, p. 645-664, out./dez. 2019. DOI: 10.1590/1984-9260912

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, p. 149-168, 2006.

_____. Ponderações sobre Linguística Aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. In: Revista de Letras Norte@mentos. Mato Grosso, vol. 4; nº 8, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.30681/812>.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Entrevista de pesquisa: oportunidade de coconstrução de significados. In: A Entrevista de Pesquisa na Pesquisa Qualitativa. BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares (orgs). Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, p. 37- 46, 2013.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation. Language, Baltimore, vol. 50, nº 4, p. 696-735, 1974.

SANTOS, A. P. O Humor como estratégia de resistência na série “marcha dos vadios”. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais eletrônicos). Florianópolis, 2017.

SEDGWICK, E. K. A Epistemologia do Armário. In: Cadernos Pagu. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

_____. Between Men. English Literature and Male Homosocial Desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SOUZA, J. M; SILVA, J. P; FARO, A. Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. São Paulo. Vol. 19; Nº 2, p. 289-297, 2015.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SNOW, D. Collective Identity and Expressive Forms. Scholarship Repository, University of California, <http://repositories.cdlib.org/csd/01-7>, 2001.

SPARGO, T. Foucault e a Teoria Queer: seguido de *Ágape* e êxtase: orientações pós-seculares. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TANNEN, D. Talking Voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse, Cambridge England;New York: Cambridge University Press, 1989.

TEISCHMANN, K. M. Homofobia recreativa: a dor do outro como elemento de humor. Ordem dos Advogados do Brasil, Mato Grosso, 2021. Disponível em: <https://www.oabmt.org.br/artigo/1613/homofobia-recreativa--a-dor-do-outr-o-como-elemento-de-humor>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

TILIO, R. C.; MULICO, L. V. Um olhar sobre a emergência da Linguística Aplicada Contemporânea na perspectiva dos Sistemas Complexos. In ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, vol. 60, nº 3, 2016. DOI: 10.1590/1981-5794-1612-1. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/7989>.

VELHO, G. Observando o familiar. In: Um antropólogo na cidade. Ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

WEINBERG, Georgee. Society and the healthy homosexual. New York: St Martin's Press, 1972.

10

Anexos

Anexo 1 – Transcrição da entrevista com João

Tempo: 19 minutos e 27 segundos

Participantes: Anna Paula e João

01 02 03	Anna	(.) ok deixa eu apertar aqui .hh (.) PRONTO. é:: eu <u>to gravando</u> e quero deixar ciente que você sabe que toda essa conversa está sendo gravado, <u>ok</u> ?
04	João	°sim, estou ciente°
05 06	Anna	<u>beleza</u> . é:: <u>tenta falar só mais um pouquinho</u> perto do microfone se for possível pra ver se vai sair a sua voz direitinho tá?
07	João	m- melhorou?
08 09 10 11 12	Anna	<u>melhorou</u> .hh TÁ, então vamo lá é:: eu meio que num num num pensei nas perguntas >porque eu quero que< seja realmente uma conversa <u>mais</u> do que realmente uma entrevista... é:: se...eu acho que vou até tirar aqui o °vídeo° porque ai fica voz e fica mais tranquilo pra gente falar tá?
13	João	hum tá bom
14 15 16 17	Anna	beleza é:: ENTÃO, eu tinha te perguntado inicialmente o:: que que você acha::va e tal:: sobre:: a importância de se falar nas escolas sobre questões de <u>gênero</u> , de <u>sexualidade</u> e etc e ai eu queria:: que você falasse aqui um pouquinho qual é a sua opinião sobre::
18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	João	(.) é, <u>então</u> é:: <u>naquela época</u> pra mim teria sido um diferencial <u>muito grande</u> ter alguém pra poder conversar sobre essas questões .hh até porque:: .hh eu:: eu hã...sozinho entre aspas eu era o único do meu grupo que lidava... com questões.... LGBTs.... .hh tinha uma outra pessoa, mas eu não era muito íntimo dela então:: <eu era <u>sozinho</u> > entre aspas. eu tinha alguns amigos, mas não <u>dava</u> pra contar muito com eles por:: questões pessoais minhas mesmo, eu não sentia <u>confiança</u> (.) <u>mas</u> se:: tivesse um professor, se tivesse alguma orientação acho que deveria ter sido melhor pra minha época porque:: era frustrante eu ter que lidar com todas as coisas que aconteciam comigo ou que passava na minha cabeça sozinho
29 30 31	Anna	hum....TÁ, então:: vamos só contextualizar um pouquinho você:: é:: um homem branco que se que se entende como gay, como homossexual, certo?
32	João	isso

33 34 35 36 37	Anna Anna	quando foi que você é:: entendeu isso sobre você e como foi pra você como adolescente numa escola pública onde não se tocava °muito° nesse assunto nos anos 2000 por ai né >que a gente não conversava tanto assim sobre essas questões< como é que foi pra você: é:: criar essa identidade, se entender como você é hoje?
38 39 40 41 42 43 44	João	(.) é:: eu.... desde pequeno eu já sabia que tinha alguma coisa entre aspas, não é o termo certo para se usar mas, é:: <u>diferente comigo</u> . eu:: não me via igual as outras pessoas, no caso os outros meninos, os outros homens... é:: >tinha muitas coisas que eles faziam< que eu não <u>gostava</u> e:: isso acabou me afastando muito e me <u>isolando</u> . eu tenho um problema com isso que quando eu não me encaixo nas coisas eu me isolo
45	Anna	hum
46 47 48 49	João	é:: <u>na minha adolescência</u> ... eu tive::>um diferencial ainda maior< porque:: (.) eu frequentava uma igreja eu:: era- fazia parte da Assembléia de Deus .hh e:: <u>tudo</u> o que eu <u>sentia</u> e <u>pensava</u> a respeito sobre LGBTs e:: esses assuntos eu considerava <u>pra mim errado</u> =
50	Anna	[hum]
51 52 53 54	João	=[porque::] .hh eu- era assim que eu tinha sido <u>criado</u> é:: que:: o que eu <u>sentia</u> e o que eu <u>pensava</u> .hh era <u>pecado</u> e eu ia para o <u>inferno</u> por conta <u>disso</u> ... então era (.) <u>difícil</u> de se lidar, era:: <u>bem complicado</u> mesmo
55	Anna	era um conflito <u>interno</u> , né
56 57 58 59 60	João	isso...conflito <u>interno e externo</u> também, porque .hh tem questões <u>familiares</u> , questões de outros amigos, amigos da igreja mesmo é:: porque:: todos eles me achavam estranho.... porque eu demonstrava muita coisa que <u>não era</u> pra demonstrar e...mas...não tinha o que fazer tá ligado? é:: <u>era complicado</u> ter que esconder...
61 62	Anna	ter que esconder quem você é porque:: você era <u>julgado</u> e não...quem você era é entendido como ser <u>errado</u>
63	João	isso
64	Anna	°ok°
65	João	era <u>difícil</u>
66 67	Anna	e <u>ainda mais</u> porque provavelmente na época você não <u>tinha</u> muita informações sobre isso né

68 69 70 71 72 73	João	pois é::, eu tive que descobrir as coisas por mim mesmo naquela época eu não tinha <u>ninguém</u> pra conversar .hh é:: a pessoa que era o outro amigo... ele tinha umas atitudes assim <u>erradas</u> que:: eu <u>sabia</u> que eram erradas mas na época eu <u>tive</u> que descobrir isso...e:: ((limpando a garganta)) eu tive:: que:: <u>aprender também</u> que <u>era errado... na prática...</u>
74 75 76	Anna	(.) hum...então você teve que <u>viver</u> na pele pra poder entender:: o que era o certo e o que era errado, o que podiam ou não podiam fazer com você e quem era você, <u>certo</u> ?
77	João	isso
78 79 80 81	Anna	e:: se:- ai voltando pra pra pergunta inicial, né se na escola:: - >na escola provavelmente< você não tinha, né ninguém <u>também</u> , eram:: muitas vezes eram brincadeiras que as pessoas só consideravam brincadeiras mas na verdade eram bem homofóbicas, né
82 83 84	João	.hh si:m, era::... eu::... (.) <u>naquela época...</u> existiam... <u>existiam não</u> , hoje - >não sei se eu<- como a gente não conversa mais eu não sei .hh se eu posso chamar essa pessoa de de mulher <u>trans</u> ou travesti =
85	Anna	[°hum°]
86 87 88	João	= mas na época ele era um homem <u>bem</u> afeminado (.) e:: o jeito que os outr- as as <u>outras</u> pessoas <u>zoavam</u> e <u>caçoavam</u> da cara dele era tipo assi:m (.) < <u>hoje em dia</u> se alguém fizesse i:sso eu não deixaria> =
89	Anna	[é pesado né]
90 91 92	João	= porque eram brincadeiras pesadas, eram <u>comentários</u> pesados...eram coisas assim que não deveriam ser ditas pra <u>ninguém</u> , mas =
93	Anna	[e ai ele te coloca-]
94 95 96	João	= estudava em uma escola <u>pública</u> , não tinha <u>ninguém</u> pra conversar e a gente não podia falar isso pra diretora porque .hh não era nada demais, °né° <u>pra</u> época, não era nada demais, era só:: uma brincadeira
97 98 99 100	Anna	e te coloca em uma posição muito difícil, né porque:: é:: você também >como tava num processo de autoconhecimento< você também não <u>tinha</u> como se posicionar porque:: é:: era difícil porque se você se posicionar -
101 102	João	[nem é:: porque...é porque eu não <u>podia</u> porque nem na época eu sabia o que que eu era (.)]

103	Anna	aham
104 105	João	entendeu? então, era, era complicado. era, era difícil e era bem complicado. eu ajudava no que podia, mas nem tudo dava pra fazer
106 107 108 109 110 111 112 113	Anna Anna	entendi...e ai:: é:: por isso que quando a gente conversa sobre:: é:: essas questões de as pessoas acham que é meio <u>ideológico</u> e tal e que a gente vai acabar influencia::ndo os alunos a serem gays e etc >como se isso fosse possível< .hh mas e quando a gente fala da importância de <u>encaixar</u> dentro da escola assuntos sobre LGBTQI+ sobre:: <u>machismo</u> , sobre:: <u>sexismo</u> , sobre:: essas coisas é- vai muito mais <u>além</u> do que teoria certo? é mais... é uma consciê::ncia sabe, tipo, ensinar:: <u>não ensinar</u> , mas deixar claro certas coisas sabe o que se pode ou não se pode fazer
114 115	João	[demonstrar que certos <u>comentários</u> que <u>certas situações</u> :: não são legais =]
116	Anna	[aham]
117	João	= são <u>misóginos</u> , são <u>homofóbicos</u> .hh =
118	Anna	[e pode machucar alguém]
119 120 121	João	= são transfóbicos principalmente e sim, e tem muita gente que sofre calada assim como eu <u>sofria</u> e não tinha ninguém pra conversar e isso acaba levando uma pessoa ao suicídio
122 123 124 125 126 127	Anna	exatamente, tipo ((gaguejando)) e se a professora... nem <u>tipo</u> ter uma aula específica sobre isso não se a professora ou algum colega ou alguém <u>yê</u> alguma coisa acontecendo é <u>sentar e conversar</u> com ele e falar sobre e perguntar e <u>ajudar a tentar entender, tipo, porque essa situação é errada porque que isso incomoda porque que isso aqui pode machucar o seu colega</u> entendeu
128 129 130 131	João	si::m pois é porque:: a a gente nã- <u>eu não tinha</u> até o meu segundo grau <u>eu não tinha</u> um professor que a gente olhasse assim e poderia talvez se identificar com ele em questões LGBTs porque:: no meu ensino fundamental <u>todo</u> sempre foram homens e mulheres =
132	Anna	[aham]
133 134 135 136 137 138 139 140	João	= mulheres casadas com homens e homens casados com mulheres e:: <u>num tinha</u> alguém assim que se, tipo, chegasse se tivesse alguma dúvida que eu <u>pudesse</u> tirar porque <u>as pessoas, os professores, os diretores e os organizadores</u> do colégio eles tinham uma mente muito <u>fechadas</u> entendeu eles não tinham uma mente mais <u>aberta</u> como muita gente tem hoje em dia e:: a gente num é <u>realmente</u> a gente não podia >procurar ninguém< no <u>colégio</u> , a gente não podia >procurar ninguém< em <u>casa</u> .hh e ai ficava esse conflito <u>interno</u>

141 142	Anna	é:: realmente porque às vezes a gente:: sei lá quer só um um acolhimento né...
143	João	<u>sim..</u>
144	Anna	um abraço
145 146 147	João	[às vezes a gente num] precisava de muito coisa a gente <u>só...</u> >precisa de alguém< que pudesse entender:: e. <u>pudesse...só... tá ali</u> pra ouvir, pra conversar....
148 149	Anna	pra dizer que o que você <u>sente</u> não é errado e que o que você é não é <u>errado</u> né
150	João	°isso°
151 152 153 154 155 156 157 158	Anna	(.) é é foi é muito difi- é é ho hoje em dia eu vejo que a gente teve um avanço muito grande né porque pelo menos as próximas gerações vão:: poder <u>ter</u> uma conversa mais franca, mais direta sobre isso porque quando a gente era adolescente a gente tratava tudo meio que na brincadeira por mais que a gente tivesse uma certa consciência sobre algumas coisas, a gente levava as coisas <u>muito</u> na brincadeira então, tipo, era tudo zoação:: era tudo não sei o que:: mas <u>machu::ca</u> °as pessoas° a gente não tinha consciência que <u>machuca</u> as pessoas =
159	João	[si:m]
160 161 162 163 164	Anna	= e a gente não tinha uma <u>abertura... também</u> e o:: uma <u>informação</u> tão grande quanto a gente tem hoje <u>pra</u> chegar nisso né porque hoje em dia com a internet é a informação é massiva sabe às vezes é até difícil porque a gente precisa canalizar pra poder:: é:: ver o que que realmente
165	João	[Absorver tudo]
166 167	Anna	é:: e também ver o que que realmente é relevante >porque também< tem algumas coisas que são meio loucas né
168	João	sim
169 170 171 172 173	Anna	mas:: e e <u>isso</u> é muito bom na nossa época não, na nossa época, tipo, tava crescendo ainda o <u>orkut</u> , tava crescendo ainda o <u>facebook</u> então a- o <u>twitter</u> tava nascendo ainda também então era é é an- o <u>nosso</u> acesso também ainda <u>tava</u> começando então a gente meio que passou é:: é da geração que tava tava na transição né da informação

174 175 176	João	() mas eu eu acho que hoje em dia por mais que a gente tenha acesso a tanta informação é:: a ain- ainda é:: era <u>bom</u> ter mais gente em colégios que pudessem ajudar
177	Anna	sim
178 179	João	Porque:: nem primeiro que nem todo mundo tem acesso a esses tipos de informações
180	Anna	aham
181 182 183 184 185	João João	principalmente em escola pública e:: nem por mais que a gente esteja em 2020 ainda assim ainda tem muita gente que:: olha pro lado olha pro outro e ainda não <u>tem</u> com quem conversar... pra nossa época- pra pra <u>minha época</u> já era bem complicado hoje em dia ainda é <u>menos</u> mas <u>mesmo assim</u> ainda <u>falta...</u>
186 187	Anna	é assim a gente tá em uma evolução grande mas ainda falta nada é é perfeito >pelo menos< o <u>debate</u> tá ai né o <u>debate</u> existe =
188	João	[i::sso]
189 190	Anna	= e a gente pode conversar ainda tá longe de ser perfeito e a gente conversa bastante sobre inserir esse tipo =
191	João	[hum]
192 193	Anna	= de assunto dentro da:: da escola porque >muitas pessoas< acham que isso é doutrinar entendeu? como se fosse até possível =
194	João	[hum]
195 196 197	Anna	= é é aquela coisa ridícula do escola sem partido >como é que você vai ter uma escola sem partido< se a- o <u>ato</u> de viver já é político principalmente se você é um LGBTQI+ =
198	João	[°sim°]
199	Anna	= o <u>ato</u> de você <u>estar</u> vivo é um ato político .hh porque =
200	João	[°sim°]
201 202 203 204 205 206 207 208 209 210	Anna	= muitas pessoas principalmente é:: trans e travestis elas <u>morrem</u> muito cedo entendeu então o ato de você <u>conseguir</u> estar <u>vivo</u> é extremamente político e então como é que você me quer uma escola neutra? não <u>existe</u> escola neutra. você vai ter uma escola com posicionamento seja ele um posicionamento é:: da direita seja ele um posicionamento da esquerda seja ele um- <u>vai ter</u> um posicionamento <u>vai ter</u> qualquer tipo de posicionamento que seja ele sempre vai existir ali porque <u>ensinar</u> é isso também e também o fato de você querer tirar certas coisas de dentro de sala de aula tipo <como é que você consegue tirar uma coisa que <u>faz parte da vida</u> ,

211 212 213 214 215		sabe? > não tem como você ensinar sem você inserir aspectos da vida então como é que você me quer ensinar o o o aluno a ser um cidadão no futuro ou ter o mínimo de de de consciência crítica se você não <u>pode</u> falar sobre esses assuntos dentro de sala de aula sabe, sobre esse assuntos ser tabu é:: ou você comentar =
216	João	[°é:: porque eles-°]
217 218 219 220	Anna	= com uma menina que não <u>podem</u> tocar no corpo dela sem a permissão dela ou você falar pra um menino que você não <u>pode</u> xingar o seu colega daquela forma porque <u>vai</u> magoar os sentimentos dele sabe =
221	João	[°é:: sim°]
222 223 224 225 226	Anna	= ou você falar para um garoto que não tem problema ele ser mais <u>afeminado</u> ou um pouco mais <u>sensível</u> isso não vai tirar a:: não vai definir a sexualidade dele tipo se ele for gay <u>tudo bem</u> também não tem problema mas você também pode ser um hétero que tem uma sensibilidade mais a florada e nem por isso você é gay entendeu
227 228 229 230 231 232	João	°sim sim° é porque eles não <u>querem</u> criar é:: eles não querem ensinar no caso eles querem <u>criar alguém</u> pra seguir assim ((limpando a garganta)) <u>uma li:nha</u> totalmente errada de raciocínio...eles não <u>querem</u> ensinar uma pessoa a ser independente eles querem .hh <u>criar</u> um ser humano com as ideologias deles que eles acham certo >mas na verdade é completamente errado<
233 234 235 236 237 238 239 240 241 242	Anna	Aham....exatamente. agora:: é:: mudando um pouco do do aspecto é:: escolar você falou dessa dessa dificuldade né:: do que você teve é:: pra poder:: entender quem você era até porque no seu contexto familiar você vem de uma família evangélica e ai você vai pro contexto escolar numa época em que na escola pública >a gente não tinha muita abertura pra falar sobre essas coisas< a gente não tinha com- a gente <u>não tinha</u> como conversar sobre isso então a sua adolescência foi um pouco difícil dessa construção né e ai você vai pra dentro de casa que você finalmente começa a entender o que você é:: como é pra você essa vivência?
243 244 245 246 247 248 249 250 251 252	João	(.) .hh <então>... <u>ainda</u> é um pouco complicado porque:: é:: eu não posso conversar isso com os meus pais porque:: primeiramente eles não sabem, °eu <u>não</u> conversei com eles° e eu nem sei se vou chegar a ter essa conversa é:: m- <mas eu já <u>tenho</u> uma certa independência> eu já <u>consigo</u> fazer as coisas sem depender deles <eu já <u>posso</u> fazer algumas coisas sem precisar que eles saibam de tudo> .hh e:: ((limpa a garganta)) e:: i::sso <u>vem</u> questões de certas coisas que se eu aprendesse ou <u>soubesse</u> na época da minha adolescência .hh hoje em dia eu teria uma pensamento melhor sobre

253		essas coisas porque como eu disse antes, muita das coisas eu tive que fazer pra saber se era certo ou não
254	Anna	hum
255 256 257	João	entendeu? então:: hoje em dia eu... <u>tenho</u> mais liberdade pra fazer as coisas sem precisar depender deles, mas tem certas coisas que eu tive que aprender na pele
258 259	Anna	então você meio que teve que se virar sozinho pra poder:: teve que errar e se virar completamente sozinho pra poder::
260 261 262	João	pra poder <u>ter</u> uma base de conhecimento e poder algum dia se alguém precisar eu <u>orientar</u> e auxiliar essa pessoa a não cometer as mesmas coisas que eu cometi
263	Anna	aham, entendi. é:: e hoje em dia como é que você se vê?
264 265 266 267 268 269 270 271 272	João	.hh ah, <hoje em dia> eu sou:: mais tranquilo... sou mais <u>feliz</u> vamo por assim porque:: independente do que aconteça eu:: já <u>posso</u> ter a minha independência é:: se por um acaso acontecer de eu sair de casa eu já posso dar o <u>meu</u> jeito de:: poder arrumar um lugar pra poder ficar é:: e:: eu não preciso <u>ter que esconder</u> <mais quem eu sou> (.) não é uma coisa assim:: que eu antigamente era <u>necessário</u> fazer porque eu não <u>queria</u> que soubessem por contas religiosas e familiares hoje em dia o que eu faço... é aquela famosa “o que eu faço ou deixo de fazer já não é mais da conta de ninguém”
273 274	Anna	Aham....ok.... tá bom, acho que por enquanto é isso. eu vou ver se:: eu acho que agora já posso parar de:: de gravar

Anexo 2 – Transcrição da entrevista com William

Tempo: 17:10 minutos (transcritos: 10:13)

Participantes: William e Anna Paula

001	Anna	William você está ciente que essa conversa vai ser gravada, certo?
002	William	Sim
003	Anna	Beleza. É:: Então. Me conta mais ou menos como é que foi essa sua
004		experiência:: escolar. Você estudou em escola pública, escola
005		particular...?
006	William	Somente em escola pública
007	Anna	[°somente escola pública°]
008	William	[Desde o começo]
009	Anna	A vida inteira, né. Até... você fez universidade ou voc-
010	William	Só a universidade foi privada
011	Anna	Ata. Então me conta como é que foi como que foi essa experiência
012		escolar.
013	William	Assim, tranquilo em relação ao ensino. Nunca tive problema em
014		relação a qualidade do ensino. Hoje a gente vê que não era tão bom.
015		Poderia ter sido um pouquinho melhor. Mas:: é:: fora isso só os
016		problemas mesmo de bullying que a gente sempre sofre:: problemas
017		mais (.) pontuais assim, mas de resto... foi bem tranquilo
018	Anna	E você quer me contar como é que foi essa experiência de bullying?
019		Não precisa me dar detalhes se você não se sentir confortável, mas
020		como é que foi pra você:: porque você é:: gay, né. Certo?
021	William	Sim
022	Anna	Então... os seus bullings foi mais relacionado a sua sexualidade
023	William	Exato. Sempre, na verdade. É:: Porque:: é:: assim, é mais a educação
024		física, né. =
025	Anna	[Hum]
026	William	= o pessoal ia jogar bola e como eu não gostava, andava muito com as
027		meninas, é:: era o <u>último</u> escolhi:do... chamava a gente de nome, né,
028		de viadinho, de baitola de de vários nomes que a gente já conhece bem
029	Anna	Sim
030	William	E:: por um tempo eu escondia aquilo dos meus pais e tinha vergonha,
031		né. Lá em casa sempre foi dito que...é:: isso era <u>errado</u> , que isso era
032		<u>feio</u> . Não:: <u>exatamente</u> com essas palavras, mas sempre debochando,
033		né, fazendo piadinha. Então a gente sempre tem aquilo já:: (.) firmado
034		na nossa cabeça que não é uma coisa boa. >Então, a gente esconde dos
035	nossos pais porque não quer decepcionar. <	
036	Anna	Sim
037	William	Ai:: na escola ficava com isso. Só que chegou um tempo que aquilo
038		chegou a ficar pesado, mais pra perto do Ensino Médio ali, primeiro
039		ano:: mais ou menos é:: (.) onde começou a ficar um pouco mais
040		pesado. Pessoal xingava de nome e eu não tava mais gostando daquilo,
041		né. <u>Claro</u> que a gente nunca gostou, né. Mas é, a gente não tá mais
042		querendo ficar quieto.
043	Anna	É. Chega uma hora que não aguenta, né.

044	William	Isso. Chamavam os meus pais na escola, né. Mas não adiantava muita coisa. Acho que ele foi uma vez só pra me defender. Mas a resposta que eu tinha em casa é que, tipo, “se você não quer que eles falem isso com você, cê tem que mudar” [então eu parei de falar]
045		
046		
047		
048	Anna	[é porque o errado era você, né .hh]
049	William	Exato. Ai eu parei de falar. E eu comecei a a impor um pouco mais a frente, ali perto do terceiro ano. Pessoal já não falava tanto. (.) Até cheguei a qua::se:: fiquei com uma menina, <u>primeira vez</u> . Tava no segundo ano. Porque o pessoal me jogou em cima dela. Os héteros mesmo que tinham um pouquinho mais de respeito por mim. Agora, olhando pra trás, não sei mais se é respeito ou se foi uma brincadeira =
050		
051		
052		
053		
054		
055		
056	Anna	[Pois é]
057	William	= ai:: jogaram a menina em cima de mim e a gente ficou:: por uma semana mais ou menos. E o pessoal parou de falar da minha vida. (.) [E ai eu me empolguei naquela::] =
058		
059		
060	Anna	[é porque voc-]
061	William	= Imunidade
062	Anna	Aham. Você teve que provar a sua sexualidade para pararem de:: encherem o seu saco, né.
063		
064	William	Exato. Ai eu quase cheguei a pedir a menina em namoro. Tipo, na época eu não sabia de nada.
065		
066	Anna	Hum
067	William	Ai até que ela falou comigo “não vamos ser só amigos” ai eu falei “meu deus o que eu ia fazer da minha vida”. Não tudo bem. Tá ótimo. A gente continua sendo amigo. E hoje eu... meu deus, quase que eu fiz uma, uma merda pra esconder, né.
068		
069		
070		
071	Anna	Hum
072	William	Porque eu ia enganar a garota. Mas ai:: é::: deixei isso passar. Passei muito tempo sem nem conversar com outras pessoas em relação a... ficar com alguém, né. (.) Nunca flertei mais com alguém. E:: (.) desde que eu saí da da da escola ali eu decidi que eu ia (.) ser um pouco mais resistente a esse tipo de situação. Tipo, eu não ia ser mais complacente, eu ia responder se alguém falasse alguma coisa comigo. (.) Então ai:: eu fui pra Brasília morar com os meus tios. (.) E::: <u>lá eu</u> sofri bullying também, tipo, falaram alguma coisa... Só que dess- <u>lá eu respondia</u> . (.) Lá eu já: já falava. Mas é um ambiente particular. Não sei se interessa pra você.
073		
074		
075		
076		
077		
078		
079		
080		
081		
082	Anna	Pode falar. Não tem problema, você aqui você pode falar o que .hh o que sentir à vontade
083		
084	William	Era um curso pré-vestibular porque eu queria entrar na UNB
085	Anna	Hum
086	William	E ai teve um professor que ficava falando, debochando um pouquinho e... acabei discutindo com ele na hora de sair da da sala e era um dos dias que eu não tava muito e eu colocava o fone de ouvido, mas eu não ficava escutando música, só queria um pouquinho mais de silêncio, sabe?
087		
088		
089		
090		

091	Anna	Hum
092 091 093	William	Aí eu coloquei o fone de ouvido e ele pediu pra eu tirar. Eu falei: olha, não to muito legal deixa eu ficar com o fone. Ai ele: não, na minha sala ninguém fica. Falei “aff”, na época falava “aff”
094	Anna	(risos)
095	William	Levantei e saí.
096	Anna	Aham
097 098 099 100	William	Ai:: os meus amigos me contaram depois que, é:: “nossa, eu esperava mais, né... ele parece ser tão forte”. Porque na época eu malhava. “Esperava que ele fosse falar mais alguma coisa” Tipo, debochando, né.
101	Anna	Aham
102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112	William	É:: e depois eu fui falar com ele. Falei “olha, eu não aceito desrespeito de forma nenhuma. Eu não te desrespeitei. Eu pedi pra ficar de fone, não vou aceitar esse tipo de comentário.” E ai pediu desculpa e eu também pedi desculpa por ter esquentado e ficou por isso mesmo. Então eu comecei a a não aceitar mais esse tipo de comportamento. Na faculdade eu tava desenhando no quadro. Eu gosto de desenhar...peguei o pincel do professor, eu desenhei no quadro. E ele falou “hmm” é:: não lembro o que ele falou. ‘Viadinho’ uma coisa assim. Eu falei “Você tá maluco?” (.hh) “Não te dei intimidade pra falar comigo desse jeito.” Falei “Toma vergonha na cara, olha a sua idade.” Ai eu já respondia, entendeu.
113	Anna	Aham
114 115 116	William	Ainda mais que eu já era um pouco fortinho, a gente fica com um pouco mais de coragem porque se entrar em uma briga a gente consegue bater
117	Anna	(hh) Intimida mais, né
118 119	William	(.hh) Sim. Ai:: se não respeita por bem, respeita por mal. Ficou mais ou menos assim
120	Anna	Entendi. Você achou alguma forma de tentar se defender, né
121 122 123	William	É... hoje em dia eu já não, não penso mais dessa forma. Não gosto de briga, eu tento resolver na conversa... só que... eu... <u>imponho</u> que me respeitem
124	Anna	Hum
125 126	William	Não deixo ninguém mais falar e ficar quieto não. Eu dou um <u>sermão</u> na pessoa e faço ela ficar com vergonha de ter falado o que ela falou.
127	Anna	Hum
128	William	Por que:: poxa, 2021 já né
129	Anna	Pois é, né
130 131 132 133 134	William	Mas em relação a escola, sempre foi- não foi fácil, foi difícil por causa dessa parte. Eu tava crescendo, eu era uma <u>criança</u> , entendi porra nenhuma. Pra mim não fazia sentido nenhum as pessoas me xingarem daquela forma. Demorei muito tempo, assim, para descobrir o que era sexualidade. Acho que... tesão por alguém foi sentir lá pelos 12, 13

135		anos de idade. Então... não sabia muito o que que era, só era xingado
136		desde cedo, né.
137	Anna	Hum. Já ter rotularam e te taxaram muito antes de você mesmo se
138		entender, né.
139		Sim. Já tá encrustado, o jeito assim. Tem criança que tem aquele
140	William	jeitinho mais afeminado e e eu era assim quando era criança, então
141		eles caindo matando, né.
142		É que a questão dos estereótipos, né. Você não correspondia aos
143	Anna	estereótipos do que deveria ser um menino, entre muitas aspas, ai::
144		acabavam te taxando por conta disso, né.
145	William	Exatamente
146		É, deixa eu te perguntar... você:: em algum momento, é:: esse esse
147	Anna	bullying, essa essa coisa de ficarem te nomeando e tal, desanimou
148		você na questão dos estudos, de ir pra escola? perder a vontade de ir
149		pra escola, essas coisas.
150		Várias vezes. Desanimava bastante. Eu perdia muitas aulas de
151	William	Educação Física, principalmente porque era o momento em que eu
152		mais sofria bullying.
153	Anna	Hum
154		É... “Ah William, se mexe!” Era o último a ser escolhido. Quem
155		acabava comigo porque eu era o último a ser escolhido, o outro time
156	William	ria. Então era bem desconfortável. Ai eu fiquei, acho que com duas
157		notas vermelhas no boletim do Ensino Fundamental e Médio. Por
158		causa desse problema.
159	Anna	Hum
160	William	Porque eu não queria fazer as aulas. Falavam “Oh William, se você
161		não fizer as aulas vai para a coordenação”. Eu levantava e ia.
162	Anna	Porque você não se sentia confortável ali, né.
163	William	Sim.
164	Anna	E você acha que se os professores soubessem lidar melhor com essas
165		situações teria te ajudado em algum momento?
166	William	<u>Com certeza</u> . Porque muitas vezes... o desamparo maior que a gente
167		ficava revoltado era que o professor via tudo e não fazia nada.
168	Anna	Hum
169		É:: várias vezes me <u>xingaram</u> de gazela, coisas do tipo na frente da
170		professora e a professora não falou nada. Olhando pra professora e ela
171	William	falou nada. Eu olhei pra Vanessa e falei assim “você não vai fazer
172		nada?” Ai eu levantei e fui pra coordenação. É:: (.) vários momento
173		assim na na Educação Física, principalmente, que eu falei que
174		acontecia mais, o pessoal ria, faziam alguma coisa e ela não impunha
175		respeito... a gente esperava mais dos professores, sempre.
176	Anna	Hum. E da coordenação também, né. Porque de alguma forma todo o
177		corpo docente da escola =
178	William	[Todo o corpo docente]
179	Anna	Não fazia nada ou botavam a culpa em você como o seu pai ficava
180		fazendo contigo, né.
181	William	É, porque acabava sendo sempre eu o punido, né. Por não querer tá ali